

PAULA ORCHIUCCI CERANTOLA MIURA

**TORNAR-SE CATADOR:
UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL**

PUC-SÃO PAULO

2004

PAULA ORCHIUCCI CERANTOLA MIURA

**TORNAR-SE CATADOR:
UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL**

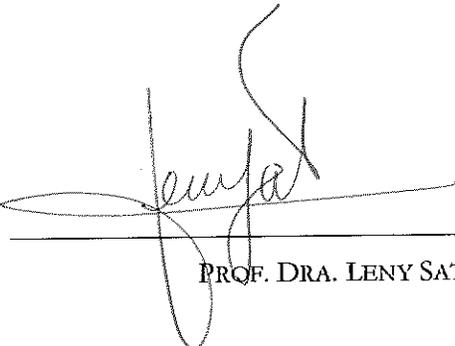
Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social.

Orientadora: Prof. Dra. Bader Burihan Sawaia

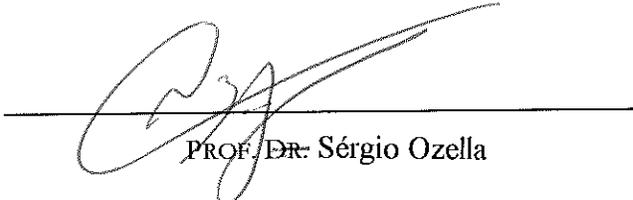
PUC-SÃO PAULO

2004

BANCA EXAMINADORA



PROF. DRA. LENY SATO



PROF. DR. Sérgio Ozella



PROF. DRA. BADER BURIHAN SAWAIA

Dissertação defendida e aprovada em: .30/04/2004

Dedico esta dissertação aos
grandiosos catadores, que me fizeram ver as
pequenas maravilhas da vida. E me mostraram
que as grandes dificuldades tornam-se pequenas
quando somos grandes humanos.

AGRADECIMENTOS

Nas relações de troca de amor, carinho, paixão, companheirismo, que potencializaram meu ser na escrita desta dissertação, agradeço especialmente:

Aos maravilhosos catadores, com quem me relacionei, me emocionei e me envolvi, compartilhando seus desejos e lutas por vidas mais dignas, alegres e saudáveis; com quem tive muitos bons encontros, que me contagiaram de alegrias, sonhos, desejos, forças, esperanças, fazendo-me refletir acerca da vida humana não pela teoria, mas pela prática das paixões.

Aos funcionários da Secretaria de Relações do Trabalho de Guarulhos: sem seu apoio não seria possível realizar esta pesquisa nem aprender maravilhosas lições de vida.

À espetacular amiga, Teresa Lourenço, revisora da dissertação e acompanhante da pesquisa e teve que se lembrar de mim em muitas madrugadas.

Ao meu supermarido, que me ensina a cada dia a insistir, persistir, e a não abandonar os sonhos, a quem agradeço amorosamente.

Aos meus maravilhosos pais, que sempre me apóiam, sempre me incentivam em meus sonhos e desejos; e aos meus irmãos, pela amizade e companheirismo que potencializam minhas forças.

Ao meu avô, que sempre comemorou os meus pequenos e grandes momentos da vida; à minha avó, que venceu todos os obstáculos, que até mesmo a morte conseguiu conquistar em um momento tão dolorido e triste; e à minha atenciosa tia, pelo seu grande incentivo.

À minha grandiosa orientadora, a quem agradeço por sua atenção, sua preocupação e seu apoio.

À minha excepcional amiga Fátima Fontes, pelo salto que me fez dar na vida pessoal e profissional.

Às minhas espetaculares amigas do Mestrado: a irreverente Marina Guzzo, que faz todos brilharem a sua volta; a índia Maíra Pedroso, que enfeitiça qualquer um com sua imensa espiritualidade; a dedicada Ana Karina, pelo seu apoio; a sócio-histórica Elisa Rosa, que vive a teoria da vida; a delicada pequena grande Karla.

Ao CNPq, que possibilitou o desenvolvimento de minha pesquisa, um apoio sem o qual nada disso seria mostrado e nenhuma pesquisa realizada.

OPERAÇÃO KATA-KATA
(HINO OFICIAL DA CATEGORIA)



Foto 1: José e Caio catam no ônibus com destino a um encontro dos catadores.

AUTORIA: *José*
(catador de materiais recicláveis)

Apanhador de papel jogado no chão
É útil o seu trabalho é nobre a sua missão
A sociedade precisa do seu trabalho “irmão”

Operação kata-kata papel jogado no chão
Cidadania é preciso no solo desta nação
Não é justo excluir nem negar a inserção
Apanhador de papel também é cidadão

Catadores das ruas e também do lixão
É útil o seu trabalho é nobre a sua missão
A sociedade precisa do seu trabalho “irmão”

Será preciso agir sociedade em ação
Reconhecendo o trabalho deste nosso “irmão”

Não é justo excluir nem negar a inserção
O catador meu amigo também é cidadão.

RESUMO

MIURA, Paula Orchiucci C. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. São Paulo, 2004. 166p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O aumento do desemprego tem contribuído acentuadamente para o crescimento da ocupação de catadores de material reciclável nas ruas dos grandes e médios centros urbanos brasileiros. Essas pessoas vivem, em geral, à margem dos direitos sociais, excluídas do mercado de trabalho, com baixos índices de escolarização e ausência de capacitação técnica de todo tipo, além de, muitas vezes, terem condições de saúde comprometidas. Sendo assim, a atividade de catar lixo reciclável representa uma certa forma de inserção social. O lixo e a catação se constituem, então, no centro de suas vidas, em suas relações e emoções, sofrimento e alegria.

O presente trabalho tem como objetivo investigar como o processo de exclusão–inclusão social se particulariza no dia-a-dia desses catadores, desde o início de sua história de exclusão, nos âmbitos familiar e escolar, até a atual ocupação; analisa relações interpessoais (vínculos e rupturas), sofrimentos, sentidos, afetos e, também, a relação saúde–doença como uma das dimensões reveladoras de sofrimento. As informações obtidas foram registradas em diário de campo e gravador, tendo a pesquisa sido realizada por meio de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Na observação participante, a pesquisadora acompanhou os catadores em suas atividades cotidianas de trabalho e nos encontros da categoria.

A análise dos dados revela que a história de vida dos catadores é toda marcada pela exclusão social, e a atual ocupação é, em si, na realidade, mais um sofrimento, dentre outros já sentidos em épocas anteriores. As emoções mais freqüentes são a vergonha e a humilhação, decorrentes sobretudo da discriminação e do preconceito. Em contrapartida, tornar-se catador pode ser também fonte de alegria. De um lado, por motivo ético, ou seja, pela possibilidade de o indivíduo recuperar a própria dignidade ao se inserir e ser reconhecido socialmente como trabalhador honesto, distinto de mendigos e de bandidos. De outro lado, por lhe dar a oportunidade de organizar-se e mobilizar-se coletivamente na luta por melhores condições de trabalho e de vida, traduzida na insistência do grupo em oficializar nacionalmente este trabalho como profissão ou, ainda, em mudanças na própria rotina da catação de material reciclável, que pode se tornar menos isolada, mais organizada, mais limpa e rentável. Além disso, revelam sentir alegria quando essa atividade lhes permite obter itens até então inacessíveis, como, por exemplo, eletrodomésticos achados às vezes no lixo. Sobre a questão da saúde, esses catadores não acreditam que o trabalho de catação seja de fato um risco. Risco à saúde, para eles, é sobretudo não ter comida na mesa, não ter lugar para morar, nem roupa para vestir. Alegam que as doenças físicas provocadas pelo trabalho no lixo podem ser tratadas; já para a fome, não há cura.

Conclui-se que tornar-se catador, principalmente se participante de um grupo organizado, é uma possibilidade de potencialização da vida para aquele que se via excluído do mercado de trabalho e sem opções, prejudicado no que se refere à escolaridade e à preparação técnica.

Palavras-chave: dialética exclusão–inclusão; catadores de material reciclável; sofrimento ético-político; dignidade; potencialização; paixões tristes e alegres, saúde–doença.

ABSTRACT

MIURA, Paula Orchiucci C. *Being a collector: a psychosocial analysis*. São Paulo, 2004. 166p. Dissertation (Master's Degree in Social Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

The increase of the unemployment has increasingly contributed to the growth of the recyclable material collectors' occupation in the streets of the big and medium Brazilian urban areas. In general, these people live on the edge of the social rights, excluded from the job market, with low rates of schooling and absence of all kind of technical capacitation, besides, many times, they have compromised health conditions. That being the case, the activity of collecting recyclable garbage represents one way of social insertion. Then the garbage and the collection constitute, in the middle of their lives, in their relationships and emotions, suffering and happiness.

The present work has as objective to investigate how the social inclusion–exclusion process is particularized in these collectors' everyday life, since the beginning of their exclusion history, in the school and familiar ambit, until the current occupation; analyzes interpersonal relations (links and breakups), distress, feelings, affections, and also the relation health-disease as one of the revealing dimensions of suffering. The information obtained was registered in field diary and recorder; being the research made through participant observation and semi-structured interviews. In the participant observation, the researcher followed the collectors in their everyday job activities and in their category meetings.

The data analysis reveals that the collectors' history of life is all marked by the social exclusion, and the current occupation really is, itself, another suffering among others already felt in previous times. The most frequent emotions are shame and humiliation, which specially come from the discrimination and prejudice. On the other hand, being a collector can also be a source of joy. On one side, for an ethical reason, that is to the possibility of the person to regain his own dignity to insert himself and to be socially recognized as honest worker, distinct from beggars and thieves. On the other side, for having been given the opportunity of organizing and mobilizing themselves together in the battle for better conditions of work and life, translated in the insistence of the group to make nationally official this job as a profession or, even, in changes of the proper routine of collecting recyclable material, which can be less isolated, more organized, cleaner and profitable. Moreover, they reveal feeling happiness when this activity allows them to obtain items until then inaccessible, as, for example, electrical appliances found in the garbage sometimes. About the health issue, these collectors do not believe that the collecting work is a risk indeed. For them, health risk is, above all, not having food on the table, not having a place to live, neither having clothes to dress. They affirm that physical diseases caused by the work in the garbage can be treated; for the hunger, there is not cure.

We can conclude that being a collector, mainly if he is member of an organized group, is a possibility of life potentialization for those who saw themselves excluded from the job market and without options, damaged in what refers to schooling and technical preparation.

Key words: exclusion–inclusion dialectic; recyclable material collectors; ethical-political suffering; dignity; potentialization; sad and happy passions; health-disease.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	19
REFLEXÕES SOBRE DIALÉTICA EXCLUSÃO-INCLUSÃO, AFETIVIDADE E POTÊNCIA DE AÇÃO.....	19
CAPÍTULO II.....	42
PROCEDIMENTO: SUJEITO E CONTEXTO DE PESQUISA.....	42
Análise de Dados.....	44
CAPÍTULO III.....	46
O GRUPO DE MULTIPLICADORES.....	46
o primeiro encontro com o grupo.....	47
o contrato.....	48
o terreno.....	50
o projeto.....	50
as perdas do grupo de multiplicadores.....	51
um fim e um recomeço.....	52
conclusão da pesquisa de campo.....	53
CAPÍTULO IV.....	55
AS HISTÓRIAS DOS CATADORES.....	55
A História de Dona Érica.....	55
A História de Romualdo.....	67
A História de Caio.....	76
A História de José.....	80
A História de Elisabeth.....	88
Fechamento das Histórias.....	107
CAPÍTULO V.....	109
AS ATIVIDADES DO TRABALHO.....	109
Relação Saúde–Doença.....	109
trabalho no lixão.....	109

<u>trabalho na rua.....</u>	<u>113</u>
<u>Sofrimento ético-político: preconceito, vergonha e exploração.....</u>	<u>119</u>
<u>Tornar-se catador: potência de ação.....</u>	<u>133</u>
<u>CONCLUSÃO.....</u>	<u>143</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>148</u>
<u>ANEXO I.....</u>	<u>152</u>
<u>ANEXO II.....</u>	<u>155</u>
<u>ANEXO III.....</u>	<u>157</u>
<u>ANEXO IV.....</u>	<u>161</u>
<u>ANEXO V.....</u>	<u>162</u>

INTRODUÇÃO

Desde 1998, segundo ano de graduação, venho desenvolvendo projetos científicos e tentando colocá-los em prática.¹ Como bolsista de Iniciação Científica, trabalhei em projetos de pesquisa durante os quatro anos de minha graduação, sempre com a população de excluídos-incluídos na área da saúde.²

As pesquisas desenvolvidas (de 1999 a 2002), enfocando grupos de portadores de insuficiência renal crônica e de lesão por esforço repetitivo – LER, tiveram como objetivo conhecer as bases sobre as quais se constrói a representação social dessas duas populações, de um modo geral, e a do próprio paciente renal crônico acerca de sua doença. Deste modo, pretendeu-se propor estratégias que privilegiassem sua melhor interação e integração enquanto sujeitos constituintes da sociedade. Constatou-se, no entanto, que tanto a população dos pacientes renais crônicos quanto a dos lesionados, embora diferentes entre si, foram ambas excluídas socialmente, por não conseguirem mais vender sua força de trabalho. Foi também possível apurar ocorrência de violências morais, vivenciadas por estes cidadãos em suas relações cotidianas, ligadas a discriminação, exclusão, humilhação.

Como mestranda, procurei continuar pesquisando e estudando o processo inclusão–exclusão vinculado à relação saúde–doença, mas, agora, com uma população diversa: a dos catadores de materiais recicláveis. O que há de comum nessas três populações? O elemento que se repete, e que provoca um grande sofrimento nessas pessoas, é o fato de serem excluídas – ou de sempre terem sido excluídas – do mercado de trabalho formal, vivendo em uma sociedade em que é justamente o trabalho que possibilita a construção de uma identidade não só profissional como pessoal, além de ser meio de reconhecimento e de valorização social.

Quando os indivíduos são identificados na sociedade como inválidos, como lesionados do trabalho (sendo, neste caso, denominados como preguiçosos em seus empregos) ou como catadores de materiais recicláveis, demarcam-se as formas de exclusão. Em cada caso, essas condições se dão de uma maneira específica e por motivos diferentes, mas afetam igualmente esses homens, que por natureza necessitam ser reconhecidos e expandir sua capacidade de existir.

Os catadores são discriminados, ainda, por causa de sua aparência suja, má vestida, por

¹ Como bolsista em 1998 da CPG, órgão da Universidade Estadual de Londrina que financia projetos científicos, e do CNPq Pibic, de 1999 a fevereiro de 2002, pude manter dedicação exclusiva aos trabalhos de pesquisa.

² Neste período, participei de congressos, palestras, simpósios e colóquios; na maioria dos congressos, apresentei os trabalhos de pesquisa que estavam sendo desenvolvidos à época, os quais foram publicados nos anais dos respectivos eventos.

mexerem com o lixo, com aquilo que é descartado sem cuidado e geralmente identificado com imundície; são discriminados, enfim, por viverem visivelmente à margem da sociedade. E esta exclusão social e do mercado de trabalho formal provoca, além de doenças físicas – uma vez que mexem com lixo insalubre e se cuidam precariamente –, sofrimento humano, pelo fato de serem estigmatizados e renegados cotidianamente pelo entorno social.

De acordo com pesquisas feitas pelo Cempre (Compromisso Empresarial para Reciclagem), há cerca de quinhentos mil catadores de materiais recicláveis no Brasil (*Folha de S. Paulo*, 20 jul. 2003, p. B6). O aumento verificado nos últimos anos ocorre paralelamente à elevação da taxa de desemprego, que passou de 12,4% para 12,8% entre abril e maio desse ano. Essa crescente presença dos catadores nas ruas brasileiras, com seu reflexo na economia do país, em organizações e movimentos, assim como em grandes fóruns e congressos, fez que, no final de 2002, o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE reconhecesse o catador de material reciclável como profissão.

A CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) é o documento que apresenta as normas e o reconhecimento da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro, sendo uma classificação por número e por descrição da ocupação. Nela, os catadores são registrados pelo número 5192-05, e sua ocupação é descrita como “catador de material reciclável”, que compreende: catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa).

A CBO aponta para as condições gerais desta ocupação. Diz que o trabalho é exercido por profissionais que se organizam de forma autônoma ou em cooperativas. Trabalham para venda de materiais a empresas ou a cooperativas de reciclagem. O trabalho é exercido a céu aberto, em horários variados. O trabalhador é exposto a variações climáticas, a riscos de acidente na manipulação do material, a acidentes de trânsito e, muitas vezes, à violência urbana. Nas cooperativas surgem especializações do trabalho, que tendem a aumentar o número de postos, como os de separador, triador e enfardador de sucatas.

A área de atividade³ do catador, discriminada pelo Ministério do Trabalho e Emprego na CBO, abrange: coleta de material reciclável e reaproveitável, entrada do material no local de trabalho – seja cooperativas, seja empresas –, separação do produto coletado, preparação do material para expedição, realização da manutenção do ambiente e dos equipamentos de trabalho, divulgação da atividade de reciclagem, administração do trabalho e trabalho com segurança.

³ Cada uma dessas atividades compreende outras, que estarão expostas no Anexo I.

Do ponto de vista sociológico, tornar-se catador é mais um exemplo da inclusão diferenciada ou da *inclusão perversa*, o que significa a inserção social dos excluídos, dos marginalizados, daqueles que não têm outro lugar na sociedade do trabalho a não ser como catadores de lixo reciclável. E viver do lixo é uma atividade de risco, alvo de preconceito. Já do ponto de vista psicossocial, essa ocupação é sentida por muitos deles como fonte de dignidade, sim, e modo legítimo de se obter renda, uma vez que conseguem dessa maneira se inserir como trabalhadores, diferenciando-se de mendigos e vadios.

No contato com esses catadores, fui sendo afetada por essas pessoas, que, ainda que tão humilhadas e discriminadas socialmente, conseguem, com o trabalho de catador, melhorar a qualidade de sobrevivência. Relatam ficarem felizes por terem comida na mesa, mas ao mesmo tempo tristes pela humilhação que sofrem.

(...) indo trabalhar à noite, fui um dia e não tive sorte. Não tinha papel nenhum na rua., indo trabalhar à noite. Fui um dia e não tive sorte: não tinha papel nenhum lá. Ai tem a Loja Macedo do lado, um monte de papel alumínio, de bicicleta, fogão,; é um comércio misto, mas mais de atividade doméstica. Ai tinha um com uns papel lá de fora, só aquele pouquinho de papel, saco de lixo já aberto e cheio de bicho, aqueles bichinho de moscas, tava em monte. Ai eu fui apanhar,... Quando eu fui apanhar o material, um rapaz me chutou por trás. Não reconheceu a minha pessoa e chutou por trás. E foi quando ele chutou, se não me equilibrasse eu tinha enfiado a cara dentro do saco cheio de bicho, eu botei as duas mãos no chão, soltei o papelão, botei as duas mãos no chão pra não cair. Ai levantei, não achei um espírito de coragem instantâneo, marchei em direção a ele pra dizer umas coisas pra ele. Eu digo: “Olha eu não sou o que você está pensando”. Eu tinha dentro de mim aquelas coisas de artista profissional, só tava ali porque eu tinha uma necessidade real: sobrevivência. Eu marchei em direção a ele. Ai ele correu.

Essa ambigüidade de emoções é constante entre eles e passou a chamar minha atenção, então, como participante do Nexin (Núcleo de Estudos Exclusão/Inclusão Social, da Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC/SP), interessei-me em analisar com mais profundidade essa ambigüidade de emoções.

O Nexin, sob orientação da Prof. Dra. Bader Burihan Sawaia, tem como objetivos: levantar a afetividade/vontade e traçá-la como guia analítico da dialética exclusão/inclusão, para captar as formas sutis de exclusão por trás da aparência de integração social; fazer uma revisão crítica das teorias psicossociais de afetividade, visando recuperar o papel positivo das emoções na constituição da subjetividade, entendendo-a como fenômeno ético-político; subsidiar a ação da

Psicologia Comunitária e a revisão dos indicadores de políticas públicas urbanas e de saúde, substituindo a perspectiva massificadora de garantia do direito à sobrevivência pela de qualificação da vida em sociedade, para garantir que a exclusão seja analisada na dimensão objetiva da desigualdade social, na dimensão ética da injustiça e na dimensão subjetiva do sofrimento; compreender a trama intersubjetiva da lógica excludente da ordem social, tal como vivido no cotidiano como inclusão social, com ênfase na análise da afetividade e do sofrimento ético-político; e elaborar uma práxis psicossocial de superação da servidão, inspirada na terapêutica das paixões de Espinosa.

Será que ser catador é exclusão, tristeza, dor, sofrimento, doença, ou pode ser fonte de alegria, de solidariedade, possibilidade de conquistar saúde, amizade, felicidade, ter barriga cheia e aluguel pago? Ou são as duas coisas ao mesmo tempo? Será que os catadores estão incluídos, uma vez que relatam estar felizes mas continuam vivendo em situações muito precárias, mesmo que suas condições de vida tenham melhorado em relação às condições anteriores?

Estes depoimentos ilustram casos de pessoas que, antes sem comida, ao se tornarem catadores passam a ter uma certa facilidade em consegui-la. Contam que há muita comida no lixo: *“era só lavar que ficava limpinha e estava pronta para comer; a nossa geladeira passou a ficar cheia”* (Dona Érica⁴). Ou então: *“Quando eu comecei a trabalhar no lixão, não faltou mais comida em casa. Um dia meu filho falou que queria comer pizza, aí eu falei pra ele: ‘Pode deixar que eu vou trazer sua pizza’. E era impressionante, Paula, porque, sempre que eu queria alguma coisa, caía. Aí, naquele dia, caiu uma pizza e eu levei pro meu filho”* (Elisabeth). O termo “cair” usado aqui pela catadora refere-se ao lixo trazido pelo caminhão aos aterros, pois, quando ele chega e abre a caçamba, o lixo cai.

Ter comida em casa é momento de alegria, de modo especial para aquelas pessoas que vivem na pobreza, como os catadores. Mas a comida que está chegando às suas casas são sobras jogadas no lixo, alimentos cujo prazo de validade já está vencido, que entraram em contato com a sujeira de outros lixos – enfim, é uma comida que pode estar contaminada e provocar várias doenças naqueles que dela se servem para se alimentar. Um exemplo disso foi um fato que comoveu o País em 1994, em que várias crianças que trabalhavam no lixão de Aguazinha, em Olinda/PE, foram hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido alimentos retirados do lixo. A suspeita era de que havia carne humana no lixo hospitalar, que era depositado a céu aberto com os demais resíduos da cidade.

⁴ Os nomes utilizados são fictícios, por decisão ética em manter o anonimato do participante. Todos eles foram consultados e aceitaram participar da pesquisa.

Quando, em 2002, realizei o levantamento bibliográfico para iniciar a dissertação, não encontrei muitos trabalhos sobre esse tema na área da psicologia, sendo, a maioria deles, da área de geografia, ecologia, serviço social, saúde pública, economia. Em se tratando de literatura científica, no final de 2002 e no 1º semestre de 2003, duas dissertações, a de Alan Dias (2002) e de Stella Nicolau (2003), foram defendidas na área da Psicologia Social na Universidade de São Paulo – USP.⁵ Quanto à presença desse assunto na mídia, nos últimos anos o trabalho de catação vem adquirindo maior visibilidade social e, então, pelo menos na *Folha de S. Paulo*,⁶ já foram publicadas grandes reportagens em todos os cadernos (principal, Cotidiano, Folha Teen, Folha Empresa, Caderno Especial).

Os catadores passam também a fazer parte da agenda do poder público: em 11 de setembro de 2003, foi criado o Comitê Interministerial da Inclusão Social dos Catadores de Lixo, com o objetivo de implementar ações voltadas à melhoria da qualidade de vida dessa população e a adequada destinação dos materiais recicláveis nos municípios (ver Anexo II). No dia 23 de dezembro desse mesmo ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi visitar o Projeto Oficina Boracéia, um albergue noturno modelo de São Paulo.

O problema, hoje, não está mais em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas sim em reconhecer seu direito às condições de trabalho, de dignidade e de vida para além da sobrevivência. Agora é preciso preocupar-se com o sofrimento gerado por essa atividade no que se refere a: discriminação, preconceito, saúde, projeto de vida.

Futuramente, com a coleta seletiva, os catadores tenderão a se inserir em alguma cooperativa formada pelos próprios parceiros. E isto seria o melhor, pois, quando organizados, têm um aumento de renda, uma vez que otimizam a coleta e os demais processos, bem como evitam com mais eficácia os “atravessadores”, buscando entregar mais diretamente o produto aos que vão reciclá-lo. E, organizados, conseguem também reivindicar com mais força seus direitos como cidadãos.

Um agravante se encontra, agora, na atuação das empresas que querem controlar os materiais recicláveis das cidades. Por exemplo, na cidade de São Paulo, a coleta do lixo está sendo terceirizada. Sendo assim, é provável que os demais centros de triagem de lixo reciclável – que deveriam ser administrados diretamente pelos catadores – passem a ser administrados por essas empresas. Neste caso, os catadores correm o risco de uma nova exclusão.

⁵ Pesquisa realizada nas bibliotecas da USP, da PUC/SP, e no *site* do CNPq (www.cnpq.org.br)

⁶ Escolhi a *Folha de S Paulo* por ser um jornal de grande tiragem no Estado e tratar de questões sociais em suas matérias, e então passei a acompanhá-lo para ver esta evolução.

Esses cidadãos, que através desta atividade estão lutando para conseguir se inserir na sociedade de uma maneira digna, para melhorar suas condições de trabalho e de vida, estão novamente ameaçados de ficar sem seu trabalho, por empresas que encaram o lixo como mercadoria lucrativa. Ante esta situação, restam ao catador duas opções: submeter-se à exploração dessas empresas ou ficar sem seu meio de subsistência.

Esses indivíduos coletam o lixo porque necessitam comer, morar, vestir, e estão expulsos do mercado formal de trabalho. O lixo significa, para eles, seu modo de sobrevivência, de integração social. E, trabalhando organizados com seus parceiros, em associações e cooperativas, conscientes de seu papel econômico e ambiental.

Duas outras pesquisas mostram esses mesmos significados acerca do lixo. É o que podemos constatar nos depoimentos de catadores do lixão de Campos de Goitacazes. Para eles, o significado de trabalhar com o lixo é: *“ganhar o pão de cada dia, sem precisar pedir ou roubar”*; *“quando fiquei desempregado vim trabalhar no lixão, e logo achei uma caixa cheia de lingüiça, era da boa, e vi que o negócio era ficar ali”* (Junca & Azeredo, 1995, p. 71-2). A outra pesquisa, feita em um depósito de lixo de Canabrava, Salvador, também mostrou o significado positivo do trabalho no lixo, trabalho como redenção *“Procurei um trabalho que eu pudesse fazer. Tenho problema de cabeça, tomo remédio. Não posso prestar atenção numa coisa só, que fico nervoso. Não posso subir em altura, muita coisa eu não posso. Já fui despedido de obra por causa disso. Aí me disseram que no lixão não precisava de nada disso. Vim e gostei. Hoje, ninguém me fala de outro trabalho. Quem não quer agora sou eu”* (p. 15). Nesta região, o lixo é chamado de *badame*, e os catadores, de *badameiros*. Neste caso, houve integração dos catadores no programa municipal de coleta seletiva (Moura & Gonçalves, 1989).

Embora essas duas pesquisas mostrem esse significado positivo, elas também apontam para o aspecto negativo, de que lixo é aquilo que é jogado fora, gera asco, é sujo, é pernicioso à saúde, é sofrimento, gera discriminação e preconceito. E atestam que, em alguns momentos, os que se ocupam dele se sentem envergonhados e humilhados.

Retomo aqui algumas perguntas que foram anteriormente feitas e que motivaram a presente pesquisa:

Será que tornar-se catador é mais uma forma de alienação ou uma possibilidade de conquistar e dar passos em direção à cidadania? Ou seria, ao mesmo tempo, essas duas possibilidades? Tornar-se catador é viver a ambigüidade, a tensão entre exclusão e inclusão, ou seria uma inclusão subjetiva *versus* uma exclusão social?

Será que a expressão de felicidade pelo fato de se ter comida na mesa, aluguel pago – apesar de se praticar a catação sem equipamento de proteção e do alto índice de alcoolismo entre os catadores –, é demonstração da ambigüidade exclusão–inclusão?

Dejours responderia a esta pergunta encarando este comportamento como uma forma de o catador se defender, em nível psíquico, da realidade que o afeta de modo negativo. Diferentemente dele, buscarei responder a estas questões fazendo uma análise do subtexto das falas dos catadores que expressem sua emoção e seus motivos.

O objetivo deste trabalho é compreender como o processo de exclusão–inclusão social é vivido pelos catadores e se particulariza em emoções e sofrimentos, em vínculos e rupturas, em preconceitos e sentidos, considerando-se ainda a relação saúde-doença como uma das dimensões reveladoras do sofrimento. Pretende-se entender esse processo desde o início da história de exclusão, no âmbito familiar e escolar, até a atual ocupação de catador, profissão emblemática da inclusão perversa. Propõe-se, portanto, uma análise do sentido de “tornar-se catador” e sua base afetivo-volitiva. A ênfase será dada ao processo exclusão–inclusão, sofrimento, saúde-doença, mediado pelo trabalho.

Para a análise de todos esses processos, acompanhei, desde maio de 2002, um grupo de catadores de materiais recicláveis na cidade de Guarulhos/SP. Este grupo é composto por cinco catadores, um fundidor, uma bióloga e uma líder de bairro. São contratados pela prefeitura como multiplicadores – recebendo formação acerca de cooperativismo, coleta seletiva, educação ambiental, contabilidade, entre outros assuntos –, ou seja, têm a função de formar outros grupos de catadores, que deverão se organizar e constituir cooperativas nos diversos bairros de Guarulhos, como uma forma de geração de renda. Esses multiplicadores estão acompanhando e proporcionando formação básica para três grupos, que são nomeados de acordo com a região que estão estabelecidos, a saber: Bonsucesso, Mikail e Alvorada.

Mediante observação participante e levantamento da história de vida dos catadores cuja experiência pude acompanhar, busquei compreender o que acontece com esses indivíduos quando se soma uma atividade considerada socialmente excludente a uma história já de exclusão, que se constitui desde o início de sua história de vida, ainda no âmbito familiar e escolar, e segue até a atual ocupação de catador. Podemos considerar esta atividade excludente já que, geralmente, ela é acompanhada de rótulos negativos, estigmas, sendo o catador vítima de descaso por parte do poder público, submetido a riscos de contaminações e precariedade no atendimento à saúde.

Nesta perspectiva, pretende-se ir além da descrição da rotina do trabalho do catador (modo

e relação de produção), buscando-se investigar o processo de exclusão–inclusão social através da análise da forma como ele é afetado em seus sentimentos, na relação saúde–doença, em suas relações interpessoais, tanto nas mais íntimas e profundas quanto nas públicas.

A afetividade é categoria importante, reveladora de como nosso corpo é afetado por outros corpos, e toda essa experiência de afecção configura sentidos, motivos e sentimentos adequados ou inadequados. O catador pode se sentir incluído ou excluído, saudável ou doente: a maneira como é afetado corporal e emocionalmente é expressão dos sentidos construídos em suas relações, uma forma de o indivíduo captar toda a ambigüidade desses processos relacionados. Ele pode se sentir incluído e continuar sofrendo pela qualidade de inclusão propiciada por sua atividade: *inclusão perversa* que impede a preservação e a expansão do ser.

Pretendemos, neste trabalho, recorrer ao referencial teórico proposto pelo Nexin para refletirmos, então, se o fato de o indivíduo tornar-se catador é emancipador ou não, se está ou não promovendo a cidadania. O próximo capítulo apresenta esse referencial teórico, que esclarecerá a opção pela afetividade e dará alguns indicadores para a análise do processo exclusão–inclusão.

CAPÍTULO I

REFLEXÕES SOBRE DIALÉTICA EXCLUSÃO-INCLUSÃO, AFETIVIDADE E POTÊNCIA DE AÇÃO

Como refletir sobre a importância psicossocial de uma atividade? Como saber se promove ou não inclusão, e a qualidade de inclusão social que porventura ela favorece?

Dentre outras possibilidades de responder a estas questões, optei neste trabalho pela mediação da teoria proposta pelo Nexin, que tem analisado a inclusão social buscando indicadores no sofrimento, na afetividade, e uma orientação na concepção espinosana de potência. A concepção de exclusão–inclusão proposta baseia-se ainda no referencial materialista histórico-dialético, que afirma: os dois termos não são opostos, pois não são independentes entre si, mas constituem o processo de reprodução da sociedade.

Segundo Jodelet (1999), o interesse dos psicólogos sociais pelo processo exclusão–inclusão social surgiu na década de 1930, com a ascensão do fascismo e, depois, com as execuções nazistas na Europa. A exclusão, que antes acontecia no plano das relações raciais, passaram a se estender às relações sociais e políticas. A diferença se dava segundo as atividades ou o pertencimento social, nacional e cultural do indivíduo. Para essa autora, uma forma de falar acerca da exclusão social com sentido é falar das interações pessoais e entre grupos, sendo este o nível referido pela Psicologia Social.

O psicólogo social, segundo Jodelet, procura entender as relações sociais focalizando tanto as dimensões macrosociais quanto as microsociais. As dimensões simbólicas e ideológicas, psicológicas e cognitivas fundamentam as relações microsociais. Já as dimensões e os processos ideológicos e sociológicos fundamentam o âmbito das interações sociais de nível macro. Levando em conta essas dimensões, tenta-se compreender de que maneira as pessoas ou os grupos objetos de uma distinção são construídos como uma categoria à parte.

Alguns estudos psicossociais analisaram a exclusão segundo o modelo da psicodinâmica. Eles mostraram que, quando a situação política e econômica não é muito positiva, as expressões de antipatia e de hostilidade para com o outro aumentam, como ocorre, por exemplo, com os linchamentos e as discriminações. Isso mostra como as situações sociais influenciam as relações sociais em seu microcosmo.

Jodelet fala, também, que o processo de categorização social tem dois sentidos de

classificação: uma, de colocar as pessoas em uma determinada categoria (homens e mulheres); outra, quando se atribui ao indivíduo uma certa característica (estigmatização, estereótipo). A categorização segmenta o meio social em classes com semelhantes características, ações e emoções, e se dá por meio da percepção, que classifica os valores, os objetos, as pessoas. Uma vez construídas as categorias, as pessoas se sentem pertencentes a um grupo específico, havendo com isso um engajamento, uma implicação emocional com os integrantes do mesmo grupo. Assim se cria uma identidade *no* e *do* grupo. Aquele que não é catador, por exemplo, frequentemente repele-o, discrimina-o; ao afastá-lo de seu cerco social, o indivíduo mantém tanto sua identidade e seu lugar social quanto a identidade negativa e o lugar caótico do outro, neste caso, o catador.

É no processo de articulação entre o igual e o diferente que os preconceitos e os estereótipos são construídos e sustentados pelo discurso social, tendo como finalidade a regulação das forças de poder. Os estereótipos acompanham a exclusão–inclusão. Excluindo moralmente as pessoas de um grupo, estas perdem seus direitos. Desta forma, as injustiças feitas ao indivíduo excluído ou ao seu grupo passam a ser justificadas, com base no estereótipo imposto de propósito pelo grupo dominante. Este, ao acreditar que o grupo dominado é seu adversário, usa de diversos artifícios para julgá-lo da maneira que considere necessária no intuito de manter-se no poder, no controle das relações sociais. É isto que acontece quando os catadores são julgados incapazes, inúteis, totalmente responsáveis pela situação em que se encontram.

Sawaia (1999b) propõe analisar o processo de exclusão–inclusão no âmbito da afetividade, mais especificamente por meio da análise do sofrimento. Considerar o sofrimento como um indicador de exclusão faz que esta não seja vista e trabalhada somente no plano da carência material, como fome, falta de moradia, alimentação, passando a ser vista também no âmbito da carência emocional e afetiva do sujeito singular. Dá força ao sujeito, em quem se materializam as formas de exclusão, mas, evidentemente, sem tirar a responsabilidade do Estado.

A concepção de homem que subjaz a esta concepção é a de Espinosa, que afirma que o homem é um modo da natureza com dois atributos: a extensão (corpo) e o pensamento (alma). Estes atributos se relacionam de modo contínuo e são dependentes: “a alma humana é a própria idéia ou conhecimento do corpo humano existente em ato” (Espinosa, 1973a, *Ética II*, Proposição 19, demonstração, p. 159). A alma é a idéia das afecções do corpo; quando o nosso corpo é afetado, ele produz imagens, as quais são, para a alma, as idéias do corpo afetado.

A função da alma é pensar, e é por meio do pensamento que os homens ou modos expressam sua singularidade. Já a função do corpo é imaginar, e este, ao ser afetado por outros

corpos, forma imagens, que imediatamente são associadas a outras, configurando uma cadeia imaginativa, um produto dos afetos vividos pelo homem. Esta em momento algum mostra a cadeia da causa da natureza. Caso o homem se deixe guiar por sua cadeia imaginativa, ele cai no que Espinosa chama de *superstição*.

Devemos lembrar, também, que este filósofo diferencia atividade e movimento: atividade é o próprio pensamento; movimento é a ação do corpo em si. Para que ocorram concomitantemente, é preciso que o corpo esteja concatenado com o pensamento, mas isso nem sempre acontece. Por exemplo, quando o indivíduo se comporta de acordo com sua cadeia imaginativa, ele está sendo guiado pelas imagens formadas no corpo, então está se movimentando, mas sem concatenar esse movimento com a atividade, que é o pensamento.

Espinosa diz que a substância “existe por si e em si pela força de sua própria potência, que é idêntica a sua essência, e se esta é a complexidade infinita de infinitas qualidades infinitas, torna-se evidente que só pode haver uma única substância no universo” (apud Chauí, 1995, p. 47). É a partir desta substância que as coisas são produzidas, no intuito de se conservar e se expandir, e esta ação é o próprio *conatus*, o princípio que rege todo o movimento do universo, o princípio da vida, a lei mecânica do universo. Segundo este princípio, a natureza tem como lei a conservação e a expansão, está constantemente se reproduzindo.

Com este princípio de vida, *conatus*, Espinosa, na *Ética*, desconstrói qualquer idéia que enfoque a ontologia negativa. *Conatus* é potência de ação, uma força interna para existir e conservar-se na existência:

(...) o *conatus* é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser buscar autodestruição. (...) Definindo corpo e alma pelo *conatus*, Espinosa faz com que sejam essencialmente vida, de maneira que, na definição da essência humana, não entra a morte. Esta é o que vem do exterior, jamais do interior. (Chauí, 1995, p. 63)

As idéias de Espinosa, um filósofo racionalista, influenciaram muito Marx e Vygotsky, entre outros autores. Vygotsky, além da influência da filosofia espinosana, no que diz respeito principalmente à questão ontológica de um homem integrado e não fragmentado, recebeu também uma influência forte e mais explícita de Marx, escrevendo toda sua teoria baseada nos princípios do materialismo histórico-dialético marxista.

Essas três grandes referências constituem a trama teórica deste trabalho. Baseando-nos nesses referenciais, elegemos como debate central temas daí derivados, que nos servirão como

auxiliares na análise do processo exclusão–inclusão, a saber: sentido/significado, mente/corpo, instrumento/atividade, subjetividade/contexto social, conservação/expansão, saúde/doença, afetividade/vontade, potencialização/despotencialização.

Espinosa (1973a) diz que o corpo e a alma são, em si, uma só e mesma coisa. Tomando como base esta referência, bem como o materialismo histórico-dialético, a análise sobre a exclusão não poderia permear apenas seus aspectos palpáveis e materiais; pelo contrário, deve começar por estes aspectos e buscar identificar, neles, seu conteúdo e sua essência. A afetividade, o sofrimento, como coloca Sawaia (1999b), pode ser uma categoria de análise da exclusão, buscando-se identificar aquilo que, segundo Vygotsky, constitui o subtexto das relações, ações e falas. Vygotsky diz que “toda frase viva, dita por um homem vivo, sempre tem um subtexto, um pensamento por trás”, que pode ser expresso por meio de várias frases” (2001, p. 477). Afirma ainda que o sentido e o significado da palavra são melhores compreendidos em seu contexto.

Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. (Ibidem, p. 465)

Nesta concepção, o sofrimento gerado pela forma de inclusão pode responder em parte à pergunta feita por Jodelet (1999, p. 54) “o que é que faz com que, em sociedades que cultuam valores democráticos e igualitários, as pessoas sejam levadas a aceitar a injustiça, a adotar ou tolerar, frente àqueles que não são seus pares ou como eles, práticas de discriminação que os excluem?”.

A sociedade, na verdade, cultua ou deseja valores democráticos, mas a realidade é que não são estes valores que permeiam as relações sociais existentes no mundo capitalista. Sendo assim, a Psicologia Social pretende ir além da explicação histórica, econômica e cultural, buscando os aspectos psicossociais envolvidos nesta aceitação de dominação, de injustiça.

Negri usa a expressão “inclusão excludente” para explicar o atual processo de globalização liderado pelos Estados Unidos, do qual ninguém é excluído e ninguém fica de fora. O Império (Negri & Hardt, 2001b) acolhe todas as diferenças, mas não as igualiza no que se refere a direitos; na verdade, administra-as e mantém a desigualdade. E não quer dizer que não exista exclusão: ela é dissimulada na forma de inclusão diferenciada, como diz Negri. O autor ainda argumenta que “como poder supremo atual, o Império não pensa em diferenças em termos absolutos; nunca propõe as diferenças raciais como diferenças de natureza, mas como diferenças de grau, nunca

como necessárias, mas como acidentais” (ibidem, p. 214).⁷

Estas reflexões vão ao encontro da concepção de Sawaia (1999a, p. 109) sobre *inclusão perversa*: a inclusão social pela exclusão dos direitos humanos, cuja conseqüência provavelmente seja a existência de um sujeito sofrido e doente.

Esse processo de inclusão social, vigente no sistema capitalista atual, contribui ainda mais para a alienação das pessoas no que se refere às suas próprias condições de vida, impedindo-as de se sentirem excluídas e de lutarem por seus direitos. Por isso, no caso que pesquisamos, é importante analisarmos a qualidade de inclusão propiciada pela atividade do catador. É por essa razão que optamos por refletir sobre as relações afetivas, os vínculos e as rupturas; os sofrimentos; a relação saúde-doença; as alegrias e as tristezas que permeiam toda essa contradição histórica, social e pessoal.

Castel não adota o termo “exclusão”, senão em sentido reservado, porque acredita, entre outras coisas, que ele designa um estado de privação, e não um processo. Prefere o termo “desfiliação” para designar o processo em que o homem passa da integração social à vulnerabilidade, e desta para a inexistência social: “desfiliação não é ratificar uma ruptura, mas constituir um percurso” (1999, p. 26).

No presente trabalho, não emprego a concepção de exclusão como algo estanque. Ao contrário, a exclusão é pensada na sua relação com a inclusão, uma não existindo sem a outra, constituindo uma relação dialética. Desta forma, a análise acerca daqueles que vivem à margem só pode ser dada, dialeticamente, analisando-se todo o processo em que ocorre o movimento de exclusão e, por conseqüência, de inclusão. Apesar de fazer uma crítica a este termo – exclusão –, Castel também coloca que a marginalização não acontece sem aqueles que estão inseridos na sociedade: “(...) os que estão *out* dependem sempre da condição do que estão *in* (1999, p. 34).

Paugam (1999), por sua vez, usa o termo “desqualificação social”, que caracteriza o movimento de expulsão gradativa das pessoas para fora do mercado de trabalho, e com este termo ele analisa a possível relação entre a população designada pobre e a outra parte da população.

Mesmo antes do advento do sistema capitalista, as pessoas já se sentiam excluídas, e para uma melhor compreensão Castel (1999) faz uma reflexão acerca da história do trabalho e das pessoas dele excluídas. Na época pré-industrial, existiam basicamente duas modalidades de organização do trabalho: o trabalho forçado, realizado pelos camponeses (servos), e o trabalho regulado, realizado pelos artesãos em seus ofícios. Seu exercício, dentro destas duas modalidades,

⁷ O Império, para Negri, é um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral, que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão (ibidem, p. 12).

era feito coercitivamente, sendo o trabalhador obrigado a obedecer às ordens de seu patrão. Naquela época, trabalho significava *labor* (latim), ou seja, esforço penoso, o ato de dobrar-se sob o peso de uma carga, dor, sofrimento, pena, fadiga. Vale lembrar, também, que o termo que dá origem ao nosso vocábulo “trabalho” é o latim *tripallium*, que significa instrumento de tortura usado em escravos rebeldes. O trabalho dos artesãos não era labor, mas uma atividade manual reservada às artes, na qual o pensamento prevalece, diferentemente do trabalho forçado dos servos, que não envolve o pensar, apenas o agir sobre a matéria, mecanicamente. A atividade dos primeiros era considerada digna, ao contrário da realizada pelos servos.

Lafargue, em seu livro *O direito à preguiça*, aponta para o castigo ao qual o proletariado acabou se submetendo a partir do momento em que foi pervertido pelo dogma do trabalho: “todas as misérias individuais e sociais nasceram de sua paixão pelo trabalho” (2000, p. 67). Realmente, na Idade Média o trabalho tinha um sentido negativo e pejorativo. Aqueles que possuíam *status*, como os clérigos e os senhores feudais, trabalhavam muito pouco, ou sequer trabalhavam: forçavam ao labor aqueles que lhes serviam, os servos. Assim, o *direito à preguiça* era reservado somente a essas classes privilegiadas, que usufruíam do trabalho do proletário, do servo, do escravo. A reivindicação de Lafargue (*ibidem*) relaciona-se à exploração dos proletários pela burguesia. Seu propósito é elogiar a preguiça como condição para o desenvolvimento físico, psíquico e político do proletariado, no modo de produção capitalista.

No século XIX, ocorre uma transformação na concepção de trabalho laborioso, e este passa a ser reconhecido como fonte da riqueza social. Weber, em seu livro *A ética protestante e o espírito capitalista* (1967), escreve que, na época calvinista, a concepção judaico-cristã de trabalho como castigo se metamorfoseou em virtude e em vocação divina. Agora, ser cristão virtuoso é obedecer às normas religiosas morais, nas quais o trabalho se inscreve não mais como castigo, mas como obrigação moral, que além de tudo faz do homem um ser racional, digno e responsável por seus deveres. O cristão sabe, então, que deve trabalhar para sobreviver e expandir seu ser, e conseqüentemente será um homem virtuoso. Mas nem todos estão incluídos nesse processo, que não é capaz de aplicar-se a todos os cidadãos.

Desde a Idade Média, havia indivíduos – os “vagabundos” – que viviam de roubos, os quais eram considerados perigosos predadores e ameaçadores dos bens e da segurança das demais pessoas. Esta era a justificativa para que fossem tratados, pela maioria, como aqueles que romperam o pacto social, julgando-se o efeito pela causa, que está, por certo, na própria sociedade.

Na época do Antigo Regime (o absolutismo francês anterior à revolução de 1789), foi feita

uma análise do perfil de pessoas que viviam em um albergue em Soissons, França: a maioria dos moradores pertencia ao subproletariado urbano e rural, constituindo-se de desempregados, dos que não conheciam nenhum ofício e faziam pequenos serviços aleatórios, mas que recebiam o estigma de vagabundo.

Sumarizando, a exclusão do processo de produção e a conseqüente inclusão na categoria de marginal acontece desde antes do trabalho remunerado. O próprio trabalho (*labor*) também já foi estigmatizado, sendo motivo de discriminação e preconceito, pois quem vendia sua mão-de-obra era aquele que não havia conseguido ser mestre, ou o agricultor que não havia conseguido sobreviver na sua terra. Enfim, eram vistos como fracassados, aqueles que não conseguindo vencer em nada vendiam sua mão-de-obra e se tornavam assalariados (Castel, 1999)

Atualmente, é um privilégio ser assalariado. Os desempregados estão excluídos do mercado de trabalho, são discriminados e sofrem preconceito. Comportamento semelhante ao que a sociedade adotava com os vagabundos da Idade Média, ela adota com os desempregados de hoje, com os que estão na economia informal. E catadores de materiais recicláveis continuam sendo julgados pelo senso comum como causa e não como efeito de uma má estrutura social, econômica e política. Mas para essas pessoas tornar-se catador pode ser justamente uma forma de superar estigmas, de reconstruir vínculos, uma ação em busca de novas inserções sociais.

Outra semelhança dos vagabundos medievais com os desempregados de hoje é a qualidade de imigrante. Guarulhos, cidade onde foi realizada a pesquisa, é um exemplo da migração nordestina: 95% da população vem do Nordeste. Registra-se ali um alto índice de desemprego e presença de muitos catadores. Estes são os mais discriminados, pois aparentemente são andarilhos que perambulam por toda a cidade em busca de lixo. Além de provocarem asco, por viverem sujos, geram medo nas pessoas, por serem confundidos com ladrões, mendigos, com os fora-da-lei, quando, pelo contrário, eles se esforçam muito, mesmo vivendo na zona de instabilidade social, para não caírem num dos extremos, no mundo do crime.

(...) o caráter flutuante, da separação entre o mundo do crime e o mundo do trabalho, não mostra um meio estruturado; sendo assim, em meio a este conjunto flutuante, a criminalidade representa a franja extrema, alimentada pela área fluida da vagabundagem, ela própria alimentada por uma zona de vulnerabilidade mais ampla, feita da instabilidade das relações de trabalho e da fragilidade dos vínculos sociais. (Castel, 1999, p. 135)

O limite entre o mundo do crime e o mundo da pobreza, da instabilidade social, é tênue; e aqueles que não entram no mundo do crime, que tentam de toda maneira sobreviver sem precisar roubar, como é o caso dos catadores, abominam a idéia de serem confundidos com o ladrão, pois

se orgulham de não terem se tornado um deles.

Paugam (1999) se refere ao período de enfraquecimento dos vínculos sociais, entre o momento da perda do emprego e a dependência da assistência social, quando, como última opção, busca-se ajuda de programas do governo. Quando uma pessoa perde o emprego, ou não consegue o primeiro emprego, e incorpora isto como um fracasso pessoal, fecha-se no âmbito privado no intuito de fugir dos olhos dos outros. Acredita que isto só acontece com ele, com mais ninguém. Geralmente, recusa-se a pedir ajuda à assistência social, pois vê na própria busca de ajuda o processo de desqualificação. Aceitá-la seria uma renúncia ao verdadeiro *status* social. Nesta situação, o indivíduo perde a identidade, sofre preconceito, vive de fato um processo de exclusão.

Quanto aos catadores pesquisados, a maioria sequer teve um emprego. E muitos deles tiveram suas vidas marcadas muito precocemente pela exclusão familiar, social, e acabaram incorporando o fracasso profissional apontado por Paugam. Tanto que alguns deles têm vergonha de assumir esta identidade, por acharem que assim mostram sua incompetência. Romualdo, por exemplo, quando teve que assumir a catação resistiu, por ter vergonha de assumir sua mudança profissional, de motorista a catador.

Sabe-se, porém, que numa época de alto índice de desemprego, como a atual, em que se registra 12% de desempregados (*Folha de S. Paulo*, 20 de julho de 2003, p. B6), a situação da grande maioria da população se torna cada vez mais frágil: os desempregados ficam progressivamente mais pobres, vivendo em condições precárias de vida, sem moradia, sem comida, sem assistência médica; e os empregados são ameaçados de perder o emprego. Todos sofrem muito com isso. Esse crescente empobrecimento dos segmentos populares tem contribuído para o aumento do fenômeno da população de rua nos grandes e médios centros urbanos. Estima-se haver, hoje, cerca de 500 mil catadores de materiais recicláveis (ibidem).

Em Guarulhos, os catadores tanto homens como mulheres desempregados, que nunca trabalharam na economia formal, sempre foram excluídos com a justificativa de que “são desqualificados para o trabalho” e “analfabetos”. Segundo eles próprios relatam, um outro motivo pelo qual não arrumam emprego é porque são pretos, razão geralmente não revelada. É o que nos conta D. Érica:

Sabe, Paula, eu sei por que eu nunca consegui arrumar um emprego: porque eu sou preta, gorda e desdentada. Mesmo quando eu era mais nova, bonitinha, ia arrumadinha procurar emprego, mas ninguém me dava um emprego. Agora, então, nem pensar.

Os catadores de materiais recicláveis vivem à margem dos direitos sociais, sofrem com as recorrentes medidas cotidianas de exclusão, que se dá nas relações interpessoais, nos contatos face a face, nos encontros casuais e anônimos. Excluídos do mercado de trabalho formal, buscam uma outra forma de trabalho na informalidade, assim acabam desenvolvendo sua atividade em condições precárias, sujeitando-se a novas formas de exclusão.

A história de vida dos catadores é a de quem procura durante anos um emprego, mas, como não conseguem nada, começam a catar papel para sobreviver, e com essa nova ocupação vão criando novos vínculos sociais:

Eu arrumei muitos amigos na rua. As pessoas já sabiam que eu ia apenas aquele dia, então já me esperavam pra dar o material que tinham separado. E eu sempre acabava ganhando um prato de comida, roupa pro meus filhos, sempre recebi ajuda na rua. (Dona Érica)

Lá no lixão tinha o Antonio e a Júlia. Eles me ajudaram muito, eu aprendi muito com eles. Considero o Antonio como um pai que não tive. (Elisabeth)

O Caio considera a catação como uma forma de ascensão social

Eu deixei de trabalhar na serralheria para catar papel, porque eu queria montar uma cooperativa, e sei que reciclável tá dando muito dinheiro hoje. mas naquela época não deu certo, não tinha muita instrução, mas agora com esse projeto eu sei que vai dar.

A catação é uma atividade que pode possibilitar a constituição de diversos vínculos sociais e íntimos, e que proporciona tanto a sobrevivência física como a emocional. Para essas pessoas, catar material reciclável é sua opção de trabalho, e trabalho é o valor que dá dignidade ao homem, que define a identidade de cada um. Sem ele, o homem perde a legitimidade social e individual.

O trabalho, para Marx, é a relação dos homens com a Natureza, é uma atividade que nega as coisas naturais, enquanto naturais, e a transforma em cultura, produto do trabalho humano. O homem modifica e é modificado em seu trabalho. E é também por meio dele que o indivíduo cria as condições para a sua própria existência material e espiritual. Isto o faz diferenciar-se dos outros animais. O homem tem a capacidade de pensar acerca de sua realidade e, então, de construir a partir dela. Esta capacidade é exclusivamente humana. Mas o que nos diferencia dos outros seres vivos é nossa possibilidade de criação sobre a natureza: podemos transformá-la em produto humanizado e sermos transformados pela relação que estabelecemos com ela. Esta capacidade é

expressão da singularidade humana, como o é a construção de sentido e significado acerca do trabalho e de suas relações. Essa construção responde à necessidade humana de expansão e de criação do ser no mundo.

O trabalho é a mediação fundamental, é atividade com sentido, e o que interessa aqui é o trabalho como instrumento. O trabalho sintetiza, materializa e define os sentidos. É uma síntese de todas as atividades que o homem realiza para executá-lo, desde pensar o que produzir até o produto final e suas utilizações. Essas atividades são o próprio trabalho, envolvem a produção de instrumentos, a transformação da natureza e a criação de significados.

Vygotsky (1995) traz essa concepção para a Psicologia e explica essa capacidade humana pela capacidade de sinalização, que permite ao homem falar e lidar com o real sem o contato direto, livrar-se da fisicidade, atribuir significado às coisas e, assim, transformar e criar instrumentos. Essa capacidade permite a criação e a transformação do homem, das funções psicológicas superiores (FPS) e das funções psicológicas inferiores (FPI).

Sobre as *funções psicológicas inferiores*, Vygotsky (ibidem) explica que correspondem aos processos psíquicos elementares de características psicofisiológicas; são os reflexos incondicionados, atividades que se dão automaticamente, como o sugar. Todos os seres humanos nascem com essas funções básicas, elementares, ligadas diretamente ao biológico. Sendo assim, as FPI são importantíssimas para a satisfação das necessidades biológicas e de sobrevivência. São a base para o desenvolvimento de comportamentos mais complexos. Ou seja, não desaparecem: na verdade, se complexificam no decorrer do desenvolvimento humano, dando origem às funções psicológicas superiores.

Nas *funções psicológicas superiores*, explica Vygotsky, todas as atividades psicológicas são mediadas por um signo. Os signos são inventados e usados pelos homens como “meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.)”; e essa capacidade de invenção e uso de signos “é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico” (ibidem, p. 59)

As FPS são produtos do trabalho, pois são significados. Toda atividade corporal e emocional transforma de alguma forma a natureza das relações, dos objetos, dos seres. Toda essa atividade é, então, trabalho e construção de significados e sentidos. Trabalho significa as relações dos homens entre si e com o mundo; é produto da criatividade humana, da capacidade de criar mais e mais. Além de satisfazer às necessidades humanas de expansão e de preservação, o trabalho também expande essas próprias necessidades. É nas relações de trabalho que os homens criam e constroem seus significados.

A linguagem é o principal instrumento. Lane referenda Vygotsky, chamando nossa atenção para o poder da linguagem na produção dos significados: “A linguagem torna-se a arma mais poderosa quando associa um adjetivo a um substantivo, atribuindo valores ou qualidades a fatos empíricos, e assim produzindo significados como fatos naturais/normais” (2001, p. 22).

A linguagem é, para Vygotsky, uma mediação dos significados sociais. Mas cabe ressaltar que, ao destacá-la, ele não está abandonando nem a materialidade nem a experiência. Imagine a linguagem como a ponta de um *iceberg* e que, na sua base flutuante, houvesse milhões de significados sociais, históricos e sentidos pessoais. Por isso nos diz Vygotsky: “O sentido real da palavra é inconstante”, e o significado “é apenas uma pedra no edifício do sentido” (2001, p. 465). Poderíamos dizer que os significados são a célula de sua psicologia, assim como a mercadoria é a célula na teoria de Marx acerca do capital. A concepção de significado e sentido (Vygotsky, 1995) permite compreender também o porquê do trabalho tornar-se alienado.

Marx fala (apud Chauí, 1982) sobre o *trabalho alienado*, definindo-o como aquele em que produto do trabalho separa-se dos interesses e do alcance de quem o produziu, sendo algo exterior a ele, não lhe pertencendo, mas, ao contrário, sendo propriedade de outro homem, que logo transforma as coisas produzidas indistintamente em mercadoria. Explica, sobre isso, que o trabalhador não se reconhece na sua própria produção, em seu próprio trabalho, nem no produto deste – pois as condições não lhe pertencem, mas sim a outrem. Desta forma, o controle de todo processo de produção fica em poder daquele que compra a mão-de-obra do trabalhador, e encara-a como uma mercadoria como outra qualquer. Muitas vezes, esta força de trabalho é até mesmo mais barata que o produto, fato que deixa o trabalhador dominado e ameaçado pelo próprio objeto que produziu, não conseguindo mais se apropriar dele. Se a propriedade é de quem não produz, há exploração do homem por outro homem, e o excedente do trabalho alienado gera o acúmulo de riqueza e a propriedade privada. Assim, o trabalho, em vez de afirmar o trabalhador por meio do seu produto, permitindo-o reconhecer-se e ser reconhecido como um ser singular no universal, traduz-se em uma relação de exploração e de sofrimento.

Voltando ao nosso tema de pesquisa, perguntamo-nos o que resta a ser feito em nossa sociedade consumista, em que o principal significado é a mercadoria. Ante uma situação de grande consumo e desperdício, por parcela da população, muitas embalagens e mesmo produtos são descartados. Surge aí um problema: o acúmulo de lixo nas cidades. Uma das soluções seria o reaproveitamento do material que pode ser reciclado. Para isso, é necessário proceder a um processo de separação, limpeza, organização e até reciclagem, quando então o produto descartado volta a ser matéria-prima de novos e diferentes produtos.

Assim, do ponto de vista do consumidor, o uso e o consumo de mercadorias diversas produz lixo sem valor. Já para o catador, a embalagem descartada – seja de papel, de plástico, de metal – é lixo reciclável, portanto, com valor de uso e de troca. Pode mesmo ser o alimento do dia, ou ser trocado por dinheiro. Então, esse lixo, tão desvalorizado para uns, assume valor para outros, para aqueles que vivem em condições sociais precárias, que contam com isso para a sua sobrevivência: “*Eu vendo papel a noite pra poder comer de manhã*” (Dona Érica).

O lixo reciclável, para essas pessoas, passa a ter significado de comida, roupa, casa – ou seja, catar lixo reflete a situação precária em que se encontram os que não têm outra forma de sobreviver neste sistema socioeconômico capitalista. É o que exemplifica este relato:

Enquanto as pessoas olhavam uma caixa de papelão cheia de copos sujos, papéis usados, sacolas plásticas amassadas e respingadas de suco que estavam nos copos, um catador de materiais recicláveis olhava para as caixas com desejo de obtê-las, de levá-las para casa, pois sabia que aquelas caixas valiam dinheiro, e que este valia seu pão. (Depoimento de um catador no II Encontro de Catadores de Materiais Recicláveis da região do Bonsucesso em Guarulhos)

O lixo, para a maioria da população, tem um significado diferente se comparado àquele atribuído pelo catador, para quem o lixo está impregnado de paixões tristes e alegres, sofrimentos e felicidades, já que passa a ser o objeto que permite o sustento da família. O lixo não significa só dinheiro, mas um trabalho que possibilita a redenção de muitos catadores.

Falando sobre *sentidos*, Vygotsky (1995) diz que estes são constituídos nos nexos entre as funções psicológicas superiores. Tais nexos são mediados pela intersubjetividade e pelos *significados* nele produzidos. A internalização dos objetos se dá por meio de signos, nomes dados aos objetos, aos sentimentos, às relações. E são esses signos internalizados que guiam e controlam os comportamentos. Desta forma, o *processo de internalização* é entendido como uma atividade externa que é reconstruída e começa a ocorrer internamente. Esse processo ocorre, então, primeiramente nas relações sociais, interpessoais, para depois se tornar individual, intrapessoal: “A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento” (Vygotsky, *ibidem*, p. 64). E seu mediador é o significado, ou seja, o significado é o produto da relação entre pensamento e palavra. Ele não é nem um nem outro, é fruto desta relação: “O significado é o caminho do pensamento para a palavra” (*ibidem*, p. 179).

O significado e o sistema de funções mantêm conexão entre si. A consciência como sistema, cuja tarefa é integrar e determinar o destino do sistema psicológico, é que determina a

estrutura do significado. “O pensamento, portanto, é um processo interno mediado” (ibidem, p. 182), é o desejo vago que busca se aperfeiçoar nas palavras, realizando-se nelas.

Vygotsky diz ainda que as palavras têm duas *zonas de sentido* diferentes. Um significado é estável, dicionarizado, compartilhado socialmente; é definido pelo social e nomeia as coisas do mundo e até os sentimentos, permitindo que o homem verbalize-os sem senti-los. Por exemplo, o amor: quantas pessoas dizem que amam sem amar? Elas apreenderem corretamente o significado dicionarizado da palavra *amor*, mas será que o experimentam? A outra dimensão refere-se à segunda zona de sentido, que é instável, ilimitada e pessoal; modifica-se com muita rapidez ante situações e relações sociais. Este é o sentido que representa a forma como o indivíduo é afetado.

Para muitos, o significado do lixo é apenas aquele dicionarizado. Essas pessoas reproduzem o significado que é compartilhado socialmente. Já as pessoas que trabalham com a catação para sobreviver, estas constroem um sentido pessoal, dão um significado ilimitado ao lixo. Foi o trabalho que lhes ofereceu essa grande diversidade de significados.

A distinção entre significado e sentido permite abordar o trabalho na dialética singular/universal, social/subjetividade. O homem expressa sua singularidade por meio do seu trabalho, através do qual ele transforma e é transformado em sua relação com a natureza. Esta ação, que diferencia o homem dos animais, é uma ação singular. A singularidade envolve tanto o corpo quanto a alma; não há singularidade sem pensamento, e ela precisa do corpo para se expressar. Assim, de acordo com Espinosa (1973a), a singularidade seria atividade (pensamento) e movimento (ação corporal) concatenados. Nesta perspectiva, o trabalho definido por Marx é movimento singular de expansão e conservação do ser.

Vygotsky, como psicólogo, propõe-se a compreender a singularidade do homem, e quanto a isso diz que o ser humano se diferencia dos animais porque é capaz de sinalizar, de produzir signos e significados, o que nenhum outro animal é capaz de fazer. Assim, a expressão da singularidade humana é a própria capacidade de criar, de produzir sentidos pessoais. Quanto à repetição de significados sociais não refletidos, isso não é expressão da singularidade, muito pelo contrário, é o que ele chama de comportamento fossilizado. E lembra que significado é produto da relação pensamento–palavra. O homem internaliza as coisas do mundo externo, ou os próprios signos (palavra), modificando os nexos pelas funções psicológicas e transformando o signo social em sentido pessoal. Esse sentido pessoal é expressão do pensamento abstrato em palavras. Sendo assim, é a própria singularidade do indivíduo que muitas vezes é bloqueada por idéias

inadequadas (preconceito e superstição).⁸

Muitas pessoas julgam inadequadamente os efeitos das coisas como causa – o que equivale, no nosso caso, a culpar os catadores pela posição que ocupam na sociedade, ou seja, considerar que esses indivíduos são catadores porque são incapazes, preguiçosos, porque não correm atrás de um emprego, porque são sujos, são maltrapilhos, porque mendigar é mais fácil que trabalhar. De fato, muitos dos significados sociais construídos acerca dos catadores agregam características negativas. E muitas pessoas os assumem com valor de sentido pessoal, sem nem mesmo confrontar o conteúdo desses significados com a realidade, acabando então por assumir uma idéia inadequada sobre o catador. Como conseqüência, a ação baseada nesta idéia inadequada leva à discriminação e ao preconceito.

Os catadores tentam singularizar-se na exclusão, buscando a inclusão e a dignidade em meio às superstições, como diria Espinosa. Marx, por sua vez, a chamaria de ideologia. Assim são afetados, configurando sentidos e ações. Por isso é importante analisarmos a qualidade da *inclusão* propiciada pela atividade do catador, através da análise da *afetividade* e do *sofrimento*.

Durante muito tempo, os sentimentos foram renegados, reprimidos, prevalecendo na epistemologia a razão, pois se acreditava que as paixões distorciam a reflexão do homem acerca de sua realidade. A paixão foi também dotada de um poder estranho ao ser humano, que não poderia controlá-la e, conseqüentemente, comportar-se-ia irracionalmente diante de situações em que ela prevalecesse, o que é antagônico à disciplinarização. Nesta perspectiva, a relação razão/paixão é a assumida como relação de dois termos opostos e não contraditórios, pois cada um tem sua própria característica que se opõe. Desta forma, o ser racional deveria abandonar e renunciar a todos os seus sentimentos para atingir a verdade e a moral, bem como para garantir a ordem social.

Outra forma de ver as emoções, nesta mesma perspectiva, é a distinção de duas qualidades de emoções: as calmas e frias, as agitadas e quentes. As primeiras, de acordo com Hume (1882, *apud* Bodei, 1995), eram assim chamadas por colaborarem com a estrutura da ordem; já as segundas, as paixões agitadas e quentes, iam contra a ordem e a razão. As do primeiro tipo se associam a sentimentos de benevolência e altruísmo, já as do segundo tipo se associam a sentimentos turvos e irracionais. Além disso, no intuito de marginalizar tais sentimentos, eles eram renegados à esfera privada, à intimidade, como no caso da mulher, justificando-se assim o controle, a dominação, tanto da mulher quanto da privacidade. Desta forma, então, a ordem

⁸ Espinosa, na *Ética*, define idéias inadequadas como as que se dão quando a alma é necessariamente ativa, e a idéia inadequada é quando a alma é necessariamente passiva em certas coisas.

poderia ser estabelecida e mantida.

A par de ser tratada como questão epistemológica, na história das idéias a emoção aparece associada à moral, à disciplina, e desta forma ela varia historicamente. Por exemplo, na ética clássica o desejo insaciável de possuir algo (pleonexia) era considerado pecado, mas, depois, com o surgimento da idéia de mercadoria, do capitalismo e do mercantilismo industrial, o indivíduo seria culpado se não desejasse possuir. Os filósofos estoicos e as regras celestes de Lao-Tse têm uma posição análoga ao período da ética clássica, em que o desejo por obter bens materiais era tido como castigo e pecado mortal. Os estoicos diziam que, para serem ricos, as pessoas tinham que ser pobres de desejos; Lao-Tse, por sua vez, fala acerca disso que não existe mal maior do que não saber se contentar, e que não existe dano maior do que nutrir a ânsia de adquirir.

Esta análise, de acordo com Bodei (1995), irá também mudar no século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo, quando surgem a exigência e o estímulo ao consumo. É quando aparecem as mercearias, onde se vendem produtos a preço fixo e baixo. Logo depois, há um aumento dessas mercearias, bem como da variedade dos produtos, o que cria nas pessoas a necessidade de comprar novos objetos, e mais outros, e assim sucessivamente. Alguns anos depois, este poder de fascinação por mercadorias se estendeu a outras camadas da população, não se restringindo mais apenas aos clientes ricos. O sistema capitalista, consumista, começava então a subverter as necessidades em prol do progresso político-econômico capitalista. Diante desta nova concepção da moral e dos costumes, modificou-se profundamente a conduta dos homens, pois os desejos de posse, que antes eram reprimidos e denegridos, passam a ser mais permitidos, valorizados e até estimulados para que as pessoas consumam mais e mais.

Heller, em sua obra *Teoria de los sentimientos* (1979),⁹ contesta as abordagens reducionistas – tanto biologicistas quanto psicologizantes –, que tratam os sentimentos como processos naturais, e aponta esta dissociação do conhecimento humano e/ou de sua ação moral. Esta autora demonstra que, na sociedade atual, os campos de ação permitidos ao homem e aos pensamentos por ela determinados “(...) produzem e fixam sentimentos particularistas, perpetuam e reproduzem a alienação desses sentimentos e o caráter irrestringível de certos afetos” (ibidem, p. 13). Ou seja, o homem busca a auto-realização através das tarefas que lhe são propiciadas pelo mundo, numa vida rica em excitações corporais mas pobre em envolvimentos afetivos, porque está dissociada das atividades que a engendram. Isto, para Heller, pode levar à construção de uma personalidade cindida, fragmentada, uma vez que estará alienada de suas possibilidades de riqueza afetiva.

⁹ Heller escreveu esta obra referendada em Espinosa.

Por mais que modelos teóricos tradicionais neguem a importância afetiva na condução da vida, o próprio homem sente a importância das emoções, bem como a sociedade que o cerca. Para o ser humano, a afetividade tem um papel relevante, na construção tanto do conhecimento social quanto de si próprio; nas diferentes formas de participação social; na dinâmica dos conflitos sociais, enfim, em toda a atividade humana. Bodei também retrata a importância da afetividade dizendo: “¿Valdría la pena vivir si no probásemos alguna pasión, si tenaces e invisibles hilos no nos atasen con fuerza a cuanto – por diverso título – nos llega al ‘corazón’, y cuya pérdida tememos?” (1995, p.11).

Não há como desprezar algo que modifica e move o físico e a mente do homem, pois ele é uma totalidade que não se divide em corpo e mente – ao contrário, é por si só o corpo e a mente, juntos. As afecções da alma são as afecções do corpo: Espinosa apresenta uma reflexão importante sobre essa junção, debatendo com Descartes, questionando a cisão que este promove entre corpo e alma. Em sua *Ética*, Espinosa diz que o corpo constitui o objeto atual da alma, isto é, a natureza da alma é estar ligada internamente ao seu corpo, porque alma é atividade de pensá-lo (idéia imaginativa) e corpo é objeto pensado, imaginado por ela. A ligação entre alma e corpo não é algo que acontece a ambos: é o que ambos são quando são corpo e alma humanos.

A realidade externa alcança visibilidade e sentido para o homem por meio de suas experiências afetivas, construídas nas relações com o mundo dos objetos e no convívio interpessoal. Assim, é no momento do contato com outros seres e com o mundo que o corpo, enquanto materialidade, irá ser afetado e afetar. É desta maneira que o homem compreende como objetos e seres expressam sua existência.

Não há acordo referente ao conceito de afetividade, sentimento e emoção. Adoto aqui a distinção de Sawaia, que se referenda em Espinosa (2000, p. 8):

(...) a afetividade é a totalidade dos afetos que está presente constantemente na existência dos seres humanos. A afetividade como totalidade engloba o sentimento e a emoção. O sentimento se refere às reações moderadas de prazer e desprazer. A emoção é um fenômeno afetivo muito intenso e breve, e diz respeito a um objeto específico.

Espinosa, na *Ética*, distingue afecção (*affectio*) de afecto (*affectus*): a afecção é a forma como me sinto nas relações e nos encontros com os outros, o que gera afecto (*affectus*); e os sentimentos formados nestes encontros são os afetos que marcam a história de vida das pessoas. “Os *affectio* do corpo são imagens que, na alma, se realizam como idéias afetivas (*affectus*) ou sentimentos” (Chauí, 1995, p. 64). Considera três afecções primárias, as quais são imanentes ao

ser: a alegria (*laetitia*), a tristeza (*tristitia*) e o desejo (*cupiditas*). Destas três nascem todas as outras afecções, que vão sendo experienciadas nas relações com outros seres no decorrer da vida. Para ele, *desejo* é o apetite de que se tem consciência; apetite não é senão a própria essência do homem, natureza da qual se segue necessariamente o que serve para a sua conservação (1973b, p. 190). *Alegria* é a paixão pela qual a alma passa a uma perfeição maior, e *tristeza* é a paixão pela qual a alma passa a uma perfeição menor.

Este filósofo faz também outra distinção, entre paixão e afetividade. Atribui à primeira uma característica ética negativa. As *paixões* são “afetos ou sentimentos causados em nós por coisas ou causas exteriores a nós e das quais somos os receptores passivos” (Chauí, 1995, p. 108). Nas *paixões*, as causas e os efeitos das coisas externas são conhecidas por nós apenas parcialmente – então, quando alguém age, sente e pensa com paixão, age pelo poder de uma causa externa mais forte e poderosa que sua própria causa. Já a *afetividade* é o próprio afeto, sentimentos causados em nós por nossa própria potência interna, e desta forma somos causa adequada de nossos afetos: “Ser causa inadequada é ser passivo e passional. Ser causa adequada é ser ativo e livre” (ibidem, p. 64)

Baseando-se em Espinosa, Heller (1979) aponta para o sentimento como algo que é construído no processo das relações interpessoais e com o mundo. Define que sentir é estar “implicado com algo ou alguém”, e estar implicado não se refere a um fenômeno que acontece concomitantemente à ação; ao contrário, a implicação é o próprio ato de pensar, sentir e agir dos seres humanos. Esta definição de sentimento como implicação só pode ser válida ao se considerar o processo de objetivação e o de subjetivação como interdependentes e tangíveis no desenvolvimento do homem e de sua singularidade.

Lane, ao considerar as emoções como elementos participantes na constituição do psiquismo humano – seja no âmbito particular, seja no âmbito universal –, reivindica a necessidade de examinarmos as instituições sociais e os códigos emocionais por elas desenvolvidos, pois esses códigos não são sempre perceptíveis, embora se revelem muito eficazes no desenvolvimento da consciência individual. Discute ainda a emoção na manutenção da ideologia, “pois existem laços entre a subjetividade e os papéis institucionais que devemos assumir como ‘naturais’” (2000, p. 24).

Diante disso, Sawaia analisa a importância de se compreender a *política de afetividade* dominante, que se particulariza em códigos emocionais que vão mediar a forma como se é afetado. Mas a experiência de cada relação, de cada grupo, vai criando “signos emocionais comuns”, que são da ordem da experiência e não só da ideologia, apesar de serem por ela

mediados.

Signo emocional comum é um conceito criado por Vygotsky (1999) para ressaltar a dimensão do significado das emoções de caráter afetivo-social. A afetividade tem seu aspecto biológico, pois é a partir deste que surgem as emoções, e seu aspecto social, que envolve os significados sociais ideologizados e os sentidos pessoais. Vygotsky explica isto dizendo que nossa forma de pensar, de nos comunicar, de sentir, se faz de acordo com um sistema de conceitos imposto pelo meio social em que vivemos. Desta forma, nunca experimentaremos de maneira pura os sentimentos, pois o fato de eles serem nomeados faz que se modifiquem. E diz que é impossível distinguir o aspecto biológico do social, e vice-versa.

Atualmente, o controle acerca dos sentimentos, dos afetos, é uma preocupação política mais evidente que na idade moderna, e é feita de forma diferente e não negada, como foi dito no início. Segundo Negri, a forma de governar hoje é a que se chama *biopoder* ou *biopolítica*, que transcende a política formal e de recusa, a obediência e a desobediência. Este poder invade “toda esfera da vida e da morte, da fartura e da pobreza, da produção e da reprodução social, e assim por diante” (Negri, 2001a, p. 46). Com isso, ao adentrar na vida social e moral, as formas de poder camuflam, escondem o paradoxo da sociedade, colocando tudo num mesmo saco, dificultando, ainda mais, a reflexão do homem acerca do seu mundo. Para enfrentar isso, não basta a ação política. Negri fala da recusa como uma forma alternativa de se resistir ao biopoder, mas esta não pode restringir-se a apenas uma pessoa, deve acontecer coletivamente, atingir a multidão. “Essa recusa certamente é o começo da política libertadora” (ibidem, p. 224). Negri se pauta na filosofia de Espinosa para associar poder, afeto e ética, e este fala que a essência humana é a necessidade de expandir e perseverar na própria liberdade.

Partilhando desta perspectiva, o Nexin elege hoje a afetividade como guia de análise das questões sociais, especificamente das formas sutis de exclusão. Considerando que a exclusão se localiza nas entrelinhas da própria inclusão, no contexto da política do biopoder, fica cada vez mais difícil de ser identificada, analisada e então trabalhada como uma forma de ser compreendida pelo excluído para então ser superada.

Sawaia (1999b), inspirada em Espinosa, afirma a positividade ontológica da emoção e a classifica como emoção *ético-política*, demarcando assim que esta não é só negativa, mas constrói; é da ordem da criação, da transformação; não é estado psicofísico, mas processo psicossocial. Por isso, em suas análises da dialética exclusão/inclusão, Sawaia utiliza o *sofrimento ético-político* como uma categoria, por considerar que ele revela as sutilezas do processo e é uma das mediações também sutis e sustentadoras da exclusão. Acredita, ainda, que o sofrimento ético-

político seja a maneira como a exclusão se concretiza aparentemente nas relações interpessoais; e considera que ver o sofrimento como um indicador de exclusão faz que a exclusão não seja encarada e trabalhada somente no plano da carência material, como fome, falta de moradia, alimentação, passando a ser vista também no âmbito da carência emocional e afetiva do ser humano.

Sawaia diz ainda que a escolha do *sofrimento ético-político*¹⁰ como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão se deu “seguindo as recomendações de Souza Santos (1997) às ciências humanas para usarem categorias desestabilizadoras na análise das questões sociais, capazes de criar novas constelações analíticas que conciliam idéias e paixões de sentidos inesgotáveis” (1999b, p. 97).

Ao considerar o sofrimento como ético-político, está-se afirmando que o afeto não perde de vista seu aspecto sócio-histórico, econômico e político, nem o indivíduo emaranhado em seu cotidiano; as emoções são construídas socialmente na relação com o outro. O sofrimento surge nas relações cotidianas vivenciadas. Ele dilacera os sentimentos de potência, choca-se com a busca da felicidade e de liberdade dos homens. Engloba a paixão, o medo e a esperança, que se alimentam, conseqüentemente, do sofrimento. As pessoas vivem, geralmente, da esperança de um dia não mais sofrerem; e desejam não mais sofrerem pelas diversas formas de exclusão social objetivadas nas relações cotidianas. Em síntese, o conceito de sofrimento ético-político salienta que a exclusão é vivenciada como “motivação, carência, emoção e na necessidade do eu” (Sawaia, 1999b, p. 98).

Analisar o sofrimento como categoria da dialética exclusão/inclusão, saúde/doença é, portanto, compreender as questões sociais tal como são vividas pelo sujeito. Trata-se de um sofrimento mediado de ideologia, superstições, condições econômicas, valores morais, e que se apresenta como estratégia do biopoder. Captar o sofrimento é captar a afetividade produzida na vivência da desigualdade social, empreendendo-se como afeto de cuja a gênese muitas vezes a pessoa não tem conhecimento.

Uma das dimensões do sofrimento é a saúde, a relação *saúde–doença* mediada pelo processo exclusão–inclusão, isto é, pela injustiça. Nesta perspectiva de saúde como sofrimento, esta se torna reveladora da qualidade de inclusão que o trabalho de catador, que ora analisamos,

¹⁰ Conceito inspirado em Heller (1979), que fala do sofrimento como “a dor mediada pelas injustiças sociais”. Esta dor não é sentida por todos, daí a diferença que Heller faz entre a dor e o sofrimento: “O sofrimento é experimentado como dor apenas por quem vive a situação de exclusão” (Heller, *apud* Sawaia, 1999b, p. 102)

está propiciando. Saúde e doença são as duas faces que revelam a forma como esta atividade afeta os indivíduos que a ela se dedicam.

A atividade em si dos catadores já é problemática à sua saúde, pois trabalham sem condições de segurança, comem do lixo, puxam carrinhos pesados que deveriam ser puxados, no mínimo, por tração animal. Além de estarem sujeitos a fatores que provocam problemas de saúde, os catadores ainda sofrem com a discriminação, o preconceito, que também levam ao padecimento. Por isso acreditamos na importância do estudo da relação saúde–doença na análise do sofrimento.

Na perspectiva teórica aqui adotada, *saúde* não é somente uma questão biológica, e a relação entre trabalho, sociedade e a saúde não se restringe apenas à influência de agentes bacteriológicos, microorgânicos e ambientais, que a promovem ou não. Saúde é determinada socialmente pelo processo de exclusão/inclusão social. Esta idéia se opõe à concepção estática de saúde, ou seja, vai contra a definição de que saúde e doença são estados, que restringe a análise especificamente ao estado físico da pessoa, à mensuração. Portanto, neste trabalho, dá-se importância aos fatores culturais, psicológicos e ambientais para a compreensão da relação saúde–doença, mas não como variáveis que a afetam, explicando essa relação em termos de estímulo–resposta, e sim como seus elementos constitutivos.

Vygotsky (1999) contribui para compreensão desta perspectiva, especialmente com sua categoria de significado, que medeia o funcionamento biológico, não o desconsiderando, mas contemplando a mediação dos significados no seu desenvolvimento. Espinosa (1973a), por sua vez, contribui com sua noção de que corpo e alma são indissociáveis, e ambos vão se desenvolvendo por conta das afecções que sofrem nos encontros durante toda a vida. Essas experiências de afecções marcam o corpo e a alma, tanto que Espinosa fala de um corpo memorioso. Vygotsky¹¹ também ressalta a importância do corpo, do biológico, e nos traz uma idéia tão importante que vai usá-la para diferenciar as FPS das FPI:

Um desenvolvimento não é uma simples continuação direta de outro, mas ocorre uma mudança do próprio tipo de desenvolvimento – do biológico para o histórico-social. (...) o pensamento verbal não é uma forma natural e inata de comportamento, mas uma forma histórico-social. (2001, p. 149)

A unidade relacional mente-corpo é construída nas afecções com outros corpos. Estes encontros, para Espinosa (1973a), afetam o corpo e a alma, concomitantemente, aumentando sua potência de vida ou diminuindo-a. Potência como essência é o poder de ser afetado, poder que

¹¹ Vygotsky, leitor e admirador de Espinosa, foi buscar nele esse monismo, que tanto admirava.

(...) corresponde à essência do modo existente como grau de potência (*conatus*). O *conatus* tende a perseverar na existência. Perseverar é durar. *Conatus* é então o esforço para experimentar a alegria, aumentar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa da alegria, o que mantém e favorece essa causa, mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa da tristeza. (Deleuze, 1999, p. 118-9)

Em 1946, a constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que “saúde é um completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de distúrbios ou doenças”. Barreto coloca que conceituar saúde é empreitada bastante difícil, e mesmo depois de tantas discussões acerca da conceituação ela aponta que as “definições contemporâneas deixam claro que ‘saúde não é um estado’, mas reflexo dinâmico da vida e da sociedade, tanto em nível individual quanto coletivo” (2000, p. 21). Outras definições colocam:

Saúde é liberdade de movimento do corpo e da mente, ao contrário de doença, que é a fixação, de modo rígido, dos estados físicos e mentais. (Dejours, 1989, *apud* Sawaia, 1995a)

Saúde é a possibilidade de ter esperança e potencializar esta esperança em ação. (Sawaia, 1995a p. 162)

A servidão é o momento em que a força interna do *conatus*, tendo-se tornado excessivamente enfraquecida, adoecida sob a ação das forças externas, submete-se a elas imaginando submetê-las. (Espinosa *apud* Chauí, 1995, p. 67)

Essas definições nos levam a defender que o catador seja visto integralmente e que o conhecimento produzido acerca dele seja um tratado ético e político. O catador sofre pela discriminação, pela humilhação, vive num ambiente em que a maioria das pessoas não objetiva sua potencialização, mas seu padecimento.

Esta concepção da relação saúde–doença busca uma compreensão do próprio homem em suas ambigüidades, com suas alegrias e tristezas, com seu amor e ódio, com seu prazer e desprazer, com sua potencialização e servidão. E tudo isso é sentido, vivenciado nos encontros com o outro, que pode tanto compor com o nosso corpo quanto decompor. No primeiro caso, o homem potencializa suas forças, seus desejos, estando motivado a buscar sua liberdade, sua felicidade – o que nesta concepção significa saúde. Já no segundo caso, o homem padece com o mau encontro, sua potência diminui, seus desejos e forças também. Espinosa, na *Ética*, relaciona diretamente potência, alegria, com liberdade; e impotência, tristeza, com servidão. Podemos aproveitar esta relação espinosana e, baseados nela, considerar saúde da ordem da liberdade e

doença da ordem da servidão. Segundo Espinosa, buscamos nos aproximar do que compõe com nosso *conatus*, mas muitas vezes agimos imaginando que aquela situação compõe com nossa natureza, mas nos enganamos, pois agimos por idéias inadequadas, por não conhecermos a verdadeira causa daquela realidade ou coisa.

Desta forma, a relação saúde–doença equivale ao processo de potencialização/servidão do ser humano, que é mediado por sentidos. O sentido do lixo, por exemplo, é mediado pelo lugar que ele ocupa no processo inclusão/exclusão, que gera sofrimento e que, por sua vez, está definindo saúde. Essa saúde não é revelada extrinsecamente em análises clínicas, mas deve envolver a análise da qualidade subjetiva e ética da forma como estou me mantendo vivo. Portanto, a saúde, neste caso, incorporará dignidade, felicidade, força para agir.

No caso do lixo, este afeta perversamente as pessoas dependendo posição de inclusão/exclusão social que ocupam. Torna-se, para os catadores, a única fonte de vida, uma possibilidade de alimentação, não sendo visto, portanto, como um problema para saúde, como nos revelam estes depoimentos:

(...) o lixo é minha vida; quando eu mais precisava, foi do lixo que sobrevivi. (Dona Érica)

Do lixo eu sustentei toda minha família, tudo que eles queria comer eu trazia do lixo pra eles. (Elisabeth)

Para eles, o lixo é vida, é saúde, o que pode explicar por que muitos catadores não usam nenhum equipamento de proteção, por que mexem nos resíduos sem luvas nem botas, aumentando ainda mais o risco de doenças, pois podem se cortar em objetos contaminados que ali se encontram, podem inalar substâncias tóxicas que o detrito exala. Para eles lixo significa vida e saúde ainda que seus corpos estejam freqüentemente sujos, devido ao trabalho, que suas roupas e moradias também não conservem a higiene. Sobre isso, Dona Érica explica:

(...) o catador precisa ser forte para puxar o carrinho, não é qualquer um que puxa o carrinho, não. Mas não acho que eles têm saúde, porque eles estão sempre sujos, mexem com o lixo. Eles ficam sujos, as roupas fica suja, e, se eles não têm dinheiro nem pra comprar comida, ainda mais dinheiro pra comprar sabão pra lavar a roupa. Então eles estão sempre sujos.

O lixo é um signo social daquilo que é mais repulsivo, sujo, deprimente, nojento, ou seja, sobre ele são depositadas todas as características ruins. Podemos dizer, retomando uma idéia de

Vygotsky já exposta, que quando este signo social – o lixo – é internalizado por alguém que apenas o produz, mas não sobrevive dele, essa pessoa constrói um significado muito próximo do signo social fixado, ou seja, o significado dicionarizado, a idéia não refletida. Mas para alguém que sobrevive do lixo, que por meio dele satisfaz às suas necessidades, esse significado é confrontado com suas experiências concretas, gerando sentidos diferentes e muito mais amplos que o significado dicionarizado e fixado. A experiência vivida produz a afecção corporal, gerando sentidos produzidos pela experiência, pela afecção do corpo, e não só do intelecto.

Este sentido atribuído ao lixo por parte dos catadores que necessitam dele para sobreviver, do ponto de vista social e dos direitos humanos seria uma idéia inadequada, na medida que legitima a inclusão perversa. Será que a satisfação e a dignidade que o lixo proporciona é maior do que os riscos que ele traz, como as doenças? Com isso esses catadores não estão demonstrando uma determinada concepção de saúde, ou seja, que para eles o que importa é a potência de estar vivo, o que envolve a totalidade do homem como pai, como provedor, como cidadão, e não só como corpo biológico? Será que os sentidos que eles estão atribuindo ao trabalho com o lixo não estão de certa forma revelando essa dimensão de saúde que estamos defendendo aqui?

Saúde é mais do que ausência de distúrbios ou doenças, como nos diz a definição da OMS. Para contemplar o pleno bem-estar físico, mental e social, é importante a concepção de saúde tenha em conta a dignidade do indivíduo, como provedor, como pai, mãe, aquele que busca alegria, expansão. Para os catadores, segundo seus depoimentos, doença pode ser curada, já falta de alimento não. É com base nisso que encaram a questão “saúde”.

Essa concepção de saúde-doença, aqui analisada, permite que vejamos o catador sobretudo como homem, como define Espinosa – o homem busca perseverar e expandir –, em sua totalidade e na sua singularidade, cujas necessidades vão além do nível biológico. Não nos limitamos, portanto, a considerá-lo como catador profissional, como trabalhador, o que nos daria uma visão fragmentada do ser.

Sabemos que os catadores são pessoas afetadas pelo outro de forma extremamente depreciadora, não promotora de saúde, mas, ao contrário, diminuidora de sua potência de ação. São discriminados, humilhados, culpabilizados pela própria situação, afetados pelo lixo insalubre e tóxico, e também desprezados pelo poder político, que por tantas promessas não cumpridas faz que a desconfiança prevaleça e que os catadores mostrem muita resistência em se inserir em algum projeto social promovido pelo poder público. Diante desse quadro, precisam mostrar sua força de agir e aprenderem a não se subjugarem a agentes externos que os impeçam de se expandir.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTO: SUJEITO E CONTEXTO DE PESQUISA

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de exclusão–inclusão dos catadores de materiais recicláveis por meio da análise do sofrimento e da saúde como dimensões fundamentais. Pretendemos, com esta pesquisa, refletir se as formas de cooperação referentes ao trabalho do catador estão aumentando sua potência de ação ou se, na verdade, tem efeito contrário, tratando-se de uma falsa inclusão; se esta atividade promove a saúde e a potência de resistência à decomposição ou é somente a promoção da decomposição, algo que só aprofunda a inclusão perversa.

Buscou-se então um procedimento que possibilitasse captar os significados partilhados e os sentidos relacionados ao trabalho, a exclusão–inclusão, bem como os sofrimentos que acompanham esses indivíduos, a saúde/doença e os desejos. Para tanto, optou-se pela observação participante, como uma forma de captar tanto a sociabilidade do grupo de catadores quanto os significados, utilizando-se como recurso o diário de campo, a conversa informal e as entrevistas.

A pesquisadora acompanhou, desde maio de 2002 a dezembro de 2003, alguns grupos de catadores de diferentes bairros de Guarulhos (Mikail, Alvorada e Bonsucesso), além do grupo de catadores contratados pela prefeitura para serem multiplicadores.

Os sujeitos escolhidos para a presente pesquisa pertencem a este grupo de multiplicadores, porque foi a partir dele que teve início a organização dos demais grupos da cidade. Cinco catadores, dentre os multiplicadores, foram selecionados para as entrevistas.

Quadro I – Caracterização dos Entrevistados

Nome	Idade	Origem	Dependentes	Anos na catação	Grau de escolaridade	Salário	Filhos
D. Érica	42	Pernambuco	5 (Romualdo, seus quatro filhos)	5 anos	Analfabeta	R\$ 500,00	5 (1 morreu)
Romualdo	55	Pernambuco	5 (Dona Érica, quatro filhos dela)	6 anos	3ª s. incompl.	R\$ 500,00	8
Elisabeth	28	São Paulo	3 filhos e o marido	3 anos	3ª s. incompl.	R\$ 500,00	4
José	38	Sul da Bahia	Sozinho	4 anos	Autodidata	R\$ 500,00	Não tem
Caio	29	Guarulhos	Esposa, 2 filhos, 1 afilhado e sogra	4 anos	6ª s.	R\$ 500,00	2

Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro, posteriormente memorizado pela pesquisadora, que achou melhor não utilizá-lo no momento dos encontros. Com receio de

inibir os catadores, preferiu fazer da entrevista uma conversa, na qual procuraria focar suas histórias de vida, suas afetividades e desejos, entre outras questões importantes, para assim captar as relações, o processo inclusão–exclusão, a relação saúde–doença, mediados pelo trabalho do catador.

- Dados pessoais – nome; idade; escolaridade;
- História de vida – breve relato biográfico, da cidade de origem, caso o entrevistado não fosse de Guarulhos, até a fixação na atual cidade; se a infância foi marcada por situações de exclusão, esta era a primeira a ser contada;
- História de catador – relato de como o entrevistado havia se tornado catador, como se sentiu ao assumir esta atividade, como se sentia ao desempenhá-la e o que achava dos catadores de maneira geral;
- Projetos de vida.

As entrevistas foram gravadas e as fotos foram tiradas e colocadas nestes trabalho, com o consentimento de cada catador – os cinco selecionados do grupo de multiplicadores –, e quase todas foram realizadas no local onde eram feitas as reuniões semanais, no Centro de Treinamento Monitorado (CTMO), prédio da prefeitura de Guarulhos. Tiveram início em novembro de 2002. Depois, por causa de feriados e festas, as reuniões foram suspensas, e, conseqüentemente, as entrevistas também. Logo que as reuniões foram retomadas, a pesquisadora voltou a participar do grupo, realizando as entrevistas que faltavam em fevereiro de 2003. Depois de realizadas, foram transcritas e cópias foram devolvidas para os catadores.

A escolha da ordem dos entrevistados foi aleatória. Foi interessante observar que, em uma das reuniões, já de 2003, um catador (Romualdo) que ainda não havia sido entrevistado cobrou da pesquisadora: *“Mas agora vou te cobrar uma coisa que você ficou devendo”*, logo obtendo a resposta: *“Pode ficar tranqüilo que nós vamos conversar, mas foi bom você ter cobrado”*. Outra catadora (Elisabeth), que também ficou para ser entrevistada em fevereiro de 2003, falou brincando e dando risada, no último dia em que nos encontramos em 2002: *“É, eu fui a única excluída do grupo e que não conversou com você”*.

ANÁLISE DE DADOS

Para analisar o sentido, seguimos, neste trabalho, a recomendação de Vygotsky (2001) de buscar o subtexto, partindo da palavra, que seria o aparente, até chegar à sua essência, que seriam os sentidos, os significados, as afetividades. O subtexto é a base afetivo-volitiva. De acordo com Vygotsky, é através daquilo que é dito pelas pessoas que podemos captar os significados sociais e os sentidos pessoais; e é por meio desses significados e sentidos que podemos compreender a relação saúde/doença, alegria/tristeza, potencialização/despotencialização. Iremos aqui, então, tentar compreender essas relações através das enunciações das pessoas entrevistadas, os catadores.

Vygotsky diz que é preciso revelar cada pensamento e cada desejo que estão por trás das enunciações, por trás da ponta do *iceberg*: “Toda frase viva, dita por um homem vivo, sempre tem o seu subtexto, um pensamento por trás” (ibidem p. 477). Compreender o subtexto do texto é compreender a base afetivo-volitiva que existe por trás do pensamento. A análise psicológica de qualquer enunciado só chega ao fim quando se descobre o plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal, que é a motivação.

Mas antes de fazermos esta análise minuciosa, tentando investigar e desvendar os motivos que levaram esses indivíduos a se tornarem catadores, enfocando o processo inclusão–exclusão social e a relação saúde–doença, descreveremos o processo de construção dos grupos, dos vínculos, das rupturas que foram observadas ao longo de um ano, registrado em diário de campo pela pesquisadora.

Depois da fase narrativa, que permite ao leitor se envolver e compreender melhor o trabalho de pesquisa, foram precisamente narradas as informações gerais, bem como os passos seguidos, os encontros, as reuniões acompanhadas

Num segundo momento, foram levantados temas a serem trabalhados e mais profundamente analisados. Esse levantamento de temas se baseia na fase descritiva, porque possibilita apreender a realidade e os significados mais enfocados pelos catadores.

Desta forma, no terceiro e último momento da análise geral, foram levantadas as hipóteses acerca do subtexto das entrevistas transcritas, levando sempre em consideração todo o material obtido através da observação participante, das relações pesquisadora/pesquisado, pois isso as contextualiza, possibilitando que tenham um outro significado.

Quando falo da relação pesquisadora/pesquisado estou também querendo apontar para a

ética na pesquisa com seres humanos. Penso que, a partir do momento em que uma relação é estabelecida, é obrigatório levar em consideração as pessoas que estão nela envolvidas. Se uma pesquisa a ser desenvolvida pode vir, de alguma forma, a prejudicar o sujeito pesquisado, pergunto: que tipo de pesquisa e de ciência se estará fazendo, se nem os princípios básicos e éticos no trato do ser humano estarão sendo respeitados?

Como já foi dito, antes de compreender o catador em sua função quero compreender a pessoa que ele é. Creio que todo pesquisador, antes de compreender seu objeto, deve compreender quem é a pessoa que é seu objeto, e nisso me baseio no que Oliver Sacks fala acerca da doença: todo médico deveria se perguntar que pessoa a doença tem e não doença a pessoa.

Sendo assim, busquei compreender a pessoa do catador e, ao investigar suas histórias, suas relações afetivas, procurei cuidar dessas pessoas que comigo se abriram, se mostraram frágeis, tristes e alegres. O pesquisador que quer investigar a afetividade, os sentimentos e as emoções tem de saber cuidar, esclarecer e potencializar as pessoas envolvidas em sua pesquisa, e, por essa razão, o papel fundamental do pesquisador ético, que quer trabalhar em busca da ética humana, é saber cuidar pesquisando.

CAPÍTULO III

O GRUPO DE MULTIPLICADORES

O grupo de multiplicadores começou a se reunir em março de 2002, e nesta época era composto por cinco catadores, um fundidor, uma bióloga, uma líder de bairro, dois funcionários da Secretaria do Trabalho (SRT) e duas funcionárias da Secretaria da Indústria e do Comércio (Sica) de Guarulhos, além de três formadores da ITCP-USP (Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo).¹²

Os catadores integrantes deste grupo são moradores de diferentes bairros de Guarulhos e foram convidados pela SRT para participar do projeto, cuja finalidade era organizar os catadores de materiais recicláveis da cidade de Guarulhos¹³ e formar cooperativas de reciclagem, numa perspectiva de geração de renda e inclusão social. O convite se deu como consequência de uma tentativa desses integrantes de organizar os catadores de seus bairros, na intenção de formarem cooperativas, associações. Sem estrutura, sem conhecimento, não conseguiram concretizar sua idéia, então foram em busca de ajuda do poder público. Desta maneira, ficaram conhecidos como líderes de seus bairro e identificados como aqueles que tentaram organizar o trabalho dos catadores. Logo depois, foram convidados para participar do grupo de multiplicadores.

¹² A ITCP-USP e a Secretaria do Trabalho de Guarulhos, fizeram um contrato no começo de 2002, com duração de um ano. O objetivo da ITCP é o de contribuir para o avanço da economia solidária e da autogestão.

Ações do processo de incubação: atividades de formação para a autogestão popular de empreendimentos; capacitação técnica específica para desenvolvimento de negócio; assessoria e assistência na organização e gestão de empreendimentos, plano de negócios, estudo de viabilidade; atividades de formação e assessoria para construção de relações humanas e de trabalho solidárias, democráticas e autônomas, bem como para a busca de qualidade de vida e saúde no ambiente de trabalho; elaboração de projeto de financiamento, cujo crédito pode ser obtido no São Paulo Confia, Banco do Povo; organização da produção, para criar estratégias de comercialização, com apoio para buscar inserção nas políticas públicas de desenvolvimento local; organização de intercâmbio com outros empreendimentos populares e solidários; fomento ao desenvolvimento de tecnologias voltadas às necessidades dos grupos de economia solidária e empreendimentos populares, para incentivar mais produtividade e melhor desempenho; articulação de redes locais de Desenvolvimento Solidário e estímulo à participação em Fóruns Distritais de Desenvolvimento, bem como de interação com agentes públicos locais do poder público e sociedade civil.

¹³ É a primeira vez, na história da cidade de Guarulhos, que o PT (Partido dos Trabalhadores) assume a prefeitura municipal. A história política do município é marcada por poderes oligárquicos de famílias locais. Guarulhos tem 1.071.299 habitantes (fonte: IBGE), sendo a segunda maior cidade do Estado de São Paulo. A grande maioria da população, cerca de 95%, é de origem nordestina. Atualmente, a cidade está com 20% de desempregado.

O papel desses catadores no projeto da SRT era de formadores,¹⁴ ou seja, tinham como tarefa organizar outros grupos de catadores, ensinando-lhes os conteúdos para a fundação de cooperativas. As reuniões aconteciam uma vez por semana, geralmente, das 14h às 17h30.

O acompanhamento deste grupo, na grande maioria de suas reuniões, levou a pesquisadora a acompanhar também outros grupos de catadores de diferentes bairros de Guarulhos, presenciando, muitas vezes, encontros de formação, quando procurava observar as diferentes relações de vínculos, as rupturas e a afetividade. Mas, como já foi dito, esta pesquisa enfocou especificamente o grupo de cinco catadores multiplicadores. O contato com os outros grupos foi também de grande importância, ainda que não sejam analisados aqui, pois possibilitou a aprendizagem sobre a formação de grupos, o mundo do catador, suas semelhanças e diferenças.

O PRIMEIRO ENCONTRO COM O GRUPO

Antes de ir a campo, eu nunca havia me relacionado com nenhum catador de materiais recicláveis. Assim, tentei ir ao nosso primeiro encontro sem nenhuma idéia pré-concebida. Na verdade, não foi o que aconteceu, e nisso pude ver, em mim mesma, o quanto os signos sociais ideológicos, dominantes e preconceituosos nos afetam; o quanto não se reflete sobre esses indivíduos. Confesso que, antes de me encontrar com o grupo de catadores, imaginava-os como pessoas maltrapilhas, sujas, que não sabiam conversar nem pensar, e eu sequer os diferenciava da imagem que fazia do ladrão, do mendigo, chegando a sentir até um pouco de medo.

Para realizar a pesquisa, solicitei autorização da Secretaria do Trabalho de Guarulhos para acompanhar o grupo de catadores, através de alguns funcionários que eu já conhecia. A idéia de ter uma psicóloga acompanhando o grupo foi bem aceita, e eu fui então à primeira reunião, acompanhando Manuel, um funcionário da SRT. Estavam presentes nesta reunião quase todos os integrantes do grupo: os cinco catadores, a líder de bairro, a bióloga, três pessoas da Incubadora da USP, duas da Secretaria da Indústria e Comércio (Sica), e me disseram que faltava o fundador.

Logo neste primeiro encontro, foi outra a minha impressão, e fui obrigada a romper com o que imaginava a respeito do catador. Nesse momento, ao me dar conta de que estava até então sendo guiada por uma cadeia imaginada baseada em uma realidade preconcebida, e não verdadeira, senti-me triste. Depois refleti e percebi que esse meu comportamento é o mesmo da

¹⁴ O papel da ITCP é dar formação ao grupo de multiplicadores e capacitá-los para formarem outros grupos de catadores. No contrato estabelecida constava que, enquanto o grupo de multiplicadores estivesse formando outros grupos, a ITCP deveriam dar assessoria na formação dos outros grupos. O objetivo dessa formação é a constituição de cooperativas de catadores.

maioria das pessoas, que, no caso dos catadores, formam uma imagem sem pensar sobre o que significa se tornar e assumir-se como um catador de materiais recicláveis.

Voltando ao relato da reunião, no começo eu fiquei somente observando o grupo. Além de estar me sentindo culpada por ter julgado sem conhecer, estava me sentindo uma intrusa, sobretudo pela atitude não muito receptiva de duas integrantes do grupo: uma vinda da Incubadora da USP, Cristina, e outra da Sica. Senti-as desatenciosas e indiferentes quando me dirigi a elas. Já os catadores (Romualdo, Érica, José, Caio, Elisabeth) e os demais integrantes (o fundidor, a líder de bairro, a bióloga e a outra funcionária da Sica, Joana), todos foram amigáveis. Sabendo com mais detalhes de meu projeto de pesquisa, mostraram-se dispostos a me ajudar na coleta de dados e aceitaram dar uma entrevista em particular.

Nessa primeira reunião, o grupo estava discutindo questões acerca do I Encontro dos Catadores de Materiais Recicláveis, que iria ser realizado na região de Bonsucesso, em Guarulhos. Na discussão, foi definido o objetivo do projeto da Secretaria do Trabalho, em síntese, a inclusão dos catadores. A idéia era de organizá-los em grupos para que formassem cooperativas, no intuito de gerar maior renda para o sustento das famílias e melhorar suas condições de vida; organizar a coleta seletiva no bairro; indicar para a Secretaria do Meio Ambiente formas de implantação da coleta seletiva; criar um Fórum de Lixo e Cidadania no município de Guarulhos.

De minha parte, procurei deixar claro que não estava ali para competir, mas para ajudá-los no que precisassem. Pude observar as relações interpessoais dos integrantes do grupo, as ações de cada um, os pensamentos e as idéias expressas, e fui anotando em meu diário de campo todas as informações que pudessem contribuir para minha pesquisa.

A partir deste dia, passei a acompanhar o grupo semanalmente, e posso dizer que esses encontros me proporcionaram uma enorme experiência de vida, me possibilitaram construir ou reconstruir novos significados e sentidos acerca dos catadores, que me afetaram muito.

O CONTRATO

No grupo, pude observar diversas relações, acontecimentos, brigas, vínculos, tristezas, alegrias. Um grande problema era o contrato que os integrantes assinariam com a prefeitura: previsto para ser assinado em março de 2002, devido à burocracia só se efetivou em dezembro desse mesmo ano. Durante este período, houve grandes tensões, causadas sobretudo pela falta de dinheiro; afinal, os catadores haviam deixado de coletar material reciclável, que era o seu sustento, para participar das reuniões e formações dadas pela ITCP.

O não-cumprimento do prazo estipulado para a contratação gerou no grupo uma grande falta de confiança e de credibilidade com respeito à prefeitura, o que veio a desencadear conflitos relacionais generalizados, entre os próprios membros do grupo, com a prefeitura e com outros grupos em formação. Esse tipo de situação acabou por gerar relações tensas e padecedoras, justamente na implantação de um projeto cujo intuito era, em essência, potencializar os catadores. A bióloga mostrava-se bastante descrente quanto à efetivação do contrato; na época, ponderou que deveriam parar o trabalho e só retomá-lo quando tudo estivesse definitivamente acertado. Os catadores, por sua vez, ficaram pensativos, mas decidiram continuar, pois já haviam começado a formação na comunidade de Bonsucesso, a conquistar a confiança do grupo em treinamento, e não queriam perder este vínculo, julgando que seria difícil reestabelecer a confiança se houvesse uma retomada futura. A bióloga ausentou-se por um tempo das reuniões, mas logo que voltou a frequentá-las o contrato com a prefeitura foi assinado.

Nesse período, a descredibilidade era uma constante, mas o grupo parecia unido em busca de um único objetivo – o contrato –, pois serem contratados significava serem empregados, terem dinheiro no banco todo mês, suas contas pagas, comida certa na mesa. Por isso havia esperança de que o contrato fosse assinado. Foi um período de medo, sim, de estarem investindo o que chamaríamos de suas potências de ação em algo que era ainda uma incógnita, afinal, a efetivação do contrato era incerta. Mantiveram-se, ainda assim, vinculados pela esperança: se o contrato não se concretizasse, seria uma frustração para todos do grupo, mas, se fosse efetivado, conseguiriam um emprego, estariam trabalhando em algo importante para eles e para os demais catadores, como propunha o projeto da SRT (Secretaria de Relações do Trabalho).

De fato, não tinham por que desistir enquanto os funcionários da Secretaria do Trabalho estivessem alimentando suas esperanças de eles serem contratados. Aquilo representava muito para eles. Todos os catadores, em suas histórias de trabalho, contaram à pesquisadora suas incansáveis buscas por um emprego e seus sentimentos de incapacidade, de tristeza, por não conseguirem um lugar para trabalhar. Agora que poderiam conseguir algo, que poderiam ser reconhecidos, úteis, que ganhariam pelo trabalho executado, com certeza não desistiriam. A insistência e a persistência do grupo, alimentado por um motivo comum, acabaram por vencer as dificuldades e o contrato com a prefeitura foi finalmente assinado.

Esta situação ilustra o que Espinosa chama de noções comuns: “(...) a representação de uma composição entre dois ou vários corpos, e de uma unidade dessa composição. Quando as relações correspondentes a dois corpos se compõem, os dois corpos formam um conjunto de potência superior, um todo presente nas suas partes” (Deleuze, 1999, p. 108).

Depois da efetivação do contrato, o grupo se mostrou menos unido. Será porque já tivesse atingido o objetivo comum? Fora de uma situação de instabilidade, oscilando entre medo e esperança, essas pessoas já não se uniam mais por relações de afetividade? O grupo mostrou que, quando houve medo e esperança, a tendência foi de se unir, e assim seus integrantes conseguiram manter a potência de ação necessária para atingir o objetivo. Mas mostrou também que, num quadro mais estável, uma certa dispersão. Os integrantes passaram a estar vinculados diretamente com a Secretaria de Trabalho, e a partir já não se testemunhou um vínculo intragrupal.

Como já dissemos, esse contrato com a prefeitura era algo muito desejado pelos catadores, por tudo o que ele significa, mas acabou desmobilizando e favorecendo o individualismo. Antes de efetivá-lo, o grupo sofreu muito. Depois, suas atividades deveriam se voltar para a formação e a organização de outros grupos de catadores – em Bonsucesso, Mikail e Alvorada. Essas atividades seriam o começo de uma ação benéfica propiciadora de inclusão social. Todavia, tanto os multiplicadores como os grupos em formação passaram a enfrentar outros problemas.

O TERRENO

Um outro problema ocorrido foi a promessa que a Secretaria de Trabalho fez ao grupo de Bonsucesso. A SRT doou um terreno para os catadores, mas que precisava ser reformado. Prometeram reformá-lo, então, em maio de 2002; o projeto da reforma foi apresentado em outubro de 2003 e, meses depois, ainda não se concretizou. Isso levou esse primeiro grupo a perder aos poucos as expectativas, e também a confiança na prefeitura. Conseqüentemente, deixaram de confiar nos multiplicadores, que acabaram ficando como responsáveis pela situação. Depois de passarem todo um ano em treinamento (2002), o grupo de Bonsucesso se desfez, desestimulado pelos problemas a serem enfrentados.

Depois de algumas reflexões acerca da desistência dos catadores de Bonsucesso – pela qual os multiplicadores foram responsabilizados, tendo de responder pela promessa não cumprida pela SRT –, concluiu-se que era preciso que os catadores tivessem primeiro uma infra-estrutura, um terreno, um galpão, um lugar para trabalhar, para depois receberem formação de como deveriam se organizar para formarem uma cooperativa ou uma associação afim.

O PROJETO

O projeto da SRT propõe-se a formar vários grupos de catadores nas diferentes regiões de Guarulhos, no intuito de que, futuramente, venham a formar cooperativas, possibilitando assim

melhores condições de vida e a promoção desses indivíduos como restauradores ambientais. Pois este projeto – cujo principal alvo era a valorização dos catadores enquanto profissionais e enquanto seres humanos dignos –, envolvia necessariamente a questão ambiental e, portanto, a coleta seletiva nos bairros, na região central, enfim, em toda a cidade de Guarulhos. Por essa razão, tanto a viabilidade da infra-estrutura para a construção das cooperativas quanto a implantação da coleta seletiva na cidade dependiam da prefeitura e de suas secretarias.

O que ocorre é que nem todas as secretarias concebem um projeto tendo como objetivo a inclusão dos catadores. A Secretaria do Meio Ambiente, por exemplo, visa principalmente à coleta seletiva e à formação de agentes ambientais, e seu projeto não envolve os catadores. Na verdade, no âmbito dessa secretaria, a preocupação essencial é com a coleta seletiva, e não com a questão da inclusão dos catadores, da erradicação do trabalho de catação feito até mesmo por crianças. A exclusão dos catadores em seu projeto é explícita.

Diante deste quadro, a Secretaria do Trabalho mudou seu comportamento; começou então a discutir seu projeto priorizando a inclusão do catador, sua figura principal, a coleta seletiva ficando como pano de fundo.

Tais problemas ressaltam que a coleta seletiva deve ser pensada em relação ao catador. Deve beneficiá-lo, e não prejudicá-lo. Se não incluí-lo, esse cidadão, já excluído do mercado de trabalho – e que, por isso mesmo, recorre à catação de lixo para suprir suas necessidades –, será novamente excluído. E isso por certo trará conseqüências, aumentando a miséria e a violência.

AS PERDAS DO GRUPO DE MULTIPLICADORES

Em março, o diretor da Secretaria do Trabalho e uma funcionária dessa mesma secretaria, que acaba atuando como secretária do grupo de multiplicadores, pediram demissão – o diretor, por problemas de relacionamento, a funcionária, por ter recebido uma melhor proposta de trabalho.

Além dessas perdas, no começo de maio de 2003, a SRT decidiu que um dos catadores, ou a Dona Érica ou o Romualdo, teria que sair do grupo, por serem da mesma família. Alegaram que isto estava previsto no contrato e que poderia acontecer a qualquer momento. Dona Érica, desconfiada, achou que era desculpa, que o verdadeiro motivo era que ela falava demais.

Todas essas perdas desestruturaram o grupo. Seus membros começaram a se desentender, e acabaram se dividindo em dois blocos. Um queria continuar dando formação para outros grupos, sem buscar ajuda fora da SRT. O outro, devido à desistência dos catadores de Bonsucesso, não queria dar apenas formação, pois havia constatado que isso não era suficiente, então pretendia se

organizar para buscar apoios e parcerias em empresas privadas, Ongs, em outras secretarias municipais, no intuito de conseguir infra-estrutura para os grupos em formação. Os dois blocos só se uniam quando havia reunião com o secretário.

Os multiplicadores realmente padeceram com as perdas. O diretor era a raiz e o tronco desse grupo, e sua saída fez com que os participantes perdessem o caminho a seguir. Ele estava disposto a ensiná-los a pescar, mas ainda não tinham aprendido todos os processos para conseguirem se alimentar de sua própria pesca. Essa perda levou o grupo a se despotencializar, a padecer, a se desestruturar.

A saída da funcionária foi logo em seguida. O grupo já estava paralisado, imobilizado, e essa outra perda só contribuiu para seu sofrimento. A dispensa da Dona Érica foi o momento de padecimento completo, pois o grupo se cindiu, se fragmentou, desacreditando da potência da ação grupal. Foi a partir daí que se configuraram os dois blocos.

UM FIM E UM RECOMEÇO

No final de 2003, percebendo o caminho tortuoso e lento que estávamos tendo que caminhar, propus que marcássemos uma reunião com a responsável pelo Fórum de Lixo e Cidadania de São Paulo, Raquel. Foi um ótimo encontro, pois Raquel mostrou outros caminhos, abriu outras portas que não conhecíamos.

Os catadores formadores sempre estiveram interessados no trabalho, sempre mostraram suas potências de ação em busca da inclusão de outros catadores. O trabalho que tinham que fazer, foi feito. Os grupos foram formados e mantidos, mesmo com grandes dificuldades, mas eles conseguiram, com ajuda especialmente da potência de ação de pares dos diferentes grupos. Precisavam, todavia, de um novo estímulo.

O encontro com a Raquel viabilizou outros caminhos, como já foi dito. Ela nos abriu portas e conseguimos uma ajuda alimentar para os grupos que estavam trabalhando com catação, separação e venda, que estavam passando fome, pois o tempo entre a catação e a venda era longo, gerando necessidades. A ajuda alimentar potencializou o grupo, tanto física quanto afetivamente, pois se sentiam reconhecidos pelo trabalho realizado. Raquel também conseguiu uma grande quantidade de material reciclável para os catadores separarem e venderem.

Nesse momento, os grupos não tinham um terreno próprio em que pudessem trabalhar. Até então, cada um se virava e compartilhava o terreno de um dos catadores. A Secretaria do Trabalho estava tentando conseguir uma área com galpão abandonado, e conseguiu viabilizá-lo,

disponibilizando esse espaço aos catadores. Além disso, o grupo de multiplicadores conseguiu formar a Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis de Guarulhos.

Será que começa aqui um processo de inclusão capaz de superar os sofrimentos e a servidão?

CONCLUSÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Desde maio de 2002, o grupo de multiplicadores e os outros grupos de catadores sofreram em alguns momentos, mas também tiveram grandes ganhos. O contrato foi penoso de ser conquistado, mas foi concretizado, e hoje percebo que sua efetivação significou o começo de uma ação em prol do catador, pois formou-se um grupo que discute a importância da sua inclusão, dificultando a ação de outras secretarias que pretendem somente fazer a coleta seletiva, preservando o ambiente mas sem compromisso com os problemas sociais.

Os multiplicadores contratados conseguiram organizar três grupos de catadores em três bairros de Guarulhos; conseguiram formar uma cooperativa de catadores; conseguiram ajuda alimentar para os grupos e apoio da Raquel, responsável pelo Fórum de Lixo e Cidadania de São Paulo, que viabilizou material reciclável para os catadores. Podemos perceber, nesse grupo, a tensão entre sofrimento, potência e servidão.

Sobre o terreno cedido pela prefeitura, houve demora para que ele fosse viabilizado, o que provocou muito sofrimento e até a desistência do primeiro grupo de Bonsucesso. Na verdade, este terreno ainda hoje não está pronto para uso, mas os catadores, organizados nos grupos de Bonsucesso, Mikail e Alvorada, conseguiram um outro espaço para trabalhar.

Agora uma nova história de inclusão estaria começando. O objetivo do projeto de formação de grupos e fundação da cooperativa de catadores foi alcançado, com grandes alegrias e tristezas, com histórias de inclusão e de exclusão, com saúde e doença... Mas como a história ainda não terminou, talvez não possamos concluir se houve ou não inclusão, e de que qualidade. Talvez nem possamos responder a isso um dia, já que inclusão é um processo, e não um estado, e é a outra face da exclusão.

No decorrer da pesquisa, percebi momentos de muito sofrimento, que podem revelar a perversidade da inclusão, e também momentos alegres, como o da concretização da estrutura física tão esperada, os da chegada de apoios importantes, o que gerou alegria e estimulou consciência e crença na própria capacidade, superando o padecimento.

Uma questão importante e que merece ser ressaltada é a preocupação, depois de construída a cooperativa, de que a empresa terceirizada, que recolhe o lixo da cidade, queira concorrer e brigar com a cooperativa dos catadores. Essa empresa é responsável por recolher o lixo de Guarulhos, e ganha por lixo pesado. Depois de organizada a coleta seletiva, o lixo de materiais recicláveis ficaria para a cooperativa, e o lixo orgânico seria entregue à empresa. Essa seria uma nova estratégia de exclusão? Essa questão não será aqui analisada, pois essa história está se iniciando quando já finalizo meu trabalho. Apenas apontarei o problema para começarmos a pensar nesta outra ameaça de exclusão.

Quanto ao fato de os catadores se tornarem formadores, atualmente eles parecem ter assumido este papel e se sentem felizes em desempenhá-lo, pois têm maior participação social, são escutados pelos catadores e pelos políticos, além de ganharem pelo trabalho que realizam.

Vejamos, agora, como se sentem estas pessoas no que se refere a sofrimento, saúde, afetos e relações.

CAPÍTULO IV

AS HISTÓRIAS DOS CATADORES

A HISTÓRIA DE DONA ÉRICA



Foto 2: Dona Érica em uma reunião.

Dona Érica é catadora, tem 42 anos, nasceu em Pernambuco, numa cidadezinha chamada Cavaleiro de Jaboatão. Tem uma irmã, por parte tanto de mãe quanto de pai, e mais dois irmãos e uma irmã, por parte de mãe. Seus pais se casaram e tiveram duas filhas: Tânia, a mais velha, e Érica. Mas o pai abandonou a família quando ela ainda era bebê. Fisicamente, Érica saiu ao pai; os dois são negros, enquanto sua mãe é branca e sua irmã Tânia também. Essa semelhança fez com que sua mãe a discriminasse, a maltratasse. “É, Paula, eu sou literalmente o passado negro da minha mãe, e por isso eu era tratada diferente dos meus irmãos, que são brancos”.

Quando criança, Érica trabalhava catando caranguejo, siri, muçum, para depois vendê-los. O dinheiro que ganhava era para ajudar nas despesas da casa. Ela entregava todo o dinheiro para sua mãe, e conta que ficava muito feliz em poder ajudá-la. Tendo que trabalhar, Érica não pôde estudar; foi aprender a ler e a escrever só muitos anos depois. Na adolescência, até 18 anos, trabalhou como babá em casa de família. Nessa idade, engravidou, e sua mãe a expulsou de casa.

Lá no norte, você sabe, uma moça quando se perde é jogada pro mundo. E eu fui pro mundo. A minha mãe e meu pai [padrasto] não aceitaram minha gravidez. E eu era de maior, então me mandaram pra rua. Foi horrível, porque arrancaram algo de mim. Porque era minha mãe, meu pai, meus irmãos. E de repente ninguém queria saber de mim, me jogou pra rua. A vizinhança não queria saber de mim,

porque eu era mau exemplo pras outras moças de família, grávida sem marido.

Érica sofre ao ser expulsa de casa. Esse momento concretiza o abandono que ela sempre vivenciou por parte de sua mãe, na forma como esta a maltratava, a discriminava, por causa de sua negritude, que despertava nela lembranças desagradáveis. Érica continua contando sua vida depois que foi expulsa:

Aí eu fui morar sozinha, na rua, pro meio do mundo. Aí comecei a ver o que é bom, o que é ruim, no meio de gente pior que eu, na época; mas eu era igual, porque eu vivia no meio deles, então eu me sentia igual a eles. Mas eu precisava sair dali. Fui presa por causa de brigas de rua. Essa mancha que eu tenho aqui foi briga. E acho que judiei demais da pessoa na época, aí fui presa. Mas fiquei só quinze dias, depois me soltaram. Acho que é alguém com ciúme de mim. Porque fazia pouco tempo que cheguei a ficar assim no meio da rua, então era novinha, bonitinha, né? As outras eram mais velhas. E eu podia assim roubar o namorado. Eu sei que causou um clima de ciúme, houve uma discussão, ela me mordeu, aí eu catei, eu bati nela, eu judiei bastante. E logo chegou a polícia e me levou. Fiquei quinze dias.

Depois de sair da cadeia, Dona Érica mudou-se para João Pessoa: “*Voltei pro cais, que cais lá em João Pessoa é lugar de prostituta, entendeu? Mas eu não queria ser prostituta, não era minha vontade. Eu não queria ser isso*”. Nesse tempo, o Circo Bartolo chega ao cais de João Pessoa, e sua chegada possibilitou à Érica trabalhar ajudando uma das donas, que já estava um pouco velha e precisava de ajuda não só com os afazeres domésticos, mas também com seus cuidados pessoais. Érica ofereceu então seus serviços, e dona Juzinha a empregou. Esse momento foi muito importante, pois Érica tinha apenas um caminho a seguir, a prostituição, mas quando o circo chega abre-se uma outra possibilidade, que fica muito mais próximo daquilo que ela gostaria de fazer, ou seja, trabalhar cuidando de alguém: “*E eu lavava a roupa dela, eu passava, e ela me dava comida. Enquanto o circo tava lá, tava a mil maravilha pra mim*”.

Nesta época, nasceu seu bebê, o Saulo, e como Érica não tinha condições de cuidar dele, pediu para sua mãe ajudá-la com o bebê até que ela se estabilizasse e pudesse reassumi-lo. Enquanto isso, trabalhava no circo e mandava o dinheiro que ganhava para ajudar sua mãe nas despesas com o filho.

Daí o circo foi embora. Érica pegou então os trocados que ganhou no circo e foi tirar seus documentos. Conseguiu um emprego numa firma como faxineira. Com o salário, pagava o aluguel de um quartinho e mandava o resto para sua mãe cuidar de Saulo. Trabalhou nesta firma durante três anos, numa época em que a situação de desemprego já estava complicada no Nordeste, onde a

desigualdade social ainda é grande, a miséria e a fome são explícitas.

Desse sofrimento todo, surge a esperança da melhora de vida na capital de São Paulo:

Aí foi que todo nordestino tem o sonho de vir pra São Paulo, que aqui é a cidade que você encontra dinheiro em tudo quanto é lugar. E eu ouvi assim, que no lixo encontrava televisão boa, dinheiro. E eu vim com esse sonho pra cá.

Érica veio para São Paulo de carona com o Circo Bartolo – que em suas excursões sempre voltava para João Pessoa –, aceitando o convite de dona Juzinha. Ela estava com 23 anos. Em São Paulo, foi trabalhar na casa de Juzinha, em Atibaia, onde cuidava da patroa, da casa, sem folgas nem horário específico de trabalho. Certo dia, Érica recebeu uma carta de um vizinho seu de Pernambuco dizendo que estava morando em Guarulhos, então ela quis visitá-lo.

Tinha três meses que eu trabalhava pra ela sem folga, então ela me deu uma folga. E eu peguei o endereço do Vila Ani pra sair de Atibaia pra lá, mas pra vim de lá pra Atibaia eu não peguei, eu não soube volta, entendeu? Pedir meu endereço da minha patroa e mais uma vez fiquei no mundo, na rua de novo. Porque na casa que eu tava, não tinha como eu ajudar, tava parada, não tinha dinheiro. E eu precisava de um emprego e não conseguia, então fiquei uns dias lá, mas depois eles me puseram pra rua. Ai eu fiquei ali uns três meses na praça do Jaçanã.

Na rua novamente, Érica é ajudada pelos mendigos, que moravam na mesma praça e com ela dividiam o pão duro e o resto de comida que conseguiam. De bens materiais, ela não tinha nada, só seus documentos no bolso e a roupa do corpo; não tinha nenhum lugar para tomar banho, nem outra roupa para trocar.

Aquela roupa ali, era pra mim viver direto com aquela roupa. Não tinha onde tomar banho, ninguém acreditava, nem confiava em mim. Quando eu chegava na porta pra pedir um prato de comida, alguns me mandavam eu ir trabalhar, outros até me dava comida, eu comia; quando não, os próprios mendigos da rua, esses me ofereciam comida [se emociona], entendeu?

Depois de três meses, Érica conseguiu novo emprego, desta vez numa empresa chamada Presidente. Ela conta que tomava banho nessa firma e colocava a mesma roupa, pois não tinha outra; de noite, voltava à praça para dormir: “Trabalhava de dia e dormia na praça do Jaçanã à noite. De dia eu tomava banho no Presidente e vestia a mesma roupa, não tinha outra”.

Uma noite, tentaram abusar de Érica na praça em que ela estava dormindo. Mesmo com o

agressor atirando, ela conseguiu fugir. Correu até que encontrou um rapaz, Carlos, que vendia gás. Pediu para entrar no depósito, ele prendeu os cachorros e lá ficou Érica até o amanhecer. De manhãzinha, ela teria que ir embora, mas antes Carlos providenciou roupas limpas, sapatos e um lugar para ela tomar banho.

E sai de lá quatro horas da manhã limpinha, e aquela roupa eu puis lá na sacola e levei; onde eu ia, levava aquilo, porque eu não tinha onde lavá mesmo. E comecei a trabalhar assim: de dia eu trabalhava, de noite eu dormia aqui. Já não dormia mais no Jaçanã, já dormia lá na Nove de Julho. Até que um dia eu consegui alugar um cômodo, através do Carlos. Eu não tinha fiador, porque não conhecia ninguém, mas ele foi meu fiador, aí eu fui pagando o aluguel. E veio um e me deu uma coisa, outro eme deu outra. Ali eu subi, trabalhei três anos e sete meses. Trabalhei na Univel, cinco meses como prensista. Trabalhei na prensa; montava, desmontava ela, fazia aquele cortinho do parafuso. Trabalhei cinco meses.

Quando Dona Érica estava trabalhando na Univel, conheceu um rapaz e com ele se casou. Logo engravidou e pediu demissão da empresa, pois o cheiro deixava-na enjoada. Nasceu sua filha, Jussara, e Dona Érica diz que nesta época estava no auge, pois tinha um marido, uma casa, tinha como cuidar de Jussara, e ainda conseguiu buscar Saulo em Pernambuco. Mas a alegria durou pouco, e logo a tristeza, o padecimento se instalaram em sua casa: seu marido bebia, a agredia, a xingava por sua cor, por seu cabelo, vangloriava-se por ser branco e a inferiorizava por ela ser da raça negra. Um dia, o marido estava bêbado, batendo nela; trancou-a com seus filhos (nesta época, já tinha tido o Edson também), jogou gasolina e pôs fogo na casa, com a intenção de matar todos, até seus próprios filhos.

Eu consegui escapar e tirar o Saulo, mas os dois meu mais novo eu não consegui pegá. Então eu fui correndo avisá o povo na rua, e alguém ligou pra polícia. E a polícia veio, aí me levou, levou ele, levou meus filhos, fez um monte de pergunta, registrou, e mandou a gente ir embora pra casa. Daí, um seis meses, no meio de dezembro – eu lembro como hoje –, a polícia chegou e levou ele. Por quê? Porque ele tinha um assassinato lá em São Bernardo, era assassino.

Com os filhos salvos e o marido na cadeia, Érica começa a trabalhar como babá num hospital. Com o dinheiro que ganhava, pagou o advogado para tirar o marido da cadeia. Conseguiu tirá-lo, mas conta que ele voltou da prisão ainda mais violento, acabando com o casamento e expulsando-a de casa. Érica não queria ir embora, preferia que ele fosse, pois se sáisse seria processada por ter abandonado a casa e os filhos. Mas o marido continuava a espancá-

la e dizia que não iria embora. Nisso, seu filho Saulo também a pressionava; dizia que se continuasse vendo seu padrasto bater nela era capaz de matá-lo.

No meio de tudo isso, Érica decidi sair de casa. Queria levar seus filhos junto, mas como não tinha condições de pagar aluguel e sustentá-los começou a participar de invasões, até que conseguiu um terreno, vendeu-o e comprou um barraco perto de onde trabalhava, no Hospital André Luís. Tendo o barraco para morar, foi buscar seus filhos às escondidas, trazendo-os para morar consigo. Mas seu marido descobriu seu endereço e, em troca de ajuda, queria dormir com ela: *“Não era isso que eu queria; eu queria que ele desse as coisas dele pras crianças e que eu tivesse uma vida livre”*.

Mais tarde, ele parou de agredi-la e nunca mais apareceu em sua vida, nem na de seus filhos. Érica conheceu então uma outra pessoa e engravidou. Descobriu, aos sete meses de gravidez, que estava esperando gêmeos. Com esta surpresa, entrou em pânico, pois dizia que, se já estava difícil sustentar três, cinco filhos seria muito complicado: *“Quando eu fui sabê, eu já tava de sete meses já, maior escândalo, não queria”*.

Dois meses depois do nascimento de Gerson e Gerônimo, seu filho do meio, Edson, estava brincando na favela quando foi atingido por uma bala perdida de uma discussão entre policiais e bandidos. Levaram-no imediatamente para o hospital, mas seu cérebro já estava morto.

O médico me chamou e falou que o meu menininho tava morto, né? Se alguma coisa mexia lá no computadorzinho, era a máquina, mas que o cérebro dele já tava morto. Aí eu resolvi pedir pro médico se ele podia tirar o meu cérebro, né, pra pôr nele. Ele falou: “Oh, mãe, o homem lá de cima ainda não deu a inteligência ao homem daqui debaixo pra que a gente faça isso”. Aí eu disse assim: “Já que não pode, não existe esse transplante, então você faz o seguinte, você tira dele e doa pro primeiro que tá na fila precisando, que eu vou doar”.

Dona Érica já havia sofrido muito em sua vida, mas esse acontecimento abalou-a muito profundamente. Ela se envolvia muito com seus filhos. Todo o seu vínculo afetivo estava nessas relações, pois Érica não tinha mais ninguém, nem mãe, nem pai, nem marido, nem irmãos, nem amigos. E essa perda a fez padecer e a começar a beber.

Desempregada, não ia mais em busca de emprego, só ficava no boteco bebendo, pedindo bebida para os outros. Vivia caída na rua. Suas paixões tristes estavam exacerbadas. Até que encontrou Romualdo, que nesta época também bebia muito. Eles ficaram amigos e logo foram morar juntos. Construíram um barraco no Mikail, onde estão atualmente.

Esse encontro foi extremamente importante para a vida de ambos, pois no lugar do padecimento começou a surgir a potência de ação. Um ajudou o outro a sair da cadeia de submissão à bebida e, juntos, construíram uma nova cadeia de significados afetivamente mais potentes, como o trabalho. Eles precisavam trabalhar, pois tinham que sustentar uma família. Embora fosse difícil a inserção no mercado de trabalho, precisavam agir de alguma forma. Foi aí que um colega da vizinhança os chamou para recolher material reciclável. Era a única oportunidade que lhes surgia. Dona Érica logo concordou em trabalhar nessa atividade, mas Romualdo não gostou.

Olhei pra ele e falei: “A gente precisa trabalhar pra gente se levantar”. “Trabalhar em quê?” “Em alguma coisa”. A gente não pensava em catar papel. Mas já tava cansada de pedir, e o outro humilha, xinga nós, entendeu? Aí, quando foi um dia, chegou um outro na mesma situação que nós, também. Aí falou: “Ó, que tal a gente arrumar um terreno, um caminhão, e a gente sai catando papelão, ferro-velho? E a gente junta, a gente separa, e vende, e a gente tira o pão-nosso-de-cada-dia”. Aí o Romualdo: “Eu, deixar de ser motorista pra catar papelão, tchutchuchu, eu não”. Aí, olhei pra ele assim, e falei assim: “Romualdo, por que não? É um trabalho como outro qualquer, né? Se a gente for juntar o material pra vender no final do mês, é melhor do que a gente té vendendo no ferro-velho”.

Sem nunca ter trabalhado na catação, ainda assim Dona Érica sabia que vender para o ferro-velho não era o melhor negócio; que juntar uma maior quantidade de material e vender para empresas proporcionaria aos catadores uma renda maior, pois estariam evitando o atravessador, o ferro-velho, e vendendo direto à empresa que recicla o material. De fato, quando o catador vende o seu material para o ferro-velho, vende por um preço mais baixo do que a empresa final paga. É quando nos perguntamos: por que então o catador não vende o produto coletado diretamente para a empresa? Porque esta só compra o material reciclável em grande quantidade. Como o catador, na maioria das vezes, trabalha de modo isolado e precisa receber imediatamente o dinheiro para satisfazer às suas necessidades básicas, ele não consegue juntar a quantidade ideal para repasse. Vende-a em seguida à coleta ao atravessador, que consegue acumular o produto, valorizando-o até a venda final. Uma reportagem na *Folha de S. Paulo* (20 de julho de 2003, p. B6) mostrou que os ferros-velhos, atualmente, estão conseguindo ganhar até dez mil reais por mês.

Vendo que estava diante de uma oportunidade de construção de uma nova vida, de uma nova história, e que o trabalho de catação que lhes foi proposto também ajudaria o casal a quebrar com a cadeia de submissão à bebida, Dona Érica tenta convencer Romualdo de que este é o caminho que eles teriam que seguir. Mesmo demonstrando um pouco de resistência, ele aceita

enfim trabalhar na catação. Antes mesmo de começar a trabalhar, Dona Érica já pensa na sua expansão, já deseja criar no próprio trabalho. Vejamos o que ela própria diz: “*Tom me chamou pra trabalhar na catação, eu já sonhei com a cooperativa; na época não sabia como era cooperativa, mas eu já queria organizar os catadores para trabalhar junto e eliminar o atravessador*”.

História de exclusão do trabalho

Dona Érica fez várias tentativas de arrumar um emprego, mas na maioria das vezes não conseguiu.

Acho que eu sou renegada, em vários pontos eu sinto isso. Sei lá, só olhar assim pra mim, por causa da minha cor, do meu cabelo, minha gordura. Não me querem pra trabalhar, né? Eles já falam logo, até no comercial, Paula. Tipo assim: precisa-se de uma doméstica, aí, de boa aparência. Que aparência eu tenho? Gorda, desdentada, maltrapilha, e ainda por cima sou negra. Por tudo isso, entendeu? Ainda por cima, moro num barraco. No começo, eu achava que não conseguia um emprego era porque, lá no André Luís, eu fui líder de greve, né? Depois eu comecei a pôr na minha cabeça que eu não conseguia também porque eu era analfabeta, né? Aí eu comecei a me interessar pelas letras, a qual hoje eu sei ler e sei escrever. Mas percebi que era porque eu sou negra mesmo que não conseguia emprego.

Na vida de Dona Érica, são vários os *motivos de exclusão*. Ela não conseguiu se inserir no mercado de trabalho, porque dizia não atender a nenhuma das características necessárias para ser aceita. O mercado de trabalho exige de fato um certo padrão para aceitar uma pessoa em seus quadros, incluindo a aparência física, como se vê nos classificados dos jornais. Esta catadora coloca claramente que suas características são opostas às exigidas, e o problema se agrava pelo alto índice de desemprego. Mas Dona Érica percebe que não é culpada e pontua, explicando por que acha que foi tão excluída:

Pra mim, eu era o lixo, do lixo. Eu penso assim, sabe, Paula? Que eles, nossos governantes, nossos governadores, nossos líderes, eles é que põem a gente nessa situação. Mas eu acho, tenho certeza que eles que nos excluíram, que nos abandonaram, atrás do muito, atrás dos estudados, sabe? Dos que têm dinheiro, entendeu? Eles foram tão gananciosos quanto eles, e esqueceu de nós. Eles tinham que ter feito algo por nós, entendeu? Pela classe pobre, pela classe, sei lá. Ter feito assim, investido em nós, como ele investiu nas grandes indústria; ele nunca investiu

em nós, ele investiu nos grandes industriais. E o que que aconteceu? Os grande industriais abandonaram eles. E quem é que está com eles hoje? Nós, que fomos os excluído deles, entendeu? Quem foi que deu a mão pra eles hoje, quem é que está com ele? Com a nossa prefeitura. Por que muito empresário saiu, por quê? Porque não agüentava pagar o juro de um local aonde essas firmas estavam, não é verdade? Eu não sei te explicar bem, mas é isso que vem na minha mente, entendeu? Saiu pra um lugar onde ele possa pagar e ter lucro, né? E nós, que fomos jogado pro lixo, não fomos investidos em estudo, em tecnologia, nisso, naquilo, nós estamos aqui e estamos dando a mão ainda pra ele. Por causa da ganância deles, ele nos abandonou, mas a gente não abandonou eles. É essa visão que eu tenho, é essa visão que eu tenho deles. E não tenho raiva por causa disso. Só que eles largaram o certo, que era nós, pelos duvidosos, pelos poderosos, tanto é que tá aí. Os poderosos largaram eles, e nós estamos prontos pra ajudar eles.

Tornar-se catadora de lixo e de esperança

O colega Tom, que chamou Dona Érica e Romualdo para trabalhar, comprou um caminhão fiado, e o grupo ficou de pagar todo mês. O grupo era formado por Tom, sua mulher, seus dois filhos, mais a família da Dona Érica, ou seja, Romualdo e seus dois filhos. Os gêmeos eram muito pequenos, então quem poderia ajudar era a Jussara e o Saulo.

Romualdo era o motorista, e os outros iam catando e jogando o produto recolhido no caminhão. Depois da coleta, eles depositavam o material no terreno onde o Tom morava, conseguido numa invasão. Lá eles separavam os produtos, para depois juntarem uma boa quantidade e conseguirem vender para as empresas.

Nós só trabalhava no dinheiro, só na latinha, no alumínio, cobre e ferro. Os outros, como o plástico, pra nós era lixo, mas a gente não jogava fora, nós ia fazendo as gavetas e ia pondo lá. Até que um dia a gente ia tendo conhecimento com outras pessoas em cima do plástico, e a gente também foi separando ele direitinho. E fomos fazendo carga, e a gente foi vendendo, e a gente foi vendo que dava que nem o ferro, e que dava mais que o alumínio, e que dava mais que os cobre. Por causa da quantidade. Porque o cobre a gente fazia pouca quantidade, a latinha o pessoal já tava muito em cima, os catadores, né? E o ferro, uma época ele tava com o preço bom, né? Na outra época ele caía, entendeu? E era perigoso os ferros também, porque nós catava muito carro que é roubado, jogado com coisa, é isso, entendeu? E nós ficamos com medo de estar catando esse ferro... Iiihhh, de prenderem nós como ladrão do próprio carro, entendeu? Sem a gente nem sequer... Então a gente

começou a ter conhecimento em cima do plástico, a conhecer alguém que comprava o PP, a conhecer alguém que comprava o PVC, o liliá, o iviá, que o iviá é mais caro que o liliá.

P: *E o que é tudo isso?*

S: *É tudo é plástico, entendeu? Que o plástico misto era um preço, e a gente começou a agregar conhecimento.*

O grupo estava conseguindo catar e vender. E, depois de alguns meses, o grupo inicial, de oito pessoas, tinha aumentado para 46 integrantes. Com esse crescimento, Tom mandou sua mulher, Vera, procurar ajuda do poder público, no intuito de conseguir alguma estrutura, melhorando as condições de trabalho. Dona Érica conta que Vera foi muitas vezes em busca de ajuda, mas nunca levava nada para o grupo. Depois de um tempo, ela também foi percebendo que o Tom estava se comportando como patrão do grupo, e não estava dividindo corretamente o dinheiro ganho, pegando mais para si e sua família.

A gente recebia, pagava o caminhão, pagava alguma dívida que tivesse, e o resto a gente dividia entre nós. Mas a gente estava de uma forma que a gente só estava dando pro povo; eu, o Romualdo, nós estava abrindo mão da parte da gente pra eles, pra poder segurar eles, entendeu? E o Tom foi arrancando só pra família dele, porque era ele, a mulher dele e os dois filhos dele, contra eu e o Romualdo, a favor do povo também que estava lá. O povo não falava, o povo não se dava conta de que, se era cooperativa, eles eram dono também. Mas o Tom fazia questão de mostrar que ele era patrão. Eu falava pro Romualdo: “Se nós somos dono, não é por aí, é por igual. Se é uma cooperativa, que nem eles fala, está errado isso aqui. E cadê a ajuda que ela corre atrás e não trás? Por que ela não trás conhecimento pra gente?”. E eu fui ficando curiosa. E esse povo: “Dona Érica, a senhora precisa se mexer”. Eu digo: “Mas me mexer aonde?”. “A senhora tem que ganhar o mundo, a senhora tem que correr atrás pra nós, a senhora tem que fazer algo por nós.” E, sem saber de nada, sem entender de nada, eu falei assim: “Tô eu montada num cavalo branco, com uma espada na mão nesse mundo de meu Deus, e vou lutar por você, e por mim e pro meu marido, porque desse jeito aí ele tá pegando só pra ele o lucro”.

Dona Érica questionou a organização do trabalho imposta por Tom, assim como cobrou a ajuda que Vera foi buscar e que nunca levava. O resto do grupo concordava com ela, e a elegeu para solicitar ajuda por melhores condições de trabalho para o grupo.

Em sua história de trabalho, essa catadora já liderou uma greve, quando trabalhava no

Hospital André Luís. Começou a reivindicar melhores condições para os funcionários – que não eram valorizados, trabalhavam horas extras e não recebiam, sempre tinham um desconto no salário, que nunca era justificado, folgas não cumpridas, entre outros problemas. Dona Érica, sentindo as injustiças e a falta de reconhecimento de seu trabalho, começou a reivindicar e organizou a primeira greve do hospital. Ela conta que todos os funcionários aderiram ao movimento e que, com isso, o hospital ficou um caos: *“Os dono vieram na favela, na minha casa, pra negociar. Eles, que nunca nem pisaram na favela, tiveram que pisar”*. E, por fim, o salário aumentou, as horas extras passaram a ser pagas, não descontavam mais nada no salário que não fosse justificado e as folgas passaram a ser cumpridas.

Agora, mais uma vez, esta mulher estava sendo colocada no lugar de líder: líder de um grupo de catadores. Érica foi, então, em busca de alguém que viabilizasse uma estrutura física para o desenvolvimento do trabalho. Nesta jornada, conheceu alguns secretários, políticos, e o padre Frizzo, todos envolvidos com a questão da reciclagem. Até que a convidaram para ir ao Congresso de Catadores de Materiais Recicláveis em Brasília, convite que foi aceito.

Promoveram uma viagem a qual eu tinha que ir pra Brasília. E: “Você vai?” Eu digo: “Eu vou”. Fui e todo mundo, um me deu uma toalha, outro me deu um sapato que eu não tinha, né? Tudo que você imaginar pra levar numa viagem, cada um me deu uma coisinha e eu fui, e participei do I Congresso Internacional de Catador de latinha, e eu reivindiquei lá o que eu achei que a gente teria que ter. Reivindicamos e viemos embora, e fomos entrevistados.

Quando Dona Érica voltou, o grupo no Mikail, que já estava desestruturado, desfez-se, sobrando apenas dez pessoas das 46: *“Eu perguntei o que aconteceu. Ele falou que não sabia, e eu perguntei pra aquele grupinho que tava ali. “Olha, Dona Érica, a gente não agüenta mais esperar, é muito sofrimento.”* O Tom acabou ficando com o caminhão e com todo material coletado, e arrumou um sócio. Comportando-se tal qual como um patrão, dispensa Érica e Romualdo, dizendo que os chamaria “se precisasse”.

Seu encontro inicial com Tom e sua família foi muito bom, possibilitando o começo de uma nova história de conquistas pelo trabalho, assim como de reconstruções de sentidos e significados da vida e das relações afetivas entre o casal, com os colegas e com a família. O trabalho de reciclagem significou para Érica a chance de ela descobrir que tem uma dignidade. Foi por meio do trabalho que passou a ser reconhecida, conseguiu sustentar a família, construir novas amizades, novos vínculos.

Em sua longa história de exclusão, essa catadora não permitiu relações de submissão em

seu trabalho. Ela gritou e reivindicou seus direitos e expressou seus desejos. No âmbito público, foi uma líder, uma organizadora de greves, e representante de grupos que reivindicavam trabalho. Antes, no âmbito privado, Dona Érica sofreu e se submeteu, sofreu passivamente na relação com a mãe, com o primeiro marido, mas com os companheiros mudou. Em meio ao sofrimento e ao padecimento, vítima até mesmo de violência, tem momentos em que Érica consegue quebrar estas relações, construir e ir em busca de outras que não a submetam. – como a reivindicação no hospital, a saída da casa do marido, a briga com Tom, entre outros.

Érica orienta o marido, tendo mesmo o convencido a trabalhar na catação; e o estimula a participar de reuniões e de outras atividades ligadas ao trabalho de reciclagem. Logo depois que o grupo de seu bairro se desfez, Dona Érica, que havia buscado ajuda entre políticos, secretarias e com o padre, foi convidada, junto com Romualdo, para participar do projeto da Secretaria do Trabalho, a que já nos referimos. O casal começou a freqüentar as reuniões, onde conheceu o restante do grupo. Aí Érica passou a viver em intenso conflito, devido às mudanças impostas. Acabou sendo demitida da prefeitura. Livre do sistema institucional, hoje ela se torna ativa no trabalho a favor do catador. Dona Érica nos conta como se sentia trabalhando no referido projeto da prefeitura:

Pra falar a verdade, no fundo, no fundo, eu não queria ser empregada. E eu sou empregada porque ganho deles, entendeu? Sei que é pra trazer algo pra comunidade, sei que é pra fazer algo pra eles, mas é pouco. Porque eu ganho só pra mim, mas é assim, sabe? Eu não me senti com a liberdade que eu tinha. E o meu sonho era pra trazer pra todos, entendeu? E só quem ganhou fui eu. Me sinto egoísta. Veio só pra mim, eu queria pra todos, principalmente pra aqueles que estavam comigo. Foi nesse intuito que eu sai dali, não foi? Pois era voltar pra ali com esse propósito, as máquinas, o sonho de conseguir as máquinas. Sai no sonho de conseguir uma coisa melhor pra nós e só quem ganhou fui eu.

Eu e o grupo

Dona Érica gostaria de propiciar o que havia prometido ao seu grupo de Mikail, e sempre se questionava dizendo que estava se achando egoísta de ter sido contratada pela prefeitura, ganhando seu dinheiro e não levando nada aos companheiros. Eu lhe dizia que os multiplicadores, projeto do qual ela participava, estavam trabalhando para ajudar os diversos grupos de Guarulhos, dentre eles o de Mikail. Mas Dona Érica retrucava, dizendo-me que, se estava trabalhando para a prefeitura, não mais poderia reivindicar um terreno, máquinas, galpão, já que estava submissa ao

poder público, dependia dele, através dele ganhava seu sustento e o de sua família.

Dona Érica se sentia dividida, pois seu desejo de ter um emprego estava resolvido, mas seu compromisso com os catadores não. Ela não queria estar do lado da prefeitura, que deveria ser seu alvo de reivindicação e não de sua aliança individual. Acreditava no projeto da SRT, mas não confiava que a conquista para os catadores deveria se dar daquela forma, ou seja, apenas recebendo formação da prefeitura e formando os grupos nos bairros. Para ela, isso deveria vir depois, a estrutura teria que vir primeiro. Mas não era assim que as coisas aconteciam, e isso a deixava mais angustiada ainda. Hoje, em meio a tanto sofrimento, seu projeto de vida resume todos os seus desejos. E são eles que a guiam e a mobilizam:

Meu projeto de vida é dar uma vida melhor pro meu filho em primeiro lugar, isso eu creio que está acontecendo. Trabalhar, receber e dar pra eles. Eu tô feliz por isso, mas não posso parar nisso, porque não era esse o meu objetivo, era levar pra eles [catadores] também, voltar pra eles. Mas as coisas são tão demorada, Paula, que não sei se daqui pra amanhã eu consigo levar pra aquele grupo, mas pelo menos pros filhos, pros neto daquele grupo, entendeu?

Neste depoimento, Érica parece mais conformada com sua situação na prefeitura. Depois de algum tempo trabalhando com o poder público percebeu que a estrutura para o seu grupo e as máquinas podem demorar um pouco mais, mas de qualquer forma ela diz que vai conseguir fazer o que prometeu, nem que seja para seus filhos e netos desses catadores.

E: Hoje tô feliz, tô contente, tô contente, porque eu resolvi o meu problema.

P: Que era.....

E: O emprego, né? E cuidar dos meus filhos, né? Dar de comer e de calçar. Levantou o meu auto-estima para que eu venha lutar pelo próximo. Nesse momento, né? Eu acho que é assim que eu tô sentindo, feliz. Mas quero mais. É que nem eu te digo, quero mais. Não pra mim, que o que eu tenho é suficiente pra mim. Eu quero pro outro.

Estar feliz é ver o outro feliz. Primeiro ver seus filhos felizes, segundo ver os catadores e suas famílias felizes.

A HISTÓRIA DE ROMUALDO



Foto 3: Romualdo queima e cheira o plástico para identificar o tipo.

Romualdo é hoje catador de materiais recicláveis, tem 55 anos, oito filhos, com cinco mulheres. Nasceu no Crato, região do Cariri, cidade do Ceará. Sua família de origem é grande. Seu pai, antes de se casar com sua mãe, teve um filho com outra mulher, separou-se e casou-se novamente, tendo mais dez filhos, incluindo Romualdo, que, dentre eles, é o mais velho dos homens (apenas uma irmã, a primogênita, tem mais idade que ele).

Seu pai queria que ele fosse mecânico, mas Romualdo preferia ser motorista, profissão que não agradava à sua mãe, que considerava os motoristas vagabundos, mulherengos. Ele diz que detestaria ser mecânico: *“Até hoje eu detesto óleo, graxa; qualquer coisa que eu pego pra sujar a mão eu tenho que lavá na hora. Ainda mais andar com aquela roupa suja de mecânico, não dá”*.

Romualdo fala: *“Eu comecei a me entendê de gente dos 12 pra 14 anos”*. Perguntei o que significava isso: *“Tomá atitude, trabalhá, tê responsabilidade, comecei a vê o mundo que era pra mim, e que eu deveria cuidar, então comecei a trabalhá de cobradô”*. Ele diz que fugia da escola para trabalhar como cobrador nas lotações. Quando seu pai descobria isso, brigava muito com ele, pois queria que estudasse, mas mesmo assim Romualdo abandonou a escola na 4ª série, e seu pai acabou desistindo de cobrar que ele continuasse estudando. Assim, continuou trabalhando de cobrador, e dizia que seu maior prazer era receber. Quando recebia, ia correndo dar o dinheiro para sua mãe, como nos conta: *“Se, por exemplo, eu ganhava 60 real, eu dava os 60 na mão dela; ela me dava 10 e ficava com 50. Meu prazê era isso”*.

Quando fez 18 anos, tirou sua carteira de habilitação, e de cobrador passou a ser motorista. Isso mudou sua vida: *“Depois que comecei a dirigir, comecei a namorá pra casá, e com 20 anos*

me casei". Teve sua primeira filha em 1971; na mesma época, teve um outro filho com sua amante. Ele conta que sempre teve duas casas, duas famílias: *"Parece que tinha prazer de vê o povo sabê que eu tinha duas casas, duas famílias"*.

Romualdo faz questão de falar que seus filhos e suas mulheres nunca passaram necessidade: *"É que hoje eu não posso, mas antigamente ganhava bem e podia dar uma boa vida para meus filhos e mulheres. Hoje eu falo pra Érica: 'Cê dá sorte que hoje eu tô velho'. Mas ela fala que não, que é porque hoje eu não tenho dinheiro"*.

Logo depois do nascimento de sua primeira filha, mudou-se com sua legítima família para Guarulhos. Sua outra família ficou no Ceará, e nunca mais teve notícias. E Romualdo teve outras famílias. Viveu com sua primeira mulher durante 23 anos, e até hoje são casados legalmente, porém nunca mais se viram desde que se separaram.

Romualdo adorava ser caminhoneiro. Quando chegou do Ceará, transportava cargas de São Paulo para Belo Horizonte e vice-versa, três vezes por semana. Ao chegar de viagem, ia direto para a mulher com quem é casado – a quem denominava "original" –, e no dia seguinte ia para a casa da amante. Com a "original" teve cinco filhos; com a amante, dois. Um dia, sua mulher não suportou mais a situação e foi morar na casa da filha mais velha, aquela que nasceu no Ceará.

Logo que Romualdo chegou em Guarulhos, foi trabalhar como caminhoneiro para diversas empresas, até conhecer algumas pessoas que contribuíram para seu padecimento.

Comecei a conhecer uns camaradas, depois fui saber quem eles eram, eram ladrão. Aí eu na minha e eles na deles, a gente se encontrava pra tomar umas cervejas. Naquela época eu bebia muito, bebia, mas eles pra lá, eu pra cá, amizade, entendeu? Aí o tal do Paulo tinha um depósito, numa fábrica de bloco, e recebia muito cheque sem fundo, e como tinha que pagar conta tinha uns caras que ameaçava ele. Aí comecei a ficar com dó do cara, entendeu? Só falta eles bater no cara assim, e ele de cabeça baixa. Aí ele falava: "Romualdo, não tá afim de me ajudar, não?". Vai vendo só. E eu: "Como eu posso te ajudar?". "Eu vou roubar um caminhão de cimento e você puxa". E eu: "Que isso, bicho, eu não mexo com isso não, procura outra pessoa". E ele: "Mas, rapaz, você me ajuda, é uma carga de cimento, vem dada, e aí cubro todo esse cheque". E eu falando não, não... Mas toda hora que a gente se encontrava, era esse assunto. Os outros caras conhecidos, que era mais ladrão do que ele, via o assunto e falava: "Romualdo, saí fora, não vai na dele não". Aí eu falava: "Não, não vou não, não mexo com isso não, nunca mexi, e toda vez detestei essas coisas". Aí, toda vez que a gente se encontrava, o Paulo tocava nesse assunto: "Mas rapaz, você não vai me quebrar o galho? Eu

assalto o caminhão e você puxa, larga aí no depósito e sai fora”. E eu falava: “Não vou, não vou, não vou”. Aí, quando é esse dia, terça-feira, dia 4 de agosto de 94 – foi em 94 –, eu dei o cano no serviço, não sei porque, aí fui pra lá. Quando eu cheguei, ele falou: “Uai, você não vai trabalhar não?”. Eu disse: “Não”. Aí ele falou: “Então vamos buscar aquele negócio pra mim hoje”. Eu disse: “Vamos”. Oh, Paulinha, se eu ti falo, eu fui de olho aberto, entrei no inferno de olho aberto, sabendo que ia, mas não sei nem como, nem porquê. Porque, se fosse assim, eu disse: “Ó, quanto se me dá?”. E ele falar: “Vamos que eu te dou tanto”. Não teve nada disso. Só dele insistindo, naquele dia ele falou “vamos”, e eu disse “vamos”.

Quando Romualdo disse que iria “puxar” o caminhão para Paulo, era o seguinte: entraram numa Brasília, onde estavam mais dois homens, foram até um local em que passava o caminhão; pararam o veículo, pegaram o motorista e o levaram para o meio do mato; Romualdo entrou no caminhão, que levaria para o depósito de Paulo. Romualdo conta que atrás dele vinha outro caminhão, que deveria ter sido carregado junto com o que ele dirigia. Percebeu alguma coisa estranha, porque, quando acelerava, o veículo de trás acelerava também; ele levava o caminhão para o acostamento, para que o outro ultrapassasse, mas o de trás fazia o mesmo. Romualdo começou a desconfiar de algo:

Eu disse: “Vou abandonar esse caminhão”. Aí começou a dá medo. Eu disse: “Vou abandonar esse caminhão e sair fora”. Eu digo: “Mas se eu abandonar, eles vão me pegar aqui, vão me linchar”. Aí fiquei pasmado e fui embora, e eles atrás. Aí chegou no farol que entra pro jardim, aí tinha uma viatura parada. Aí, quando o farol tava verde, ele passou, e foi até a viatura. Eu digo: “Ele foi chamar a polícia”. Não deu outra, ele chamou. Aí, quando o farol tava verde, ficou amarelo, eu pisei. Tava numa subida, quando comecei a descer a viatura tava colada no caminhão. Quando eu comecei a descer, veio outra viatura de lá pra cá. Quando faltava assim, uns cento e pouco metros, a viatura que vinha atravessou a pista. Aí, vixe!... Aí foi que eu vi o céu apagar tudo mesmo. Já desceu de arma na mão, dizendo: “Desce, desce, desce”. Desci. Não gosto nem de lembrar disso, sabia? “Você roubou esse caminhão.” Eu disse: “Eu não roubei”. Aí, de repente, subiu um negócio na minha mente. Eu disse: “E agora?”. Eu disse: “Esse caminhão eu não roubei”. E eles: “Roubou e matou o motorista”. Eu disse: “Eu não”. “E esse caminhão veio da onde?” Eu disse: “Esse caminhão o cara me chamou pra trazer esse caminhão de um lugar, e pagava 50 reais”. Aí essa conversa eu segurei até na frente do juiz, do promotor, entendeu? Foi o que veio na minha mente, pra eu sair, foi isso que eu inventei. Fui buscar o caminhão e não conhecia o pessoal. Apanhei que nem ladrão mesmo, pra dizer quem era o cara. “Como você conheceu?” Eu

digo: “Tava no ponto de ônibus e tava com a camisa de motorista”.

Romualdo conta que apanhou muito da polícia para dizer quem o tinha contratado para dirigir o caminhão, mas ele não podia falar, pois, se falasse, seria morto na cadeia. Um advogado, pago por um amigo, acompanhou-o em apenas duas ou três audiências. Uma vez que não tinha mais dinheiro para pagá-lo, Romualdo foi condenado a seis anos e quinze dias, mas recorreu e conseguiu abaixar sua pena para quatro anos e treze dias. Dentro da cadeia, recebeu instruções dos próprios presos e conseguiu abaixar ainda mais a pena, para três anos e meio. Ele nos conta que

Passei oito meses aqui no meu DP, dois anos no Carandiru. Fiz minha caminhada lá dentro. Do Carandiru chegou a época de eu ir embora pra rua mesmo, mas não pode sair direto, aí fui pra colônia em Franco da Rocha. Tinha que trabalhar das seis às quatro horas. Lá em Franco da Rocha arrumei uma mulher pelo rádio. Escutei no rádio de madrugada uma tal de Mônica, escutei a história dela, aí eu escrevi pra ela quem eu era, contei tudinho. Depois de trinta dias, chegou a resposta. Aí saí e fui morar com ela um ano e meio.

Depois de um ano e meio, Romualdo falou para Mônica que ia para Guarulhos visitar seus irmãos. Foi de fato para Guarulhos e nunca mais voltou para Franco da Rocha. Perguntei por que não voltou, e ele me disse que tinha encontrado Dona Érica. Eles se conheceram na casa de sua irmã, Rita, a quem ele visitava. Érica foi procurar informações sobre invasões, queria saber se conseguiria um terreno. Quando ela pediu informação para Romualdo, ele a convidou para tomar uma cachaça. Eles beberam tanto que Érica acabou dormindo na casa de Rita. No dia seguinte, quando estava indo embora, Romualdo lhe fez uma proposta:

Olha, eu arrumo um terreno procê, mas é o seguinte, eu sou sozinho, moro com a minha irmã, quero fazê um barraco aqui pra eu morá com alguém. Se você topar, nós mora junto. Aí ela falou: “Mas eu tenho quatro filho”. “Mas isso não é problema, a gente cuida deles.” Aí ela topou.

Romualdo mandou um caminhão buscar a mudança de Dona Érica. Nesta época, ambos bebiam muito: *“Eu bebia três vezes por dia. Na cadeia era mais difícil, pois uma garrafa de pinga lá, que os policiais traziam, era 150 real, então cada um dava algum real, no final cada um bebia só um gole”.*

Depois que saiu da cadeia, ele não conseguiu mais arrumar emprego. Saiu de lá sem nenhum documento, não podia nem deixar seus dados nas empresas para conseguir trabalho, então fazia bicos.

Cavava um barrando, quebrava uma pedra, derrubava uma parede. A Jussara [filha de Érica] catava comida na feira pra comê, nós vivia disso. Faltava dinheiro pra tudo. Aí foi quando eu comecei. Não tinha documento, eu saía sem meus documentos, saía sem nenhum papel no bolso. Eu disse, mas é por isso que eu bebia. Eu digo: “Tô sem nenhum documento, não tem como eu arrumar”. E a cachaça não me deixava vê nada. Depois eu fui olhando pra mim mesmo, e disse: “Quer saber de uma coisa? Tô morto, mas eu tenho saúde, vou cuidar da minha vida que eu ainda tenho futuro”. Aí cheguei pra Érica e falei: “Vamos parar de beber?”. Ela falou: “Vamos, você deixa, eu deixo”. Falei então: “A partir de hoje eu não bebo mais”. Amanhã cedo, tipo um negócio no ouvido: “Vai lá e toma uma”. Eu digo: “Eu não vou”. “Vai lá tomar uma.” Eu digo: “Eu não vou”. Aí fui. Cheguei no boteco e disse: “Dona Maria, dá um pinga”. Ela botô e eu... Aí fui chegando perto de casa, e falei: “Só mais uma”. Aí tomei três pinga nesse dia. Aí eu digo: “Pô, eu quero parar de bebê e tomei três!”. Aí eu digo: “Amanhã eu não tomo nenhuma”. Aí, foi no outro dia, tomei quatro. Aí foi: “Ontem tomei três, hoje tomei quatro, assim eu não paro, tá aumentando”. Aí eu disse: “Pois é, amanhã eu não tomo nenhuma”. Aí, quando foi no outro dia, começou: toma uma, toma duas, toma três... Parece que tinha um negócio que falava: “Toma só uma”. Mas fiquei quinze dias sem tomar nenhuma. Quando foi com quinze dias, eu fui no mercado lá no Paraná. Aí, quando eu venho com a sacola na mão, tinha um mineiro no boteco. Toda hora que eu passava, tomava uma pra ir. Aí vim e passei batido. Na volta eu parei, né? Deixe os dedos descansar da sacola. Aí eu disse: “Vou tomar uma coca”. Aí cheguei, botei a sacola no chão, ele pegou a pinga. Aí eu digo: “Pra quem isso aqui?”. “Pra você.” Eu falei: “Não tô bebendo pinga”. “Que isso? Todo dia você bebe pinga.” Aí eu peguei a pinga e tomei, depois de quinze dias. Aí paguei a pinga e fui embora. Aí eu digo: “Ah, agora eu não bebo mais”. Depois daquele dia até hoje. Nem champanhe no Natal eu não bebo.

Motivos para exclusão

Romualdo nos conta a grande dificuldade de parar de beber. E coloca a falta de um emprego, de um trabalho, de seus documentos, como o motivo para beber tanto. A falta dos documentos foi de fato um grande problema, pois dificultou a procura e a conquista de um novo emprego. Mas o pior, para Romualdo, talvez fosse ter um documento que identificasse seu passado de ex-presidiário. Isso provavelmente o imobilizava e o impedia de tirar seus novos documentos, de procurar um novo emprego, pelo risco de essa nova história começar já marcada por um passado excludente.

Romualdo estava começando uma nova vida, e a falta de documentos talvez mostre a falta de sua própria identidade. O período em que se desvincula da prisão e tenta reconstruir seus vínculos e significados foi marcado por grandes dificuldades: ficou vários meses sem documentos, sem identidade; não procurava emprego, não fazia bicos; na maior parte do tempo estava bêbado.

Ainda hoje Romualdo sofre com as lembranças da prisão. O medo dessas lembranças é o próprio sofrimento. Ele sofre ao se lembrar, mas sofre também ao tentar não lembrar, pois esse medo o paralisa para qualquer ação que o faça sair dessa cadeia imaginativa, que ele mesmo criou. A bebida é a grande mantenedora dessa cadeia, pois dá prazer e camufla o sofrimento. Paralisado pelo medo de a nova vida ser marcada pela prisão e pelo prazer da bebida, Romualdo está tão impotente que não consegue encontrar formas de agir para sair da cadeia de submissão aos seus próprios medos.

Em sua fala, ele parece ter conseguido parar de beber sem ajuda, mas em um outro momento mostra explicitamente que as relações afetivas foram fundamentais para que ele conseguisse quebrar com a cadeia de padecimento e começar a construir uma nova, não mais de submissão, mas sim uma cadeia em que mostrasse sua potencialização, agindo, atuando, buscando, ou seja, Romualdo enquanto ato em si. Ele conseguiu superar esse desafio trabalhando com o lixo, e sendo afetado por aqueles que parecem ser muito importantes para ele, como seu irmão e Érica.

P: *E você acha que quando começou a trabalhar com o lixo mudou a sua vida?*

R: *Mudou.*

P: *Mudou como?*

R: *Mudou porque, bem... antes, eu vivia bêbado, ninguém me dava crédito pra nada. Crédito de pinga fiado eu não tinha. Porque eu não tinha como comprar nada fiado, porque eu não trabalhava, eu fazia um galho ganhava uns 10, 5 conto ali, já era pra comprar arroz e feijão que nem dava. Então não tinha como ter crédito de nada que não tinha condições mesmo. Então foi por isso que eu tomei uma atitude de parar de beber, eu digo.*

P: *Porque ninguém mais acreditava em você.*

R: *em nada, nada. Meu irmão mesmo, falou pro cunhado dele, porque ele me chama de Zé. “Olha lá tá vendo o Zé nunca mais ele serve pra nada, nunca mais ele era o homem que ele era”. Esse dia eu tava meio de fogo, e escutei. Foi meio que uma facada, pô meu irmão falar isso de mim. Não tem nada não, vou guardar, e*

deixei na mente. Eu tinha acabado de descer do boteco, aí passou um colega: “Oh Zé, vamos tomar uma”. Aí eu peguei e fui. A Érica meteu a Boca: “É pra saí, pra comprar um pão, não tem quem lhe chame, mas pra você ir encher a cara no boteco as custas dos outros você vai, né” Aí eu também escutei, e disse foi mais uma, a do Tonho meu irmão, e a da Érica, não falei nada fiquei quieto. Eu digo, vou mostra pra ele que eu nem bebo mais com meu dinheiro, e nem com o dinheiro de ninguém. Aí eu comecei a tomar atitude de parar de beber, aí eu parei. Aí eu fui parar mesmo, né e falei, pô não tem ninguém que me chame pra pagar um pão, um lanche, um quilo de arroz, um quilo de feijão, porque lá em casa tá em falta. Aí daí pra frente eu fui parando, pensando, e parei. Então hoje eu sou outro aqui. Sou bem diferente, graças a Deus, onde eu chego sou bem recebido como outra pessoa entendeu? Eu mesmo falo aquele morreu. Paulinha se você visse a minha situação, minhas condições de antes e agora, minha filha....

P: *como você se sentia.*

R: *ah na época Paulinha, antes de eu começá a tomá atitude de pará, achava normal, porque tava sempre de fogo, não te falei que ficava bêbado 3 vezes por dia. Oito horas eu tava no buteco bebendo, aí 10, 11 horas eu voltava a descê, tomava um banho, eu tomava que era pra sara. Se tivesse o que comê eu comia, se não tivesse voltava, melhorava um pouco e voltava pro buteco, aí um paga uma, outro paga outra, e vai daqui, vai de lá, e me embebedava de novo. Dava um tempo quando era 3, 4 horas, voltava de novo, era 8, 9 horas da noite tava bêbado de mata de chapéu. Eu vejo tudinho, eu olho pra trás e digo pra mim, eu to vendo eu, eu digo. Mas eu tenho vergonha, disse sinceramente.*

P: *como você se sente hoje.*

R: *hoje eu me sinto um cidadão mesmo. Porque eu falei pra você, eu não tinha crédito pra comprar um cigarro filha. Eu também não tava nem aí, era normal. Eu bebia e parei, porque eu tomei atitude, criei vergonha, então o que tá derrubado aí não tem vergonha não, ele tá porque quer. Eu bebia, e se não tivesse parado, já tinha morrido. Era todo dia bebendo cachaça, às vezes não tinha mesmo, quando tinha não comia porque tava de fogo, bêbado. Hoje, eu to no céu, nasceu outro Zé Romualdo.*

Romualdo fala claramente o que provocou sua mudança, o sentimento das pessoas importantes para ele, a sua imagem na sociedade, seu descrédito na comunidade, tudo isso fez com que ele agisse para parar de beber, e o trabalho no lixo fez com que ele visse uma saída para suas paixões tristes, que eram alimentadas, principalmente, pela bebida. O trabalho também faz

com que Romualdo construa uma nova identidade que depois da prisão ainda não tinha se reconstruído.

Romualdo não gosta de lembrar do passado. Sente-se culpado pela bebida, pela inação. Em parte é responsável, pois a vida é sua, mas a falta de possibilidades de reconstruí-la depois de uma marca recriminadora pela sociedade não é de sua responsabilidade.

Ao sair da prisão, tem de construir uma nova vida, uma nova identidade, só que o sistema social não lhe dá nenhuma condição para que reingressar no mercado de trabalho. Desamparado, consegue achar o que crê ser um alívio para seu sofrimento: a bebida. O importante foram os laços afetivos que conseguiram lhe tirar do padecimento. Romualdo realmente acha que é culpado por ter entrado na vida de alcoolista, tanto que culpa os alcoolistas que vê pelas sarjetas, mas talvez estas pessoas não tenham onde se amparar afetivamente, a ponto de deixarem suas paixões tristes e investir nas paixões alegres, mais potencializadoras.

Romualdo também mostra muito bem o drama, o sofrimento da vida de um alcoolista. Quando se está dentro da cadeia padecedora, o doente não enxerga que está doente e que precisa de ajuda. Ele se envolve, e se apaixona pela sensação boa que a bebida lhe trás sozinho e, conseqüentemente, impede a sensação do sofrimento. No caso de Romualdo, ele impede a sensação de mal-estar que a bebida trás depois da sensação eufórica, plena, surreal da bebedeira, pois quando estava passando essa fase voltava a beber de novo e não deixava o ciclo cessar.

Hoje, é claro, Romualdo se orgulha de si, mesmo porque ele sentiu como é difícil deixar de beber depois da bebida já estar fazendo parte de sua vida de maneira incontrolável. Nesta história, não existem culpados, existem relações afetivas que possibilitam reativar a força do *conatus* humano, ou seja, que possibilitam a ação para a vida, a saúde e não para o padecimento.

Desejos

É construí minha casa, e se Deus quiser comprar um carrinho pra mim. Nunca tive tesão de ter carro, porque tinha caminhão, era sempre dos outros, mas tava sempre na minha porta, entendeu? Tinha sempre caminhão, perua Kombi, Caravam. Aí eu digo Érica vou comprar um carro. “Que mane compra carro, mais uma coisa pra cuidar”. Então já falei pra Érica, vamos construir nossa casa e assim que terminar, vou comprar um carrinho. Esse é meu sonho.

P: *Você ganham só aqui, não fazem outro bico?*

R: *Eu faço né? Mas que porque agora tá ruim mesmo, tá feio. Mas eu sempre faço, não fico parado, não fico em casa, fico na rua, andando na casa de um colega. Sabe ele tem caminhão, eu to sempre grudado com ele, o que ele aparece pra ganha, eu to ganhando também.*

Novamente vemos o desejo de Romualdo estampado em sua fala. Ele trabalha no projeto da prefeitura, mas nos outros momentos vai à casa de seu amigo, que tem caminhão desfrutar do prazer, que a simples presença do caminhão lhe trás. Além disso, o fato de comprar o carro faz lembrá-lo do tempo em que era caminhoneiro.

Na próxima fala, Romualdo vai enfatizar seu desejo. Fala da felicidade de ser pai, mas termina falando da felicidade de ser caminhoneiro.

A coisa que me deu mais felicidade, que me senti feliz sei lá. Foi quando nasceu a minha primeira filha, eu fiquei feliz de ser pai. Pra mim foi, entendeu? Outra foi quando eu peguei o caminhão pra viajar, eu não acreditava que era eu, e eu sai daqui, e amanheceu o dia lá no céu, rodava a noite inteira, porque a vontade era grande, entendeu? Quando ele chegou aqui que peguei o caminhão carregado, olhava pra ele assim e falava: vou sai sozinho. Aí eu peguei, tava em Fortaleza, vim de Fortaleza, pra mim era um sonho.... eu tinha tanto prazer de ser motorista que eu não acreditava que eu era motorista, que eu era caminhoneiro. Vou ti falar assim se eu ganhasse na loto na telesena, eu ia comprar um caminhão, novinho zero, enfeita ele do meu jeito, eu ia da umas viagens com ele.

A HISTÓRIA DE CAIO



Foto 4: Caio aplaude encontro dos catadores.

Caio tem 29 anos. Nasceu em Guarulhos. É casado. Tem dois filhos, mas sustenta também a filha de sua mulher que veio de um relacionamento anterior ao seu. Estudou até a 6ª série.

Antes de ser catador trabalhava numa serralheria. Nesta época era líder de bairro. Fundou uma associação de moradores de bairro. Mas seu sonho era montar uma cooperativa para os catadores de materiais recicláveis trabalharem.

O interesse de Caio pela cooperativa se deu quando ele era líder de bairro. Nesta época conseguiu levar o Programa de Auto-Emprego (PAE) de São Paulo para seu Bairro Ponte Alta. Em primeiro lugar o programa faz uma pesquisa para saber a necessidade do bairro, em seguida investe na cooperativa por três meses, mas depois os cooperados têm que comprar todo o equipamento, material que foi investido, devido a isso, as cooperativas não conseguiram dar certo, pois os cooperados não tinham dinheiro para comprar a estrutura básica para manter a cooperativa.

Toda essa experiência marcou os moradores do Ponte Alta. Uma experiência frustrante acerca da construção de cooperativas. Nesta época os catadores não participaram da formação destas cooperativas, porque eles não conseguiram organizar um grupo de 20 pessoas, que é o número mínimo necessário para formação de cooperativas.

Sobre o desejo de Caio, conta que conheceu algumas empresas que trabalhavam com plástico e que estavam ganhando muito dinheiro.

Quando eu trabalhava na serralheria eu e meu patrão, quando saía do serviço, nós visitava empresas de plástico, né? A gente saía da serralheria, ai eu falava: “Ah

hoje vamos lá em tal lugar pra ver uma fábrica de plástico”. Ele falava: “Vamos lá, quando a gente terminar”. E nós ia. Porque ele era ponta firme, né? Ele dava um incentivo, assim, né? Aí quando chegava lá, nós fazia pergunta, eles também perguntavam. Tem vezes que a gente ia lá ficava tão empolgado, que esquece até de fazer perguntas importantes. Então eu vi também que no mundo do plástico estava dando muito dinheiro, né? A gente começamos a conversar com um senhor, que era de uma empresa que mói plástico, um cara bem humilhe, sério, ele falava: “Tá dando dinheiro mesmo, entendeu, eu compro aqui e vendo tanto, entendeu, eu ganho tanto em cima, eu trabalho com isso, com isso, pode ver o moinho como trabalham, se vocês quiserem vim aqui quando o moinho tiver trabalhando vocês podem vir”. Porque quando a gente chegou lá os funcionários, já tinham ido embora, ele mostrava. “Olha, eu môo, deixo moído, entrego para quem vai usar uma estrusora, entendeu assim, assim, tenho um caminhão, sobrevivo disso”. Então eu vi que o plástico dava dinheiro também, então eu falei assim, eu não tenho estrutura, mas se eu entrar eu sei que vou conseguir estrutura, se você fica fora, você não vai conseguir mesmo, então eu falei vou entrar, vou dar cara a tapa, ai eu entrei. Eu vi, testemunhei muito, que plástico dá muito dinheiro.

P: *Quanto?*

C: Por exemplo. Tem um pessoal que vende apara, mói a apara e vende a 70, 80, 1 real. Então você conta aí, hoje se você moer mil quilo de apara a 1 real, quanto que vai dá. Aí você tira os gasto de funcionário, de maquinário, de manutenção. Pelo menos 500 reais ao dia nós tira. Então eu falei, eu vi que dá dinheiro o mundo do plástico. Então eu me interessei mais pelo mundo do plástico, aí eu não queria me interessar mais muito pelo papelão, assim. Porque o papelão, não tinha jeito. Hoje parece que tá 25 centavos o quilo. Mas no meu tempo era seis, cinco centavos, tinham caído os preços. E o papelão, nós não tinha prensa, e o papelão você só pode prensar, entregar para empresas maior, para os aparistas, para eles porque tem uma cota que tem que entrega pras empresas. A gente não tinha condições de nós chegar entregar nas empresa, porque nós não ia ter aquela quantidade de cota, de tonelada, toda semana pra entregar pra eles, então todo aparista tem aquela quantidade, tem empresas que quer 100 toneladas de papelão todo mês, e o aparista tem condições e nós como cooperativa jamais nós ia ter. Eu cheguei a trabalhar numa empresa assim, que era a brastel, que ela tinha 3 caminhão, ela ia na goodyear, na livorina, aquelas empresas de caminhão e trazia todo dia os caminhão lotado de papelão, todo dia, todo dia. Aí chegava lá descarregava e nós só prensando, só prensando papelão. Ele já trabalhava e vinha carreta de Minas

buscar aqui, carreta do Rio buscar aqui. Então ele já tinha aquela quantidade, já tinha até como negociar. Por exemplo ele têm 100 tonelada de papelão, então ele tem como negociar, se ele não quiser vende pra aquele cara, ele tem como negociar com um cara de Minas, com cara lá no Rio que tá comprando material lá. E nós como catado não tem como ter isso aí, então era mais interessante o rumo do plástico, porque o plástico não precisa deixar caçamba no ferro-velho, o plástico eles juntam em monte, então você vai lá só carregar, e joga lá e separa e mói o material, entendeu, então não precisava deixa a caçamba. O plástico era mais fácil pra nós trabalhar, então eu me interessei mais pelo mundo do plástico.

Parece que o interesse pelo mundo do plástico é o interesse de ganhar dinheiro. Pois percebeu que este ramo dava muito dinheiro, conheceu algumas pessoas que conseguiram melhorar suas condições de vida, formando uma empresa e trabalhando com o plástico. Então o fato de ter deixado de trabalhar na serralheria e optar por catar nas ruas, tem por trás o desejo de ganhar muito dinheiro, de mudar totalmente suas condições de vida, e para isso tinha que optar por uma mudança radical, mesmo que esta no começo não lhe proporcionasse a grande quantidade de dinheiro que esperava com o negócio de formar a cooperativa, pelo menos ele estava agindo para que um dia esse sonho pudesse se realizar.

P: *Qual seu sonho, seu projeto de vida?*

C: *A cooperativa. Assim hoje, já mudou algumas coisas, porque agora com a idéia de formado, eu não sou mais o catado. Mudou. Mas hoje, minha idéia é que eu espero ver várias cooperativas formadas, principalmente, para a minha região. Hoje eu quero vê assim, bastante cooperativas né? E luta, mudar o pensamento do catado, né? Que ele pare de ser o catado do ferro-velho e seja o catador profissional, aonde ele vai ser beneficiado como autônomo, né?*

Caio não fala mais como catador, fala como formador, depois de ter sido contratado pela prefeitura, de ter recebido formação acerca de cooperativismo, de economia solidária, entre outros assuntos, Caio assume uma outra postura, não é mais catador é formador. E acredita que a mudança de pensamento do catador pode ser feita dando aulas para os catadores, mobilizando-os na organização de grupos para formarem cooperativa e pararem de vender para o ferro-velho, ensinando-os a reivindicar pelos seus direitos, alfabetizando-os...

Como formador Caio é potência de ação, sente-se mais capaz de agir pelo catador e em busca da cooperativa. Este desejo de Caio também se mostra na sua arte. (ver Anexo III)

Aí fui nas reuniões com a secretaria do trabalho e ficamos sabendo que a gente ia sê (ser) formado, né? Que a gente ia sê (ser) multiplicador. Me sinto legal como formador, eu acho ótimo, acho que tem mais jeito deu expandi, porque eu como catador, ia ficar só dentro do meu grupo, né? Eu não ia expandi assim, de ajudar a contribui com os outros grupo, né? Agora eu acho não como formador tenho como contribui e expandi mais ainda o meu trabalho, né? O deles em cada região deixar minha sementinha lá também, com uma jogada de água naquela semente também, né? Eu acho, pra mim que vai ser muito legal. E sempre nisso eu to sempre buscando mais conhecimento, e vou na secretaria de meio ambiente de São Paulo, busco livro, né? Busco recurso. Vou na secretaria do trabalho de São Paulo também peço ajuda pro pessoal, né?

Eu e o grupo

Vimos que o desejo de Caio é formar a cooperativa, mas principalmente, ser líder, articular com os políticos, fazer sua política, buscar ajuda para os catadores, e esse movimento é muito prazeroso para Caio, ele é apaixonado por isso, tanto que ele fala que ser formador possibilita uma maior expansão de seu trabalho e de si mesmo. Isso mostra claramente sua potência de ação. Caio se sente bem, feliz com seu trabalho, expandindo seu ser e possibilitando a expansão dos grupos de catadores, mas Caio também sente que a organização dos catadores é muito complicada “*porque cada catado tem um motivo, tem um jeito de pensa*”.

Seu sonho o mobilizou à ir em busca de ajuda. Procurou ajuda na Secretaria do Trabalho de São Paulo, não foi na de Guarulhos, pois na época – 1999 – o partido que estava no poder não dava muita abertura para a comunidade discutir, participar.

Caio tentou organizar um grupo de catadores, mas sem muito conhecimento nesta área da reciclagem, na formação de grupos e de cooperativas, e com a grande falta de infra-estrutura, o grupo não conseguiu se manter então se desfez. Mas Caio continuou buscando e hoje é trabalha na prefeitura no projeto em prol ao catador, que já foi citado e explicado anteriormente.

A HISTÓRIA DE JOSÉ



Foto 5: José posa para foto.

José ex-catador de materiais recicláveis de rua, tem 38 anos.

Nasceu no sul da Bahia, no município de Itamaraju. Foi criado até os oito anos na zona rural depois mudaram para Porto Seguro, ele e sua família moraram no litoral, mais ou menos por dois anos, depois voltaram para a zona rural e continuaram mudando de sítio em sítio.

O pai de José o abandonou quando bebê, até aos 12 anos acreditava que seu pai verdadeiro era seu padrasto. Descobriu quem era seu verdadeiro pai com 16 anos. No registro de nascimento consta que José não tem pai, e o nome de sua mãe foi escrito totalmente errado, então em documento José não tem pai e o nome de sua mãe no documento não é o nome de sua mãe verdadeira. José muito preocupado com isso criou um documento com o nome dos pais, que acreditava serem verdadeiros, este documento não tem validade oficial, mas é o documento que José considera como sendo sua verdadeira identidade.

Até aos 12 anos eu não sabia quem era o meu pai verdadeiro, eu pensava que o meu pai fosse o meu padrasto. Que eu fui registrado errado, tudo que eu tenho de documento é incompleto, porque fizeram uma declaração que não bateu. Hoje não bate, o nome da minha mãe, não bate com o nome da mãe colocado no documento. O nome de pai não consta, avô não consta. Tem toda uma origem que não consta documental. Tem um documento que eu criei por conta própria que é a minha certidão verdadeira que eu considero verdade. Eu fiz a minha certidão montei no computador, aí quando eu fui autenticar, só pode autenticar por semelhança. Então no cartório não autentica devido ao processo de lei. Para mudar minha certidão tem que mexer com advogado, um processo muito grande.

Por lei, eu não posso, digamos assim, assinar uma ficha de emprego com o nome de

meu pai, tem que ser neutra. Nome da minha mãe tem que ir também como consta. Não como é. Não tem como coincidir. Se não tem coincidência é falsificação. Aí em mantenho esse documento (que fez) só como referência.

A família de José é constituída da seguinte maneira:

O meu grupo de família é assim, eu tenho irmãos só por parte de pai, irmãos só por parte de mãe, e tenho também irmãos que é só do meu padrasto, são cinco só do meu padrasto. Oito por parte de mãe. Por parte de pai são 15. Aí forma a família. Então eu tenho uma família dividida em três blocos, nestes três blocos tem gente.

Ao total são 28 irmãos. José fala dos três blocos, mas não se refere a nenhum em específico, não fala muito de seus vínculos e não menciona nenhum relacionamento amoroso. José diz que pretende se casar só quando tiver uma renda que possibilite sua família não apenas sobreviver, mas também viver como poder estudar, fazer faculdade, ir a cinemas, teatros; nada disso José teve, mas gostaria de dar a sua família, esposa e filhos. Porém sabemos que para isso, é necessário uma renda maior que sua condição, que é de dois salários mínimos.

O aprendizado de José

José concentrava toda sua afetividade nos estudos. Ele não contou sobre nenhum relacionamento íntimo, amoroso, falava muito dos seus estudos, sempre se mostrava que conhecia e sabia muitas coisas porque lia muito, estudava muito, direcionava sua paixão para seus estudos e se gloriava com isso. *Glória é a alegria acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros louvam.* (Espinosa, 1973, *Ética III*, proposição 30, p: 226)

José com sua potência de ação conseguiu estudar, pois como sua família mudava muito, José não pode freqüentar uma escola, teve que estudar por conta própria.

Quando morava na roça, nesta questão envolve o meu aprendizado, o que eu chamo de auto-didático, que a gente se aprende por conta própria, você vai observa e pega, não pega nem tudo, digamos que você pega 5 %, mas você trabalha em cima destes 5 % que você conseguiu de aprendizado. Tem uma matemática digamos estilizada, bem teórica. Você pega os 5 % daquilo e faz da sua maneira. Quando eu já estava mais ou menos com 10 anos de idade, é que eu fui colocado a primeira vez na escola, só 30 dias de aula, escolazinha particular, pagado, pagou um mês de aula. Aí neste mês, a professora exigiu, ela cortava um pedacinho de papel, colocava em cima das letras do A, B, C, e tentava fazer a gente juntar as letras.

Junta, junta, junta. Aí naquele junta, junta, junta um mês eu saí da aula, só que eu sai lendo, aí tornei a voltar pra roça de novo, calo na mão, vai, vai, vai. Novamente na cidade. Aprendi a ler com um mês de aula, com 10 anos de idade aprendi. Aí fiquei com isso até 16 anos, fazia conta de cabeça, não escrevia nada, nem o nome eu assinava, só lia o que eu via de letra maiúscula. Até por volta de 16 anos. Aí um tio meu veio e me ensinou a escrever o nome. Veio de Itamaraju, pra casa da gente, aí eu morava nesta época na rua das flores, é uma ruazinha, de escanteio de rua mesmo. Nesta rua das flores, hoje inclusive é uma rua até bonita. Tem tudo calçadinha direitinho, hoje é até bonita, antes não era. E nesta rua das flores foi que eu aprendi a assina o nome. Aí mudamos, mudamos pra rua 6, mas longe, que era uma invasão um loteamento clandestino. Aí na rua 6 foi onde praticamente aconteceu o meu aprendizado automático, que eu descobri um método próprio, eu consegui um livro, esse livro tinha letras manuscrito, aí eu descobri que se passar querosene, combustível na folha do caderno ficava clarinha, aí eu colocava a folha do caderno em cima das letras e cobria com a caneta, aí eu ia cobrindo, pra ter treino pra escrever, que até hoje eu não tenho caligrafia certo, eu tenho redação, e não tenho caligrafia. Aprendi assim. Nesta época tava chegando aos 18 anos. Já tava com 17 pra 18, não tinha 18 completo ainda. Aí quando eu fui pro Mobral, na época ainda existia o Mobral, fui estuda a noite. Fiz uma matricula como se eu já tivesse na 2ª série, precisamos mudar, eu não terminei o ano no Mobral, fiquei seis meses estudando a noite.

Quando criança José não teve oportunidade de estudar, sua família vivia se mudando, de sítio em sítio, do interior para o litoral, e isso não possibilitava José se matricular em alguma escola. Teve uma oportunidade aos 10 anos, mesmo com pouco tempo, José conseguiu aprender a ler. Mas José não queria apenas ler, queria saber escrever, então criou seu próprio método. José foi extremamente criativo, utilizou o material que possuía para aprender a escrever, conseguiu e se glorifica por isso.

José mostra sua potência de ação, sua vontade, seu desejo de aprender a ler e escrever, mesmo sem ter muito apoio e ajuda para isso, ele cria, ele expande seu ser no intuito de realizar seu desejo. Neste momento José além de glória sente contentamento, que “*é a alegria nascida do fato de o homem se contemplar a si mesmo e aa sua capacidade de agir*”.

Os trabalhos de José antes da catação

José escrevia poesia, mas achava que não poderia ser artista por não ter documentos que comprovassem quem realmente era. Sem a confirmação de sua verdadeira identidade não

acreditava que poderia ser um profissional.

José trabalhou em muitas coisas. Começou sua história de trabalho na roça com seus 11 anos, e seguiu sua vida realizando várias atividades. Ainda na Bahia foi gari contratado pela prefeitura, já fez todo tipo de trabalho braçal como desentupir esgoto, cavar barranco, puxar enxada, já trabalhou de garçom, quando garoto vendeu pão na rua e conseguiu progredir bastante com este trabalho devido sua criatividade, depois foi vender material didático, mas neste trabalho não conseguiu progredir, pois muitos compradores davam cheques sem fundo.

Quando eu estava se aproximando dos 13 anos eu fui vender pão na rua, com o cestinho na cabeça. Eu fiquei, uns seis anos vendendo pão. Pegava o pão na padaria. Também trabalhava de ajudante de padaria. Eu era comissionado, eu cheguei a ganhar na época mais do que um servente de pedreiro. Já trabalhei de servente de pedreiro. Aí também vendi livro, comissionado também, pegava livro no distribuidor e ia pra rua vender, com nota promissória, não vendi muito bem. Só que com pão, esse negócio de vender pão na rua. Eu ultrapassei os meus colegas, no serviço de campo. Eu criei um método na época que eu outros não tinha. Tirava do bolso, mas pra atender a exigência do cliente, comprava as embalagens de papel. Aí eu separava tudo que era os clientes exigente, que não queria os pão pegado de mão, aí eu criei um método, comprei um pegador de pão, comprei um garfo, andava bem vestidinho, bem limpinho, comprei um carrinho de mão, aí eu passei a colocar o cesto de mão em cima do carrinho, era carrinho de pedreiro, amarrava ele ali, aí eu levava bolo, levava tudo, passei uns 4, 5 meses vendendo no carrinho, até que eu parei de vez.

José quando jovem buscou sua profissão e a identificação com o trabalho vem concomitantemente ao ganho advindo deste. José se identificou muito com o vendedor de pão e sentiu contentamento ao falar que ultrapassou seus colegas na venda, que criou seu método de venda. Ele se sentia feliz, alegre quando criava em seu trabalho. Ele mostrava uma necessidade de expansão e criação pelo trabalho, e não apenas de auto-conservação. Ele é um sonhador, uma pessoa muito criativa, inteligente e age para que seus desejos sejam realizados. Às vezes José parecia sonhar demais e acabava sendo guiado por cadeias imaginárias, que não condiziam nem um pouco com a realidade, veremos isso no sonho de gravar um CD.

Vim pra Guarulhos pra gravar um disco instrumental. Só as idéias na cabeça, tudo muito aéreo. Aí eu parti pra as agências de publicidade, procurei em Guarulhos e não achei. Aí eu fui vi anúncio no jornal, liguei, peguei um dinheiro e fui, já tava fazendo bico de alguma coisa. Na Bahia eu tinha gravado um cassete, mas nas

mudanças eu perdi, lá eu era evangélico. Então eu gravei uns cassetes com hinos, só vocal. Eu fiz também um relato na minha fita, fundo musical, ficou bem feitinho tudo, mas eu não tinha como reproduzir pra vender. Aí quando eu perdi, perdi tudo. O conjunto de cassetes que eu tinha aí foi tudo junto, tinha modelo de propaganda, que eu já tinha feito vários modelos de propaganda pra sindicato. Eu fiz a propaganda do I encontro de catadores de Guarulhos. Eu fiz a música instrumental.

Na Bahia José já trabalhou com gravação de cassete, propaganda política, música para as diversas igrejas, ele não estava preocupado com a religião, ele queria era gravar um cassete e vendê-lo. Mas novamente as mudanças prejudicaram a realização de seus sonhos.

Quando chegou em Guarulhos, não conseguia arrumar emprego, mas precisava ganhar algum dinheiro para poder ir em busca de seu sonho, que era gravar o CD. O primeiro dinheiro que ganhou foi vendendo peças de um carro para o ferro-velho, depois foi catar papelão e latinha nas ruas. José descrevia este trabalho como bico, como se fosse o período até gravar o CD, porque depois não precisaria mais fazer este “bico”. Todo dinheiro que ganhava, comprava passe de ônibus e metrô, para poder ir nas agências tentar gravar seu CD.

Aí já na agência eu deparei com uma realidade. Liguei, marquei entrevista. A agenciadora perguntou: “você tem vídeo?” Eu digo não tenho. Tem buquê? Não tenho buquê. Não tem vídeo, não tem buquê. A gente faz o seguinte, 280 para o vídeo sem o buquê. O buquê você paga mais 80 do buquê. Eu não tinha quase nem o dinheiro de pagar o metrô, de retorno de metrô e ônibus pra retornar, como que eu ia fazer um vídeo.

Até José descobrir onde tinha uma agência que poderia gravar seu CD gastou vários passes. Quando achou se deparou com a verdadeira realidade capitalista. Ele que não tinha nem buquê, nem vídeo, e só as idéias das músicas na cabeça, viu que precisava apenas do dinheiro para se promover, de maneira duvidosa, pois a agência poderia até fazer o vídeo e o buquê, mas isso não garantia que José iria conseguir gravar seu CD.

José, sem dinheiro, voltou para casa. Neste episódio percebemos que ele se guiava muito por cadeias imaginárias construídas com base em seus desejos, sonhos, sem muitas imagens da realidade. Ele imaginou que indo atrás de uma agência gravariam um CD para ele, sem que precisasse pagar nada por isso, sabemos que isso não acontece. Agir guiado por esta cadeia leva, na maioria das vezes, a uma frustração.

Mas esse encontro com a agenciadora pareceu ter sido potencializador para José. Ele continuou agindo em busca, mas agora sabia que precisava percorrer um outro caminho, precisava

conseguir dinheiro, então foi como catador. Lembrando, José tem uma necessidade de criar em seu trabalho, então ao criar no trabalho da catação, vai progredindo, vai conquistando seu espaço.

A viagem de Porto Seguro à São Paulo

José acreditava que vindo para São Paulo conseguiria realizar seu sonho de gravar o CD. Essa idéia de que São Paulo era a cidade em que os sonhos eram realizados, onde tinha emprego e ganhava-se bem, essa imagem construída pelos nordestinos acerca da cidade de São Paulo foi motivo de muitos êxodos.

José também acreditou nesta cadeia imaginária construída socialmente sobre a capital paulista, e foi em busca de seu sonho. Mas como José não tinha dinheiro precisou fazer a viagem em etapas.

Conseguiu uma carona que o deixava em Linhares, Espírito Santo, e de lá conseguiu pegar um ônibus que o deixou na cidade onde tinha um irmão. Então pensou em ficar um tempo na casa do irmão, fazer uns bicos, e conseguir dinheiro para a passagem até São Paulo.

Tinha um caminhão de supermercado que ia e vinha do Espírito Santo pra Bahia e vice-versa. Aí eu peguei carona. Acertei o dia que o caminhão ia vazio, era um caminhão-baú. Aí foi que eu embarquei nessa, com o que eu tinha que era uma caixa de papel com os meus materiais que eu tinha e uma sacolinha com uma roupa dentro. Aí eu juntei as coisas todinhas, marquei o dia que o caminhão ia sair, e saiu.

O caminhão o deixou num ponto de ônibus em Linhares, e neste ponto pegou um ônibus para Serra, chegando lá foi procurar onde seu irmão, Benedito, morava. Nesta busca conheceu o patrão de seu irmão, Pedro, que o levou até o barraco que Benedito morava. Quando chegou no barraco José viu que não cabia mais ninguém, aí seu irmão pediu para Pedro, se José não poderia ficar em sua casa. Pedro concordou.

Aí botaram um colchãozinho lá num canto pra dormir, colchão deles, porque eu não tinha levado nada, só um lençol, eles me emprestaram a coberta deles também pra completar, porque eu tava passando frio. Fiquei um mês, fazendo só bico, mas não dava pra nada ali. Fui limpar o quintal dele, o quintal da cunhada dele. Também faxinei tudo, tirei tudo os pneus velhos, dei pra alguém, carpi, junto lixo. Saía 5 daqui, 5 dali. A comida era grátis essa era a vantagem. Aí o Pedro arranjou o bico, para assentar rua. Trabalhei essa quinzena. Aí quando eu recebi a quinzena

de serviço. Olhei pro dinheiro assim, tive uma sorte que dos 75 reais que eu tinha ganhado, eu quebrei uma garrafa do colega e tive que pagar 15. Aí sobrou 60, quando recebi já tava descontado, já, os 15 reais da garrafa térmica. Aí eu olhei pro dinheiro assim, 32 reais pra voltar pra casa. 39 a passagem pela Itapemirim pra vim pra São Paulo. Aí eu digo, vou pra São Paulo. Embarquei vim embora não sabia nem pra onde tava indo. Desembarquei no Tietê tinha 15 reais, uma caixa nas costas olhando sem saber pra onde ir. Fiquei um tempo perdido também que não sabia que ônibus tomar. Até que perguntei pro um senhor que ônibus que tinha que tomar, já tinha perdido mais de cinco que tinha passado. Tomei o ônibus e perguntei pro motorista onde eu ia ficar. Dei um endereço aproximado, me deixou no ponto, achar a casa da minha irmã que foi difícil, por causa do número, o número 49 tava com defeito. Mas até consegui chegar na casa da minha irmã.

A viagem de José de Porto Seguro a São Paulo foi realmente longa. Mesmo com tantas dificuldades em Serra, foram esses encontros nesta cidade que possibilitaram José continuar seguindo sua viagem até São Paulo.

Desejos

José como formador da área da reciclagem reivindica, luta pelos direitos dos catadores, e ao mesmo tempo luta pelos seus desejos. Ele luta para que o catador um dia seja universitário, assim, como viu que os catadores da ASMARE conseguiram entrar numa universidade, pois ele acredita que desta forma, o catador não seria mais confundido com mendigo.

Meu sonho é realmente esse que um dia o catador seja universitário, seja advogado, seja doutor, que possa defender teses, que ele sai de mendicâncias. Esse é o sonho a nível do catador que é discriminado hoje. Mas eu vejo muito mais, eu vejo a nível social, um Brasil que tenha menos desigualdade, que a desigualdade social seja quebrada.

José vai mais além e diz que a luta tem que ser no intuito de diminuir a desigualdade social. E propõe que haja uma diminuição na diferença de salário: “*Na questão da varrição de rua, do gari, ganha bem, ele tira lixo da rua, deveria ganhar 40 por cento do valor de qualquer outro salário acadêmico*”.

Com esta fala podemos perceber também porque luta para que os catadores tenham terceiro grau, para que possam ganhar mais. Ou o suficiente para sobreviver e viver, pois ganhar apenas para sobreviver é somente auto-conservação, agora viver é se auto-conservar e expandir. E

José acredita e sabemos devido sua história que é necessário expandirmos e não apenas sobrevivermos.

O desejo de estudar em uma universidade é de José e não do catador: *“Meu sonho é fazer uma especialização. Quebrar esses paradigmas, concluir o primeiro grau e segundo grau que eu não tenho”*.

A HISTÓRIA DE ELISABETH

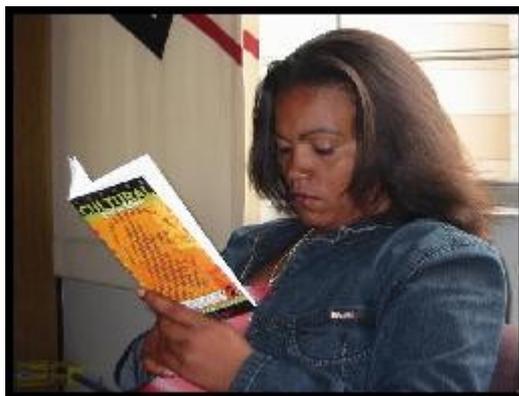


Foto 6: Elisabeth se informa sobre a semana cultural.

Elisabeth foi catadora do lixão, tem 28 anos. É filha de Rose. Mora com Mário. É mãe de quatro filhos. Estudou até a metade da 3ª série. Atualmente trabalha na formação dos catadores para que venham a formar suas cooperativas de separação e reciclagem dos materiais recicláveis coletados.

Elisabeth nasceu e foi criada em São Paulo. Sua mãe, sua prima, ela e seu padrasto, que ela considera como o pai que não teve, moraram juntos até Elisabeth ter 7 anos. Seu verdadeiro pai não quis assumi-la e só foi conhecê-lo aos 27 anos. Elisabeth acredita que o fato de seu pai não tê-la assumido, fez com que sua mãe a maltratasse e a magoasse tanto, mas ao mesmo tempo fala *“não é porque eu passei por aquilo que vou fazer alguém que eu amo, que eu gosto, sofrer o que eu sofri”*. Apesar desse sofrimento imposto pela mãe, seu desejo é alcançar o amor da mãe.

Elisabeth conta que todo carinho de sua mãe foi dado para a sua prima, Cecil, que foi criada com ela. Hoje, considera a prima como sua irmã.

Aos seis anos Elisabeth praticamente cuidava sozinha de Cecil, sua mãe e seu padrasto trabalhavam e as duas passavam o tempo inteiro juntas, *“a Cecil é minha imãzinha Guerrerinha, de comer a bananinha com arroz azedo”*. Vemos que não dava tanta atenção nem carinho para nenhuma das duas, elas tinham que ajudar uma a outra. Mas como Elisabeth era a mais velha, toda responsabilidade ficava com ela, se alguma coisa acontecesse era culpa dela, que apanhava e era repreendida, talvez seja por isso que achava que o carinho de sua mãe tinha sido dado para Cecil e não para ela, que freqüentemente apanhava.

Elisabeth conta alguns momentos marcantes em sua vida.

Um dia, Rose tinha saído e deixado Elisabeth, com 7 anos, responsável para cuidar da casa,

e de sua irmã. As meninas foram brincar na fogueira e as duas se queimaram, mas Cecil se machucou mais da cintura para baixo e Elisabeth, um pouco o pé. Elisabeth então embrulhou Cecil em um lençol e levou-a num hospital. Como elas chegaram sozinhas no hospital, o médico queria mandar a Elisabeth para a FEBEM, mas logo chegou o seu padrasto e assinou o termo de responsabilidade. Quando Rose chegou e soube do ocorrido foi bater em Elisabeth, mas logo o padrasto interveio, dizendo que Elisabeth não era culpada de nada. Como castigo Rose disse que Elisabeth teria que cuidar de Cecil até ela ficar boa. *“pra mim foi uma satisfação, Cecil queria eu do lado dela 24 horas por dia, até que ela curou todinha”*.

Nesta mesma época, Rose começou a vender drogas. Elisabeth estando no meio do tráfico passou a fazer a função de levar a droga de um lado para o outro, *aviãozinho*¹⁵, com isso, a comunidade de traficantes apelidou Elisabeth de Pixote, personagem de um seriado brasileiro que fazia a mesma função que Elisabeth fazia.

Consumindo muitas drogas e bebidas, Rose foi se endividando e para poder pagar a dívida, ela precisava comprar mais drogas e vendê-las, mas como ela não tinha dinheiro, foi até o traficante perguntar de que forma ela poderia pagá-lo, daí ele lhe disse:

Dá a Pixote pra mim. Aí ela catou e falou: tá bom, dá tanto, dá tanto. Aí eu comecei a ser dele, ser propriedade dele, só que ele nunca colocou a mão em mim, ele cuidava de mim. Quando ele sumia a minha mãe ia lá me buscar, mas quando ele voltava ele ia lá me buscar de volta, e ele não deixava ela bater em mim, nessa parte foi bom, ele cuidava de mim pra caramba, mas depois todo mundo caiu, deu cadeia, só ficou minha mãe e a Laudila, depois minha mãe parou de traficar, mas ela também era consumista. Aí quando ela não tinha, batia em mim e na minha irmã, aí eu e minha irmã dava volta pra lá, pra cá, conseguia dinheiro ia lá, comprava e dava pra ela, só pra gente não apanhar”.

Ainda quando Elisabeth tinha mais ou menos 7 anos, seu padrasto pegou sua mãe com outro na cama. *“tudo que meu pai tinha me dado ela deixou na casa de lembrança, aí deixou tudo lá e foi morar na casa dos outros”*. A partir deste dia começaram a morar de favor na casa dos outros, e estavam sempre mudando, pois ora brigavam com a dona da casa, ora com seus filhos.

Elisabeth estava com 10 anos, morando na casa do Chininha, amante de sua mãe. Um dia, ao voltar de uma festa encontra sua mãe com os pulsos cortados e o Chininha do lado. Ela começou a bater em Elisabeth, dizendo que ela era culpada de tudo aquilo, neste dia Elisabeth foi embora e nunca mais voltou. Elisabeth voltou a ver Rose depois de três anos, época em que

¹⁵ Gíria usada pelas pessoas que traficam, que significa a droga levada do traficante para o comprador.

Elisabeth estava grávida do seu primeiro filho.

Ai foi onde eu larguei ela, dormi uma semana na rua, embaixo de um carro, ficava de dia na praça e a noite dormia embaixo do carro até a dona Gena me ver, aí ela me pegô, me levô pra casa dela, e cuidou de mim, dona Gena é a minha mãe, eu falo que ela é minha mãe de criação.

Elisabeth começou a trabalhar com as filhas de dona Gena. Com 11 anos começou a namorar o Mário com a permissão de Gena. Nesta época, Elisabeth brigou com o filho de dona Gena, e começou a desejar ir embora. No ano novo foi passar a virada na casa do Mário e nunca mais voltou. “*Dona Gena é uma pessoa maravilhosa, se eu pudesse escolher uma mãe, escolhia ela*”.

Depois que Elisabeth foi morar com Mário, mudou-se para Guarulhos. Nesta ela cuidava da casa e ele vendia batata de carroça na rua.

Elisabeth casou-se com 12 anos, teve seu primeiro filho com 14 anos. Com 21 anos já tinha quatro filhos. Conta que só foi trabalhar no seu terceiro filho. Trabalhou de ajudante de copeira, mas devido a doença de um dos seus filhos, teve que parar de trabalhar. Em 97 nasce seu último filho. E em 98 Elisabeth vai trabalhar no lixão. Seu marido estava desempregado, e eles não estavam conseguindo cuidar dos quatro filhos. O Mário, marido de Elisabeth, não conseguia mais sustentar sua família vendendo batatas na rua, além das vendas diminuírem, sua família tinha aumentado.

Já tinha 4 filhos, a situação da gente tava bastante feia. Aí pra ajudar ele eu sempre ia atrás de cesta básica, né? Trazia pra dentro de casa. Então foi assim foi uma época de muita tristeza, as alegrias eram poucas.

Aí quando chegou essa época aí, eu falei assim: Mário, porque você não trabalha lá no lixão com o Domingues (cunhado de Elisabeth). Aí todo mundo falava assim pra mim, que eu não ia conseguir, porque eu era muito nojentinha naquela época, né? Que o Mário tinha me dado uma vida diferente, mas naquele momento eu via tudo que eu tava passando, minha primeira humilhação assim, não, a primeira humilhação dele. Na época ele trabalhava com o primo dele. E ele falou pro primo dele assim: Agnaldo não dá pra você arrumar pra mim 5 reais pra eu poder comprar o pão pras crianças. Isso foi domingo, a gente não tinha nada pra comer, nem eu, nem as crianças. Aí ele pegou e falou assim: Ah Mário eu não tenho, o que eu tenho são essas moedas. E jogou assim as moedas. Foi a primeira vez que eu senti que eu

era incapaz de alguma coisa, né? Eu me senti mau de ver ele abaixado catando as moedas no chão ali. E eu tendo saúde podia tá ajudando ele de alguma forma. Ai eu vi ele catando aquelas moedas no chão, eu chorei, não briguei porque eu sou briguenta. Não consegui brigar, acho que foi um ensinamento né? Ai ele catou as moedas do chão e falou obrigado. Ai sai, comecei a chorar. Ai falei assim: ah meu Deus dá uma luz né? O que eu faço? Peguei comecei ir atrás de cesta básica.

Elisabeth conta um momento triste em sua vida, em que ela se sentiu humilhada, incapaz. Depois deste episódio ela busca ajudar o seu marido de alguma forma, então mostra sua potência de ação, indo em busca de cesta básica.

Nesta época a minha filha ficou doente a mais velha, ela tem má formação. Ela ficou internada, aí eu peguei e falei assim: ai Jesus o que que eu faço sem dinheiro sem nada. O médico chegou na gente e falou que a minha filha tava desenganada, que só Deus naquele momento.

Esta filha tinha má formação, suas orelhas eram defeituosas, não tinha algumas costelas, nasceu com sopro no coração, e com o passar dos anos o problema no coração se agravou. Os médicos disseram que talvez ela não sobrevivesse, mas sobreviveu e não teve mais problema. Elisabeth também conta que seu filho mais novo quase morreu também.

Histórias tristes, encontros que contribuíram para o padecimento de Elisabeth e sua família. Em volta a situações de doença, de morte, tristeza, isso tudo só aumentou a cadeia imaginativa de paixões padecedoras, na qual essa família estava envolvida, o que leva ao aumento de paixões tristes e da imobilização do indivíduo.

Neste período a situação financeira desta família foi se agravando, a ponto de terem que vender quase tudo que tinham na casa, pois não tinha dinheiro nem pra comida, quanto mais para o remédio do filho.

Quando ele saiu do hospital a situação tava pior. Não tinha nem dinheiro pra comprar o remédio dele. Ai o que nós fizemos, nós acabamos com tudo que era nosso. Ai eu falei pro Mário: vai trabalhar lá no lixão. Ele olhou assim pra mim e falou: você tá louca. Falei vai porque é melhor do que ficar os dois parados aqui. Ai ele pegou e falou assim: ah não sei. Ai ele foi. Ele ia um dia, faltava outro.

Essa fala mostra o quão é difícil tornar-se um catador, pois não é algo que as pessoas desejam ser, nem trabalhar, mas elas acabam indo trabalhar com o lixo devido a situação em que se encontram, de total desamparo, de total falta de possibilidades e potencialidades.

Neste momento o ser humano está tentando apenas se manter vivo, se conservar, buscando comida para manter suas energias necessárias ao funcionamento orgânico. Mário parece nunca ter passado por dificuldade como a que estava tendo que enfrentar, nunca deve ter pensado que teria que trabalhar no lixão. Então antes mesmo de ter tido essa experiência de trabalho se recusa por ter imagens do lixão desagradáveis.

Todo ser humano resiste ao entrar em contato com situações que parecem lhe desagradar. Direcionamos nossas ações e comportamentos a situações e a encontros que acreditamos ser agradáveis e potencializadores e não ao contrário.

*O Mário começou a desanimar, desanimou por completo, ele deixou se derrotar, nem queria ajuda de nada. Eu saía pra correr atrás das coisas, quando eu chegava, a casa tava suja, as crianças na rua com ele brincando e isso foi me desgostando. Eu ficava pensando, pôxa eu dando duro de mim, dando tudo de mim pra ajudar. E o cara fazendo isso. *Aí cheguei nele e falei: olha, eu vou ficar sozinha, eu crio os meus filhos, pode ficar sossegado, siga o seu rumo, ou então erga sua cabeça e vamos seguir junto, porque desse jeito eu não agüento. Eu passo por baixo de catraca de ônibus, eu peço pra descer na porta da frente, eu brigo com o cobrador, eu brigo com o motorista, e eu chego aqui e você tá desse jeito. Eu não agüento isso. *Aí ele falou assim: ah, o que que você quer da minha vida então. *Eu falei: eu não quero nada da sua vida, faça da sua vida o que você quiser, eu simplesmente sei o que eu quero da minha, você não vai trabalhar no lixão? *Ele: Não, eu não vou trabalhar no lixão. *Eu disse: tudo bem, se não vai você, vou eu. *Ele: Eu duvido que você vai ter coragem. *Eu falei: tudo bem.********

Para Mário o lixão não o potencializou, ao contrário, diminuiu ainda mais suas ações. Mário estava paralisado com a situação, não conseguia direcionar suas ações para nada, apenas ficava em casa brincando com seus filhos, não sai para procurar emprego nem ia trabalhar no lixão. Ele realmente estava num momento de total potência de padecimento.

Já Elisabeth tenta conservar a vida de sua família. Ela age, ela busca alimento, ela não pára, ela também como mãe não abandona seus filhos, mesmo a situação estando muito difícil tenta tirar sua família deste momento desagradável à saúde de qualquer ser humano, e busca promover de alguma forma momentos que aumente a potência de ação e, conseqüentemente, a saúde de sua família.

Mas a história de sofrimento de Elisabeth continua. Quando Elisabeth reencontra a mãe, esta vai morar com Elisabeth, e a história de espancamento continua, agora com a ajuda de seu

marido Mário, os dois se uniam para descarregar toda a agressividade em Elisabeth. E todo esse espancamento, traição de Mário culminam no padecimento dela. Alguns episódios serão aqui retratados.

Elisabeth estava com 14 anos, sua primeira filha, Pamela estava com alguns meses de idade. Ela era inexperiente em cuidar de filho, cuidar de casa, então dizia *“eu tinha que fazer uma coisa de cada vez, hoje não eu faço tudo ao mesmo tempo”*. Elisabeth já ia começar a fazer o almoço quando Mário chegou gritando, pedindo comida, e como chegou com os pés sujos, sujou tudo que Elisabeth tinha limpado, e isso fez com que Elisabeth chamasse a atenção dele. No momento em que ela o repreendeu, ele pegou-a, prendeu-a no canto da sala, e lhe deu um soco no canto dos olhos, como ele estava com um anel pontiagudo, o olho de Elisabeth começou a sangrar imediatamente. Quando Rose chegou, ao invés de ajudá-la, pegou uma mangueira, enfiou na boca de Elisabeth, e falou *“Isso é para você aprender a respeitar o seu marido”*. Elisabeth disse que precisou vir seu tio de um outro bairro, socorre-la e levá-la para o hospital. Este tio ia chamar a polícia, mas Rose impediu. Elisabeth quase ficou cega, a partir deste dia começou a revidar, se ele vinha bater, pegava e ameaçava-o com uma faca.

Um outro episódio foi quando Elisabeth saiu com sua filha, foi levá-la para passear, chegando em casa, sua mãe a recebeu com um cabo de vassoura. Bateu na Elisabeth sem dizer os motivos, bateu tanto até Elisabeth cair no chão, Mário presenciou toda a cena, mas só foi ajudá-la *“quando eu já estava arriada no chão”*.

As traições de Mário também contribuíram bastante para o padecimento de Elisabeth. Ela conta que a primeira vez que ficou sabendo da traição de Mário, foi através da sua cunhada. Quando Mário chegou em casa, Elisabeth começou a xingá-lo e a xingar a amante, a qual estava atrás da casa ouvindo tudo. *“No outro dia de manhã ela veio tirar satisfação comigo, porque chamei ela de vagabunda, e como se nada tivesse acontecido”*. Elisabeth estava grávida de sete meses, e dizia que ele só respeitava-na quando ela estava grávida, mas neste dia nem a gravidez ajudou Elisabeth, pois elas começaram a brigar, e quando Mário chegou separou as duas, bateu na Elisabeth, e colocou-a para dentro de casa. *“A segunda vez que eu catei o Mário foi com a cunhada dele, namorada do seu irmão”*. Elisabeth dizia que tinha um sentimento doentio pelo Mário. *“Onde o Mário ia eu queria ir, onde o Mário tava eu queria tá. então eu acho que aquilo sufocou ele”*.

Todos esses episódios culminaram para a potência de padecimento de Elisabeth.

Eu descobri que ele tava me traindo, tudo a situação dentro de casa, muitas coisas

começaram a rolar depois que ele me deu o último soco nos meus olhos, eu comecei a ficar agressiva, entendeu. Aí começou a mudar muita coisa dentro de mim, eu fiquei muito chorona, e de chorona começou a me dar muita dor de cabeça, eu comecei, a tentar suicídio, né? Me machucava sozinha. O último que tentei suicídio eu fui toda machucada. Aí foi onde me mandaram pra psiquiatria, porque eu tava agredindo a mim, eu não agredia quem me machucava, eu machucava a minha pessoa, aí eu comecei a passar na psicóloga. A psicóloga me levou pra psiquiatria, né? Aí o psiquiatra mandou, eu comecei a tomar Diasepam, né? Aí comecei a tomar um outro Paciflorem, tudo tarja preta.

Elisabeth estava num momento de total padecimento, e ela mesma aponta que o seu padecer se deu por toda sua história de sofrimento, de espancamento, tristeza, suas relações afetivas não contribuíram para sua potência de ação, mas sim para o contrário, para a potência de padecer. Alguns momentos parecem ter sido fundamentais para Elisabeth conseguir quebrar uma relação que só despotencializava-na e tentar construir outras relações que promovessem a sua potência de ação. Um destes momentos foi quando Elisabeth estava doente a base de remédios, e Mário ao invés de cuidar dela, saiu para traí-la.

Se arrumou Paula ficou todo cherosinho, bonitinho, catou o carro e saiu, e ainda pegou um puta pernil da minha geladeira. E foi, foi passear. Aí é onde todo mundo fala Elisabeth você tá se afundando. E aquilo ficou na minha mente, aí eu vi aquilo e falei: “o que que vai levar eu morrer, meus filhos e ele de bom assim, perai”. Aí foi onde eu comecei a me levantar de novo. Ai eu comecei a ver as coisas de outro jeito, aí ele vinha dar o remédio pra mim eu já não tomava mais, fingia que tomava e não tomava mais. Aí eu comecei a levantar a ver a vida de outra maneira, de outro jeito, comecei a cuidar mais dos meus filhos, se não fosse a minha irmã cuidar de mim também nem banho eu queria mais tomar.

Desde criança Elisabeth e Cecil tentavam viver felizes num mundo que criavam para si. Elas se ajudavam, trocavam carinhos, afetividade que não tinham nas suas outras relações familiares, tanto a mãe de Elisabeth quanto a mãe de Cecil abandonaram-nas. A relação entre as duas continuou no decorrer dos anos. No momento em que Elisabeth mais precisou de Cecil, ela estava presente para ajuda-la. Mais uma vez elas mostram a necessidade desta relação, pois as outras relações afetivas não se dispõem a cuidar. O encontro das duas irmãs é um encontro de potencialização, vemos isso na fala de Elisabeth acima. Provavelmente o cuidado da irmã, as traições do Mário que em um momento fizeram Elisabeth padecer e em outro momento faz Elisabeth agir na tentativa de quebrar a submissão ao Mário, pois ela começa a ver que todo

cuidado que queria do Mário não ia ter.

Por tudo que eu passei na minha vida, sabe eu deveria ser muito dura, amarga, eu não sou, eu sou uma pessoa ainda romântica. Eu falo assim, se o Mário vier com um ramo de flores você pode ter certeza e com meia dúzia de palavras bonitas eu me derreto pra ele inteirinha, porque é uma coisa assim, que mexe, que toca, entendeu. E eu sei que dele eu nunca vou ouvir, já aprendi a viver com isso, né, fazer o que? Ou eu aprendo ou a gente vai continuar brigando pela vida toda.

Um outro momento que ajudou Elisabeth a sair de uma cadeia de padecimento para entrar numa cadeia de potencialização, foi a fala de um pastor.

Isso foi na semana da pátria. Aí quando foi domingo de páscoa de 98, caí no dia 16, não esqueço essa data nunca. Fui na casa de umas amigas, que num tinha nem almoço, num domingo de páscoa pra gente almoçar não tinha. Fomo passar na casa dos outros pra poder comer. Aí chegamos lá. Teve um culto, né? Aí nesse culto o pastor falou: olha, tem alguém entre a gente que está passando por uma situação muito triste, mas não pensa em fazer o que você tá pensando fazer. Porque antes disso Paula, eu tentei suicídio 3 vezes. Por não agüentar mais, só chorava, entrei em depressão, eu fiquei, sabe num quarto escuro, eu não queria filho, eu não queria marido, ninguém perto de mim, eu achava que a vida já não valia mais a pena. Porque desde mocinha, desde neném eu já sofria na mão da minha mãe, depois eu comecei sofrer casada, eu falei: não agüento, eu não agüento. É muita tristeza só pra mim, eu não vejo felicidade neste final de mundo. Nesse túnel tão imenso não existe luz. Aí eu tentei suicídio 3 vezes, na terceira vez que eu falei que ia pro lixão, mas eu tava com o pé assim, né? Ou eu acabo logo com a minha vida, né? E o meu pensamento era assim, acabar com a minha e acabar com a dos meus filhos também. Era esse meu pensamento. Coloco comida, coloco esse remédio aqui, pra morrer nós 5. o Mário que fica aí e cuida da vida dele. Pensava em não deixar nenhum deles, ir todo junto comigo, tava na minha mente sabe, ou então eu vou pro lixão. Aí foi quando o pastor falou assim: tem uma pessoa aqui que tá querendo fazer uma besteira e não é só consigo não, mas é com pessoas amada também, então eu to lhe pedindo pra não fazer isso. Porque quando ela tá pensando que não existe uma luz no túnel, tem uma luz lá no fundo, agarre, corre que essa luz é sua. Aí eu fiquei pensando ah, não sou eu não. Não sei, me deu uma coisa assim, botei um pé na frente, parece que alguém catou a minha perna e colocou pra frente assim. Aí o pastor falou: é você mesma irmã, Deus tá me pedindo dizer pra você que existe sim essa luz no túnel, que ele está presente na sua vida, não descrê dele. Que você é

capaz. Ele me mandou lhe trazer essa mensagem, quando você menos esperar, você vai encontrar essa luz, e a partir desse momento você vai acreditar em Deus. *Aí eu pensei Deus existe? Alguém já viu ele? Ninguém nunca viu, né? Se Deus existisse não deixava eu passar tudo que eu passei. Tudo que os meus filhos vão passar daqui pra frente e tudo o que já passaram daqui pra trás. O pastor continuou falando: Você terá, terá, e faça o que você mais quer, não essa outra coisa que você pensa. Você vai se dar muito bem com isso, Deus tá me pedindo pra lhe dizer isso, e lá você vai saber que ele existe.*

Elisabeth não estava conseguindo ver a saída para a saúde de sua família, e não estava conseguindo agir para isso, não bastava trazer alimento para dentro de casa, é claro que o alimento é fundamental, mas isso não é suficiente para que um ser humano consiga sobreviver, precisamos do alimento afetivo, emocional, precisamos dos encontros saudáveis que nos potencialize, que mostre-nos novas possibilidades de ação, eles tinham que conseguir quebrar com a cadeia de lembranças trágicas e de doenças, e tinham que conseguir sair dessa situação despotencializadora, e começar agir, expandir o ser e não enterrá-lo, mas em alguns momentos Elisabeth pensou em cessar a sua vida e a de seus filhos, pois acreditava que desta forma todos os seus sofrimentos, dores, tristezas acabariam.

Elisabeth conseguiu quebrar com a cadeia padecedora, devido ao bom encontro com o pastor, e como vimos na fala anterior o encontro com a irmã também foi fundamental. As palavras do pastor eram muito rebuscadas e não muito clara, mas foram suficientes para que Elisabeth escolhesse a porta da vida, da ação, e não da morte. Essa porta para a vida foi o trabalho de Elisabeth no lixão. Neste momento o amor pelos filhos pulsou mais e fez com que ela escolhesse o trabalho no lixão ao invés da morte: *“E fui pro lixão na Segunda-feira, fui trabalhar no dia 17. Aí eu entrei. O que que eu estou fazendo aqui? Que lugar horrível, meu Deus? Que que é isso?”*.

Para Elisabeth o dia que foi para o lixão é inesquecível. Essa experiência afetou tanto Elisabeth a ponto dela lembrar o dia da semana e o dia do mês que teve que enfrentar o lixão. Além disso, no momento do encontro com o lixão, todos seus órgãos dos sentidos foram afetados de maneira não ética, pois foi um momento de total despotencialização. Ela viu, cheirou, bateu, sentiu, sendo afetada pelo lixo, começou a indagar sua existência para si e para Deus.

Aí caiu o primeiro caminhão, quando abriu o primeiro caminhão, achei 3 sacos, 2 de panelas e outro assim cheio de coisa de casa, toalha de mesa, tudo essas coisa, aí quando o caminhão abriu, quando ele abriu, assim, não sei como aquela bíblia não se sujou lá dentro, porque geralmente as coisas sai de lá de dentro suja, né? Ela não saiu suja. Ele (caminhão) abriu assim eu tava de baixo assim, quando caiu

assim um monte feio, a bíblia assim, veio nos meus pés, aí eu falei assim, será que esse é o sinal de Deus? Tem que ser, né? Eu vou batalhar, se ele me quer aqui, aqui eu vou ficar. Vou atrás de tudo que eu quero, aí eu comecei Paula.

A certeza de que Elisabeth tinha entrado na porta certa e estava percorrendo o melhor caminho para ela e sua família se deu neste momento. Ela que esperava um sinal de Deus, comprovou-o com o episódio da bíblia, esse encontro acidental potencializou ainda mais o trabalho de Elisabeth no lixão. Além da bíblia como sinal de Deus, Elisabeth, logo no primeiro dia de trabalho achou muitos utensílios para cozinha, e isso começou a fazer com que ela resignificasse a idéia que tinha acerca do lixão e de se trabalhar nele.

Eu trabalhava todo dia à noite não faltava nem na chuva, no frio, eu não faltava, eu ia trabalhar todo o dia. Aí eu comecei a pagar as minhas contas de luz, de água, dar uma vida melhor pros meus filhos. Aí eu peguei, mandei ligar o telefone, queria um som, eu comprei um som. Eu queria um carro, eu comprei um carro. Aí eu comecei a levantar, e aquilo foi me dando mais ânimo, mais ânimo, e eu trabalhava todos os dias assim, de segunda a Sábado. Eu só tinha domingo pra ficar em casa, mas era satisfação. Eu chegava assim, 3 horas, 4 horas da manhã em casa, eu dormia até mais ou menos uma hora, levantava, limpava a minha casa, cuidava dos meus filhos, seis horas, cinco horas, deixava a janta pronta, dava janta pras crianças. Deixavam eles fechado e ia embora trabalhar de novo e voltava de madrugada. Todo dia eu fazia, mas era com muitas satisfações da minha vida. Cada olhinho. Sabe o meu filho: mãe traz uma pizza pra mim. Eu falei trago Aí eu saía ia trabalhar quando caía lá no caminhãozinho a pizza dele. Parecia uma coisa tudo eu conseguia dizer pros meus filhos, eu vou fazer, eu vou te dar, entendeu? Que era o que eu mais queria fazer era poder dar pros meus filhos o que eu não tive. mãe eu to com vontade de chupar uma bala de hortelã, e eu ter o dinheiro e comprar pra ele, é muito bom. Então todos os dias. Aí o Mário muitas vezes não ia.

Com o trabalho no lixão Elisabeth conseguiu enxergar que é capaz de pagar suas contas, de cuidar de sua família, e isso também fez com que a relação com o marido mudasse, pois o domínio financeiro tinha mudado de mãos.

Percebemos uma mudança grande nas emoções de Elisabeth, antes ela estava cheia de paixões tristes que a imobilizavam-na, agora vemos que está cheia de paixões alegres, agindo, trabalhando, e muito feliz por conseguir com seu trabalho sustenta sua família, pagar as contas; comprar bala para as crianças quando querem; levar uma pizza pra casa quando seu filho pede, mesmo que seja do lixão. O amor aos filhos foi o grande sentimento que fez com que Elisabeth

mostrasse sua potência de ação e conseguisse superar as paixões tristes pelas paixões alegres. Podemos dizer em outras palavras que a causa de sua ação, de seu trabalho no lixão foi o amor aos filhos e o efeito foi sustentá-los com seu próprio trabalho, este é um dos motivos pelo qual este trabalho acaba sendo visto por ela de maneira positiva.

Mesmo Elisabeth trabalhando num lugar sujo, de risco para a saúde, ela só nos contou sobre esse ambiente desagradável em seu primeiro impacto, e depois que o lixão proporcionou melhores condições de vida para sua família, não falou mais do lixão de maneira negativa, mas sim positivamente, pois este lhe ajudou a reerguer sua vida e de sua família: *“Aí depois chegou uma época, assim que o Mário queria que eu ficasse em casa, porque eu estava realmente desgarrando dele, não precisava mais dele, ele começou a exigir de mim. Que meu lugar era em casa, isso, aquilo, aquilo outro”*.

Mário apresenta um comportamento tipicamente machista, pois foi sempre ele que trabalhou, que pagava as contas, que comprava comida, todo poder financeiro estava em suas mãos, e esse poder permitia controlar sua família, principalmente Elisabeth. No momento em que ela passa a ter o domínio financeiro da casa, Mário passa a ter que se submeter a Elisabeth. *“Ah eu já to de saco cheio, desde que você começou a trabalhar você ficou muito mandona”*. *Eu falei: não é questão de mandona. Você dizia que a gente não ia conseguir nada, olha só consegui*.

E isso tudo fez com que Mário começasse a querer reverter o quadro, e cobrava de Elisabeth uma maior permanência em casa, tentando fazer com que ela deixe de trabalhar, e deixe de ter um domínio financeiro. Mas a fala de Mário não a imobiliza, a grande preocupação são os filhos e não o marido, sendo assim ela continua agindo, trabalhando, ganhando seu dinheiro, melhorando as condições de vida de sua família. Elisabeth quebrou a relação de submissão ao Mário e impôs algumas regras, principalmente, de que as relações não serão mais como antigamente.

Eu fiquei com você a minha vida toda, eu me entreguei a você com 12 anos, você foi meu homem, todos os meus filhos são seus filhos, eu dei a minha vida toda pra você, eu dei pra você e dei pra minha mãe, porque vocês dois, eu vou dizer a verdade, você não são merecedores da minha vida, vocês não são. Porque se hoje eu passo isso tudo que eu passo, eu dou palmas pra você e pra minha mãe, para os dois, porque eu não vi tamanha infelicidade uma pessoa proporcionar a outra, entendeu. Eu tentei fazer você feliz, então é melhor cada uma seguir seu lado. “então é melhor mesmo”. é melhor mesmo, então tudo bem você pode ir, eu vou ficar. Aí no fim ele não foi.

Elisabeth conta também que no dia que o lixão fechou “*Não me bateu muita tristeza do lixão tá fechando, eu não sei porque*”. Talvez porque o trabalho no lixão não era tão bom, este trabalho pode ter ajudado-na: a sustentar sua família, a quebrar com a cadeia de submissão, mas este trabalho é impróprio para qualquer ser humano. Elisabeth lembra muito bem a data que o lixão fechou, 6 de outubro de 2001. Neste dia os catadores queriam fazer um tumulto, queriam queimar pneus, mas Elisabeth falou que isso não iria chamar a atenção, e que deveriam fazer uma passeata no dia 7 de outubro, dia da inauguração do aterro sanitário.

Os catadores foram até a entrada do aterro e começaram a reivindicar. A mulher que estava organizando a inauguração pediu para os catadores voltassem no dia seguinte, pois não queria que eles atrapalhassem a inauguração, então perguntou quem era a organizadora do movimento, os catadores disseram que era a Elisabeth. De acordo com Elisabeth a mulher falou:

Faz o seguinte, acalma o seu pessoal, vamos tentar conversar amanhã que hoje é a nossa inauguração, tem muita gente aqui, é isso, isso”. Aí eu falei tudo bem, mas eu não me contentei com isso, e fui falar diretamente com o seu Olívio, o dono. Aí eu parei o carro dele na rua. Tava uma chuva, uma chuva, que Deus mandava. Parei o carro dele e falei: E agora Olívio o que vai ser da gente. Ele: “Mas eu não tenho compromisso”. Como não seu Olívio, você não tem compromisso com a gente, pelo menos aciona a secretaria do trabalho, pra ver o que pode ser feito, isso aqui pode ser muito trabalhado ainda, pode-se montar uma cooperativa aqui dentro, gente, isso aqui da muita, muita, dá para comportar todos os trabalhadores e todos trabalharem, vocês saem ganhando e a gente também, vocês não vão perder com isso você só vão ganhar. “Então faz assim amanhã tenho uma reunião com vocês aqui, mas é só um membro”.

No âmbito público, Elisabeth tornou-se uma líder. Ela é que começou a organizar os catadores, ela passou a ser a mediadora da relação entre os políticos, o dono do aterro e os catadores. Fizeram algumas reuniões, mas não viabilizaram nada daquilo que os catadores propuseram, que era formar a cooperativa. Além de não viabilizar trabalho para os catadores deram como esmola cesta básicas, finalizando o processo da reivindicação.

A atitude de fechar o lixão foi anti-ética. O discurso político, ideológico é de que não pode mais existir lixão, pois o trabalho no lixão é impróprio para a saúde do ser humano. Ou seja, são vários os discursos contra o trabalho no lixão, mas a simples atitude de fechar o lixão e não viabilizar um trabalho com condições adequadas para a saúde do catador, é totalmente anti-ético, pois estará tirando o sustento de muitas famílias, estará mantendo a desigualdade social, estará despotencializando todos os seres humanos que ali trabalhavam por necessidade de sobrevivência.

E o pior é ver que os catadores reivindicaram não contra o fechamento, mas a favor da construção de uma cooperativa para que pudessem estar trabalhando e nada foi feito. Fechar o lixão não significava estar agindo em benefício da comunidade, pelo contrário estavam agindo contra uma comunidade que vivia dele. Agir eticamente é fechar o lixão e proporcionar melhores condições de trabalho para estes catadores.

Aí eu comecei a trabalhar com o Mário de catar na rua. Aí fizemos clientela, toda a semana a gente passava lá pra pegar o nosso lixo lá, vendia, ganhava 30, 40 reais por dia. Aí começamos a trabalhar na rua. Aí depois de um tempo, ele começou a mexer com cavalo de novo.

Dois meses depois um dos políticos da reunião, Pedro, chamou Elisabeth para trabalhar num projeto de reciclagem. Ela deveria conseguir mais dez pessoas para trabalhar junto, chamou dez pessoas que trabalhavam no lixão com ela. Esse era um trabalho para saber a quantidade de lixo reciclável que era produzido em Guarulhos, Elisabeth diz que não teve acesso aos dados.

Este trabalho era temporário, de dois meses. Os catadores separavam o lixo, este era medido, e depois poderia ser vendido pelos catadores. Elisabeth conta que toda semana cada um tirava com a venda do material de 80 a 120 reais, sem contar as latinhas que cada um separava a sua. Com a venda das latinhas cada um tirava cerca de 40 a 45 reais por semana. Depois de dois meses o trabalho acabou, e Pedro conseguiu seis meses de cesta básica para eles.

Logo depois, Pedro volta a ligar para Elisabeth dizendo que iria ter uma reunião no CTMO (Centro de Treinamento Monitorado) com os funcionários da Secretaria do Trabalho, da Secretaria da Indústria e Comércio, da Incubadora da USP, entre outros catadores de diferentes bairros de Guarulhos.

Elisabeth só foi chamada para participar do grupo, pois tinha se destacado como organizadora dos catadores do lixão. Essa reunião foi o primeiro contato que Elisabeth teve com o grupo de catadores que trabalha hoje. A primeira reunião foi em março de 2002.

Elisabeth falou destas reuniões para algumas pessoas “*aí muita gente falando pra mim, não vai, porque seus pessoal vão falar que você traiu*”. Devido a isso, Elisabeth ficou muito indecisa sobre se iria na próxima reunião, mas decidiu ir, porque pensou “*eu vou ou não vou, eu vou ou não vou. Aí falei quer saber eu vou. Por causa que ele não me ajudaram nem com dois centavos de combustível. Eu fiquei correndo atrás de vários lugares pra eles, e nenhuma deles me deu 50 centavos pra almoçar, pra nada. Passava o dia com fome na rua. Aí eu falei vai mesmo Elisabeth, vai que você vai subir na vida, vai ficar melhor do que a situação que você tá*”. Desde

então Elisabeth foi participando de todas as reuniões que tinha acerca do projeto em prol a formação de cooperativas para os catadores de materiais recicláveis.

Elisabeth conta da promessa que a prefeitura tinha feito acerca do contrato. E como isso repercutiu em sua casa.

Aí tinha promessa, né? Mês que vem. Não dia 15 vai sair o contrato. A gente levou oito meses. O Mário já falava que não era serviço não, que era outro que eu tinha. “Essas horas que você sai aí, é serviço? Serviço uma ova é alguém que você tem”. Só que ele nunca tinha visto a perua (prefeitura) vir me pegar, nem pra me trazer.

O atraso do contrato fez com que Mário começasse a desconfiar de Elisabeth, pois trabalhava, mas nunca recebia dinheiro.

Aí um dia eu cheguei em casa, seu Romualdo abanou a mão pra mim, dando tchau. E ele achou que alguém tava me dando sinal. Ele devia ter falado pra mim na hora, né? Ele não falou nada, Paula. A perua foi embora. Eu subi e ele falou: “é aquele lá”. Eu olhei pra cara dele e falei assim: “olha eu não vou nem responder, se você começar, fui”. Larguei minha bolsa, larguei minha pasta e desci pra minha mãe. Larguei ele falando sozinho, quando eu subi ele já tava dormindo. Aí ele pegou e falou assim, agora ta na hora da gente conversar. “e você ta pensando que fazendo isso tá me atingindo, pára”. “E esse serviço seu que não recebe”. “Esquece o meu serviço, o meu serviço eu sei muito bem como to levando ele, ta indo muito bem obrigado, a questão é eu e você, você e eu e mais ninguém, de novo como sempre”. Aí falou “não, vamos só conversar. O que tá acontecendo”. “Simplesmente não está acontecendo nada, você vive dizendo que eu tenho outro daqui a pouco, eu realmente vou arrumar um outro, entendeu. Só que você não vai saber por boca de terceiro não, eu vou falar na sua cara, entendeu. Porque quem muito joga a mulher pra cima de outro, é porque não quer mais a mulher, né”. “Não é nada disso, porque você não quer saber mais, eu to trabalhando lá no seu Arnaldo”. Eu falei legal, você chega aqui joga 10 reais em cima da mesa, você acha que aqueles 10 reais é pra comprar o pão, é pra comprar a mistura, é pra comprar tudo dentro de casa. Que tem que suprir tudinho dentro de casa. Ótimo Mário continua assim, eu não preciso, como você vê, você não gasta dinheiro aqui com arroz e feijão, não gasta. Olha aquela porcaria ali atrás, olha ali. É caixas e mas caixas de cesta básica, entendeu. Eu posso não tá recebendo dinheiro, mas eu to recebendo a cesta básica de lá e fora a outra que eu vou buscar também. Você não compra arroz, feijão, farinha, açúcar, óleo, você não compra nada, e as coisas básicas você também não quer comprar. Eu não quero saber de nada, eu não to reclamando, não

to questionando, continua assim. “E você como tá fazendo pra sobreviver, comprar cigarro pra você, suas coisinhas”. Você esqueceu que eu tenho dinheiro no banco?” “Ta gastando tudo”. Não tenho mais nada se você quiser saber. “É to vendo que essa merda de telefone ta funcionando ainda”. “É ta’funcionando porque eu paguei com o meu dinheiro”. Ai ele só virou e falou assim? “Vamos tentar de novo?” “Tá bom vamos tentar de novo”. Ai tentamos de novo mais uma vez, aí passou um tempo, passou um tempo. Ai ele ficou contente acreditou realmente no meu serviço quando assinei o contrato. Depois que assinei o contrato tudinho. “Olha tá aqui, a partir do mês que vem vou receber, assim, assim, assado” “Quanto você ta recebendo?” “Ah você não sabe, 200 reais”. Falei pra ele não dei a quantidade de tudo que eu ganhava não. Falei 280. Ele falou só! “Não o tíquete refeição e o vale transporte”. Ai ele falou assim ta bom.

Eles recebiam cesta básica e o transporte até o CTMO, centro de Guarulhos, que era feito pela Kombi da secretaria do trabalho. Mário nunca tinha visto a Kombi pegar a Elisabeth, e quando viu, imaginou que ela estava o traindo. É interessante observarmos como a relação de Elisabeth e Mário modificou comparado ao relacionamento anterior. Ela agora tem uma vida que não é a vida de submissão ao Mário, ela sai para trabalhar e cobra o respeito para com ela.

No final deste ano Mário, Elisabeth e seus filhos mudaram para uma casa mais próxima ao trabalho dele.

Ali é eu pra ele, ele pra mim, e eu pro meus filho e os dois juntos, entendeu? Ele mudou, os dois saem, quando eu vou viajar ele cuida das crianças, me levou pro Tietê, me cuidou muito. Agora é assim eu pra ele, ele pra mim. Fomo viajar agora, então foi muito bom. Tanto é que as crianças falam a muito tempo que eu não vejo o pai brigar com a mãe. Eu disse espero que a gente nunca brigue mais. Claro que tem aquelas briguinhas, mas como antes, não. Agora ele entende meu ponto de vista, eu entendo o dele. Eu voltei a cuidar dos bichos, que eu gostava da minha égua eu deixei ela emagrecer não cuidava mais dela, então foi muito bom, assim, foi uma mudança radical na vida, uma mudança. Ele hoje é uma pessoa...,ontem mesmo a gente chegou em casa, não tinha nada em casa, né? Ai ele falou: “Elisabeth vamos comigo no mercado”. “Ah, vai você eu quero dormir”. Ele falou: “Ta bom”. Eu fiquei dormindo, ele foi no mercado fez a compra, trouxe as compras. “Olha ta tudo aí, trouxe o que você gosta, comprei queijo e presunto”. Hoje ele é uma pessoa diferente Paula. Se a gente não tivesse mudado, eu acho que ele tinha me matado, ou eu tinha matado ele.

Elisabeth acredita que foi a casa que fez com que a relação mudasse, mas a relação deles

vem mudando aos poucos, só agora podemos ver mais claramente a mudança que vinha acontecendo. Não foi a mudança de casa, mas foram várias mudanças como: Elisabeth foi trabalhar no lixão; em outros lugares; começou a ganhar seu dinheiro; não era mais submissa ao Mário; enfrentou-o, impedindo outros espancamentos; entre outros momentos que ela nos conta.

Com relação a sua mãe Elisabeth também impediu-a de espanca-la, mas sua mãe continua magoando-a.

Quando eu vejo minha mãe bêbada, eu me sinto muito mau. E falo para ela: Você acabou com sua vida, acabou com a minha vida, pára, dá um tempo pra sua vida. E isso me machuca de ver ela doente, vê ela mau, eu fico com muito mais raiva dela. Já fiz de tudo. Quando eu tava de cama Paula ela não fez nada, a única coisa que ela foi fazer na minha casa foi fazer uma comida, mais nada. Nos 10 dias que eu tava doente mais eu tava bem melhor. Eu falei vou limpar minha casa, limpei tudinho, lavei roupa, ela não me ajudou fazer isso. Ah tá bom, aí ela catou a noite foi embora. Quando foi outra semana deu notícia que eu tinha explorado ela, que eu fiz ela limpar toda a minha casa, que eu fiz ela cuidar dos meus filhos, que eu fiz ela de cozinheira. Ela falou tudo isso pros outros, me deixou muito magoada. Ela não muda, ela continua fazendo a mesma coisa. Ela faz as coisas e põe a culpa em mim. No dia do meu aniversário ela nem lembrou, foi o pior dia da minha vida, o dia do meu aniversário.

Essa é a minha história, Paula.

Desejos

Um projeto de vida pra mim. Olha é consegui fazer esse pessoal formar a cooperativa, né? É uma questão pra mim de honra, né? E eu consegui superar os medos dos meus fracassos, saber bem quando eu to certa e quando eu to errada, saber caminhar porque cada dia vai ser um projeto de vida. Quero que um dia ande seguido ao outro, aí cada dia desses, eu vou fazer um planejamento pra mim, não vou fazer ele antes, porque senão você não consegue obter nada na frente. Vai que chega lá não dá certo, entendeu? Então eu quero planejar cada dia da minha vida.

Elisabeth já sofreu muito na sua vida, pudemos acompanhar apenas uma parte do todo que foi e é a sua vida, mas já foi suficiente para podermos sentir raiva e ódio das pessoas que maltrataram-na.

E quando lhe pergunto sobre projeto de vida, Elisabeth diz que todos os seus dias são um projeto de vida.

O fato de não ter projeto de vida é uma forma de Elisabeth evitar a frustração de algo que pode não dar certo, como desejar e não satisfazer seu desejo, lutar para conseguir e não conseguir, isso deve estar associado a sua história de vida, de sofrimento, de mágoa, de frustrações dos seus desejos de ser amada e cuidada. Quando queria ser amada pelo Mário, este só a maltratava. Quanto a sua mãe a busca pelo amor continua, e continua sem resposta. O seu maior desejo era ser amada pelas pessoas a sua volta, ou pelo menos ser um pouco cuidada, isso pode ter acontecido em alguns momentos, mas o que Elisabeth nos conta são mais as mágoas, sentidas a cada dia, então talvez isso tudo faça com que seja muito difícil para Elisabeth pensar projetos de vida, como se já fosse se frustrar ao pensá-lo. Assim, com cautela ela tenta pensar dia por dia.

Por mais que Elisabeth tenha conseguido mudar a relação com Mário, seu corpo ainda padece com as lembranças do passado, com as imagens da agressão. Ainda sofre e provavelmente sofrerá por um longo tempo, pois foi muito marcada e afetada, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Elisabeth diz que ainda não sentiu a felicidade, a alegria da vida, diz sim que seus filhos são sua alegria, mas que ainda não sentiu a felicidade de viver o seu dia a dia.

Acho que não lembro quando me senti feliz, acho que eu não senti não. A felicidade assim que eu me senti muito feliz, foi quando os meus filhos nasceram. Agora assim eu me sinto muito feliz de ter realizado isso tudo que já aconteceu na minha vida, mas dizer assim de uma coisa que já foi uma felicidade, que já passei por uma felicidade que supra tudo da minha vida, eu não senti ainda não. Não posso dizer isso ainda não.

P: *Tristeza.*

E: *Tristeza? Minha mãe, o Mário, a minha vida. Fazer meus filhos sofrer, tenho medo da dor, do sofrimento, de perdas de amigos, entendeu, de materiais eu não tenho medo, porque eu posso conquistar, mas o carinho não conquista com o dinheiro. Eu tenho medo de perder, eu tenho medo de ser magoada, entende?*

Com esta fala fica ainda mais claro porque Elisabeth não fala de um projeto. Parece não ter conseguido realizar o que gostaria no decorrer da sua vida, mas ela não fala da conquista material, fala da conquista afetiva que não teve e era o que mais esperava das pessoas que lhes são mais próximas, sua mãe e seu marido e pra ela essas pessoas são as que mais lhe afetam e lhe afetaram.

Quando ela fala do medo de perder, ela deve estar falando do medo de perder seus filhos e amigos, que depois de tanto sofrimento é hoje sua fonte de afetividade.

Elisabeth sofreu tanto que o seu maior medo é sofrer tudo de novo.

Quando Elisabeth era criança conta que seu sonho era ser policial, pois sendo policial poderia prender todo mundo que lhe fazia mal, e que achava que fazia mal para os outros. O medo a agressão estava estampado desde criança no corpo e na alma de Elisabeth.

Quero esclarecer dois tipos de medo. O medo passivo e o medo ativo.

O medo passivo é aquele que impede nossa ação por acharmos que algo de ruim possamos sentir ou vir acontecer conosco.

O medo ativo é aquele que nos mobiliza para ação, pois já sofremos, sentimos tristezas com alguns maus encontros, e agimos para evitar que aconteçam novamente.

Eu e o grupo

Elisabeth se sente reconhecida, trabalhando como contratada da prefeitura para fazer um trabalho que lutou para que fosse realizado, a cooperativa para os catadores, que é uma forma de trabalho para gerar renda à suas famílias. Então faz de seu próprio trabalho um projeto de vida, luta para conseguir apoios para os catadores, faz divulgação do projeto, trabalha com grupo de catadores nos bairros de Guarulhos. Sendo sua origem de trabalho, o lixão, e origem de mudança de vida tanto privada quanto pública, Elisabeth não trocou a continuação de sua história nem abandonou os vínculos afetivos construídos no trabalho por um pouco mais de dinheiro que iria ganhar em outro trabalho. De novo Elisabeth mostra que não está buscando bens materiais, mas sim bons encontros. O trabalho para ela não é simplesmente auto-conservação é expansão, criação e potencialização.

P: Como você vê esse projeto?

E: eu acredito nessa mudança que nem eu acabei de falar. Eu acredito assim, se nós nos unirmos esse projeto tem tudo pra dar certo agora se continuar da maneira que tá o projeto não dará certo em nada.

P: como você se sente dentro do grupo?

E: as vezes eu me sinto bem, as vezes eu me sinto mal. Esses dias pra trás eu ia sair do grupo. Porque eu tava me sentindo excluída do grupo. Teve umas coisas assim que me deixou muito chateada. E eu recebi uma proposta muito boa, de ganhar 1300 reais, ser gerente de, uma coisa de limpeza. Mas isso aqui é uma coisa que eu gosto de fazer e sei fazer, aí eu vou pra lá e aí? Eu não vou saber e outra porque eu tenho carinho pelas pessoas que estão aqui, então eu aprendi. As pessoas que eu queria que me enxergasse hoje me enxerga através daqui. Então eu não quero ganhar X e ser infeliz naquilo que eu to fazendo, não saber em desempenhar o que eu realmente sei fazer, não poder fazer isso, eu ficar com as mãos atadas não foi esse o meu ideal. Que eu vim pra cá. Não foi essa a minha vontade, aí eu não aceitei.

FECHAMENTO DAS HISTÓRIAS

Todos relataram uma história de exclusão. Alguns sofreram discriminações no próprio âmbito familiar com a mãe menosprezando, diferenciando negativamente e ridicularizando seu filho. Dona Érica, Elisabeth e José foram afetados tristemente por essa atitude, que culminou na potência de padecimento. Todos sofreram uma violência moral, Elisabeth, além dessa, sofreu violência física.

Até na escola, que deveria ser um espaço de ensino acerca de questões morais e éticas, potencializando as ações das crianças e de suas famílias, ao contrário disso, discrimina os filhos dos catadores ou de famílias mais pobres. Os filhos de Dona Érica foram afetados por este preconceito, prejudicando e retardando os estudos destes.

O grupo aponta inúmeros motivos para exclusão antes mesmo de se tornar catador. Dona Érica fala do preconceito racial, de sua desqualificação por ser analfabeta, e por ter uma aparência que foge das características apreciadas como “bonita”, ela diz que por ser gorda, preta e desdentada não conseguiria arrumar emprego.

Antes da catação todos estavam vivenciando um dos piores momentos de exclusão, desamparo, padecimento de suas vidas. Alguns se tornaram alcoólatras como Dona Érica e Romualdo. A primeira acentuou o consumo do álcool após a morte de seu filho, e o segundo, depois de sair da cadeia. Outros viram seus sonhos frustrados como José, que chega em São Paulo, capital, para realizar um sonho de gravar CD, mas percebe que a realidade é outra e de artista torna-se catador, e como Caio que estava totalmente insatisfeito e triste com seu emprego de serralheiro. Já Elisabeth sofria com a falta de condições de moradia, alimentação, vestuário, e com o desemprego de seu marido, a situação era tão difícil que ela pensou até se suicidar.

Analisando do ponto de vista sociológico, ao tornarem-se catadores, as condições que eram ruins passaram a melhorar um pouco, mas para eles suas condições de vida melhoraram muito. Elisabeth conseguiu sustentar sua família. Romualdo e Érica além de conseguirem deixar a bebida conseguiram melhorar as condições de alimentação e moradia para a família. Caio e José conseguiram agir em busca de seus sonhos, de formar uma cooperativa de catadores e de gravar um CD, respectivamente. Para todos, os ganhos são claros, pois são bastante ressaltados por eles.

Percebemos uma diferença de gênero no momento de tornar-se catador. As mulheres têm claramente como motivo a melhoria das condições de vida de seus filhos, essa é primeira necessidade delas. Já os homens nem sempre têm como primeira necessidade agir em prol a sua família e de seus filhos, como Caio e José que visavam a realização pessoal e profissional, e

Romualdo que foi incentivado por sua companheira Érica.

O grupo também aponta para o aspecto negativo do trabalho com o lixo. O sentimento comentado por todos é a vergonha. Romualdo e Elisabeth relataram ter sentido vergonha, os outros falaram sobre este sentimento, porém não relataram ter sentido vergonha ao tornarem-se catadores. Já a tristeza sentida pela discriminação, preconceito e exclusão foi relatada por todos como uma experiência padecedora, mas não destruidora. A discriminação acontecia nas ruas, local de trabalho dos catadores. O sofrimento era maior quando a exclusão era ação de alguma pessoa conhecida.

No âmbito público, todos, exceto Romualdo, se destacaram como líderes de movimentos, de bairros, de igreja, de organização de cooperativas....

No âmbito privado, as mulheres apresentaram uma maior desenvoltura para falar sobre suas relações afetivas e íntimas. Já os homens não comentaram muitos.

As mulheres mostraram-se muito mais afetiva em suas relações de trabalho e interpessoais. No decorrer da pesquisa elas demonstraram mais seus sentimentos, sentidos e significados do que os homens.

O motivo maior da ação das mulheres na luta por algo é sempre sua família. O motivo maior para o homem geralmente é seu reconhecimento pessoal e profissional.

Dos cinco catadores, três são nordestinos e vieram para São Paulo ou Guarulhos com o sonho de melhorarem suas condições de vida e de sua família, por meio de um bom emprego que conseguiriam na Capital dos sonhos, mas todos perceberam que a realidade era outra e tiveram que enfrentar grandes dificuldades para conseguirem se sustentar.

Sobre a questão da saúde eles não acreditam que o trabalho de catação seja um risco à saúde. Risco à saúde para eles é não ter comida na mesa, não ter lugar para morar e nem roupa para vestir. As doenças físicas provocadas pelo trabalho no lixo podem ser tratadas, já pra fome não há cura.

Mas estas questões sobre a saúde, a afetividade e o trabalho são as categorias de análise, que serão melhores desenvolvidas no Capítulo V.

CAPÍTULO V

AS ATIVIDADES DO TRABALHO

O trabalho dos catadores pode ser realizado em dois lugares diferentes: no lixão e na rua. A maneira como eles trabalham também muda, dependendo do lugar. Caio, José e Romualdo trabalharam na rua. Já Dona Érica e Elisabeth trabalharam na rua e no lixão.

RELAÇÃO SAÚDE-DOENÇA

TRABALHO NO LIXÃO

No lixão (ver anexo IV) trabalham cerca de 20 a 30 pessoas. O aterro é constituído por camadas e camadas de lixo trazido por caminhões que coletam os lixos das casas, dos supermercados, das fábricas... e levam a esse aterro. Por todo aterro existem vários canos que eliminam os gases produzidos pelo lixo, sem esses canos a probabilidade de haver uma combustão no fundo ou no meio do lixo é grande, e essa provocaria uma explosão das camadas mais superficiais de lixo, mas mesmo com os canos, a explosão pode acontecer a qualquer momento, o que é extremamente preocupante quando se têm pessoas trabalhando num lugar deste. “*Um dia eu tava trabalhando no lixão, veio uma chama de fogo no meu rosto, queimou meu cabelo, minha sobrancelha, meu cílios, tive que ser levada pro hospital, no lixão é assim, você não sabe quando pode explodir, pode explodir a qualquer momento*”. (Elisabeth)

Elisabeth aponta ainda mais para o sofrimento do trabalho no lixão, para sua realidade, para os perigos, ganhos e perdas que este pode proporcionar.

E: *O meu trabalho no lixão era assim. A gente chegava sete horas da tarde e voltava três, quatro horas da madrugada.*

P: *Porque você trabalhava à noite?*

E: *Porque no turno da manhã tinham pessoas que trabalhavam, então se dividem as turmas. E eu escolhi a noite que pra mim é melhor. Durante o dia você vê muita coisa feia, horrível no lixo. E durante a noite não, durante a noite você não vê, entendeu?*

Esta foi uma forma que Elisabeth melhor achou de lidar com a situação. Ela tinha que

trabalhar, mas não conseguia emprego, então teve que ir para o lixão, que é um ambiente onde se encontra tudo que já foi rejeitado por alguém. Trabalhar de noite foi uma estratégia muito interessante e importante para a construção do significado acerca do trabalho no lixão, pois ao amenizar o contato visual, muda a forma como é afetada por ele e, conseqüentemente, a construção do sentido acerca deste trabalho. A seguir Elisabeth continua descrevendo seu trabalho.

E: Então você usa uma tocha de óleo diesel, é uma lata amarrada num pau com uma tocha de pano em cima. Eu mergulhava a tocha dentro do óleo diesel pra fazer a catação à noite, e usava um saco. A tocha ficava na mão direita e o saco na mão esquerda. Para catar, os dois ficava na mão esquerda. Catava com a direita. Ia colocando dentro do saco. Tudo que eu achava de valor, de material fino eu colocava dentro do saco. Ia atrás da máquina, aí a máquina descia, eu ia pra frente dela pra catar, porque a máquina saía subindo assim, ela saía rasgando os sacos. Tinha duas máquinas, subia o lixo e aplainava o lugar. A gente trabalhava de touca pra não agredir, e de roupa de frio. Tava calor mesmo, uma blusa de manga tinha que usar. Por causa da tocha que deixava a gente com o corpo preto. Aí, às vezes, a gente fazia cinco, seis sacos por noite. O mínimo que a gente fazia era três sacos. Cada caminhão dava duas viagens. Era 22 caminhão à noite, e cada caminhão dá duas viagem. Eles chegavam entre sete e meia, oito horas. Este era o primeiro caminhão. O primeiro prensa. Depois vinha o caminhão do Carrefour.

P: Que é prensa?

E: Prensa é esses caminhões que coleta na rua com coletor, pegando os lixos, então esse é o prensa. Tem a caçamba, que era o do gongo, que pegava o lixo do mercado Carrefour, o do Shopping Internacional, o do Shopping Poli, e levava pra lá. E depois vem o caminhão da latinha é o caminhão do MacDonald. Só tinha latinha, saco de latinha, hambúrguer. Esse era o caminhão das latinhas.

P: Gongo era o quê?

E: Gongo era os caminhões de caçamba que vinha do lixo clandestino.

P: Como assim, clandestino?

E: Clandestino, era por fora, né? Nem a Kitauna sabia desse gongo, era uma gambiarra entre o cara que ficava na balança, né, no computador pesando, e os maquinistas que tirava por fora. Pra gente era bom. Eram os dias que a gente ganhava mais. Era mercado fora, que paga pra uma coletadora clandestina, paga menos que paga pra Kitauna. Paga pra Kitauna trezentos, pros outros pagar 250.

Ai eles pegava e levava lá pra cima, era peça de queijo, presunto, era muita coisa que vinha naqueles gongos. Cada latinhas, os fios que vinha de alumínio, os frizo, tudo essas coisas, então dava pra fazer a boca, pacote de arroz. Outro dia despejou um caminhão, porque fechou um frigorífico aqui em Guarulhos, clandestino, e essa carne tava tudo congelada, e esse gongo chegou. Umas peças assim de carne! Nossa, eu enchi meu freezer de carne! Arroz, feijão que vinha. Ah tanta coisa boa que achei lá! Óleo, pizza pra criança, caixa de bombom. Páscoa, eu comprava um ovinho pequenininho assim na Páscoa, aí, quando acabava a Páscoa, os chocolates ia, né? Ai a Elisabeth levava pros filhos, os chocolates. Outro dia o caminhão fez uma bomboneli, é, uma bomboneli, aquele sacão de salgadinho, batata ruffles, da Elma Chips. Nossa, foi sacos e mais sacos que eu levei pra minha casa. Uma vez foi o Mercado Carrefour, então faltava uns dez dias pra vencer a salsicha, aqueles sacos de salsicha de cinco quilos. Peguei uma caixa assim, quadrada mais cheia, cheia. Mas eu dei tanta salsicha pro outros, pó de café!... Fiquei um ano sem comprar pó de Café Pilão. Peixe, aqueles peixão grandão, assim. Ai lá onde nós trabalhava a gente tinha que vender pra dona Maria, né? Mas eu não vendia, não, aí ela pegava no pé que não vendia. Ai deixei pra ela lá uns saquinhos de cinco quilinho pra ela. Ai um dia roubaram meu saco lá, aí falei pra ela: “Agora eu não deixo mais não, roubaram, a senhora não toma conta”. “Você não deixou saco aqui.” “Deixei e não deixo mais, o Abílio paga mais, e a senhora vende pra ele, pro mesmo comprador que a senhora vende eu vendo também, e sei muito bem o quanto a senhora ganha nessas latinhas. E suja ele compra, viu? E é x e você só quer pagar 60 centavos o quilo da nossa latinha. Não, a minha latinha vai pro Abílio”. E não entreguei mais as minhas latinhas pra ela. Ia direto pro Abílio. Tinha semana que eu tirava 780 pau. Te juro. 780 reais só de latinha e panela, cobre, metal... 780 pau... O Abílio não teve nem dinheiro pra pagar, teve que fazer um cheque, ir no Santanão pra poder descontar o dinheiro. Era quatrocentos, trezentos, no mínimo era 180, duzentos que a gente tirava a cada quinze dias.

P: *Como vocês faziam, vocês juntavam as latinhas em casa?*

E: *Levava pra minha casa, a minha e a do Mário, só. Só a minha e a dele. A Cecil era a dela. Eu juntava as minhas latinhas com as do Mário. Aí vendia, cada um ganhava isso. Aí teve uma vez que deu 780, né? Aí deu quatrocentos pau pra cada um. Eu fiquei com quatrocentos, ele ficou com 380. Eu não era muito boa pra catar, não.*

P: *Por quê?*

E: *Porque era assim. Eu era mais restrita com medo da máquina, entendeu?*

P: *Como a máquina fazia?*

E: *Ó, o caminhão joga o lixo, né? O caminhão-prensa joga de uma vez, ele abre lá em cima e cai o lixo lá embaixo. A máquina tem uns braços grandes, uma placa na frente, aí ela vai empurrando assim, ela vai abraçando o lixo, subindo com o lixo pra cima. Aí, quando ela quer, ela vai rápido; aí, quando ela não quer, a gente fica lá abrindo o saquinho, esperando ela subir com o lixo. Aí ela vem, vai todo mundo atrás das roda dela. Aqui tá o lixo, aqui é a máquina, e nós estamos aqui atrás; só comporta três a quatro pessoa em cada roda, cada lado. Aí três aqui e três aqui, aí vai subindo o lixo e vai um, dois no meio, porque não pode ir muito porque senão ela acaba se esbarrando; quando ela volta com tudo pra trás é perigoso te machucar. Aí vai subindo, aí sobe o lixo, aí quando ela chega lá em cima ela faz assim, com a pá dela, pá pra baixo, aí ela puxa o lixo pra baixo, aí ela volta mais uma vez, aí ela vem com tudo, aí, quando ela vem contudo (uuuuooooohhhh), aí, quando ela vem com tudo, você corre pra frente. Aí você vai correndo na frente assim, e vai catando, mas tem que ser bem rápido mesmo, se não for rápido você não consegue pegar nada, só pega o da sua frente. Aí você vai descendo com tudo. Eu não gostava de ficar atrás da máquina, cansa muito. Eu gostava mesmo era de ficar andando, eles desciam correndo. Aí, depois que eles desciam correndo, aí eu ia naquele trailler. Ih, eu achava muita coisa que eles deixavam. Aí eu não precisava ir tão rápido, senão você acaba se machucando. A máquina só não me pegou porque a Nilza e o seu Ari eram pessoas muito bacanas. Seu Ari era meio ceginho. Outro dia a máquina subiu, eu tava com a cabeça baixa, ele gritou: “Ohhh...”. Eu não ouvi, aí ele: “Piiiiii...”. Aí eu ouvi assim, olhei pra frente, era a máquina do mãozinha. A máquina do seu Ari ia me catar, ia me catar. Assim, ele tava aqui e a máquina do seu Ari subiu, e eu tava aqui, de cabeça baixa, e a máquina do seu Ari subindo, e aquele lixo todinho ia me tampá. Quase que seu Ari me cata junto com o lixo com aquela montanha de lixo, ia me joga lá embaixo. Aí o cara nisso buzinou assim, aí eu olhei, aí o Araniva: “Dá a mão!!!”. Aí eu dei um pulo assim pra cima dele.*

P: *Nossa!!!*

E: *Foi. Eu tremia e falava: “Ari, o senhor quase me matou. Ele: “Desculpa, desculpa, desculpa, eu não te vi”. Quase me matou nesse dia o Ari. Quando eu vi, não tinha saída, ou eu pulava na máquina do Araniva ou eu ia barranco abaixo. Aí eu segurei o saco e a tocha com essa mão (esquerda), e essa mão (direita) eu dei pro Araniva, assim, e pulei.*

Elisabeth descreve o seu trabalho no lixão, retrata perfeitamente os ganhos e as perdas deste trabalho, e os grandes perigos que esse trabalho provoca à saúde do catador. Mas que não é sentido como risco.

Os outros perigos como o trabalho com a tocha, a máquina, ela os refere como perigos, mas não mostra como sendo impeditivos de sua ação, não são estes perigos que imobilizam Elisabeth. Eles parecem não afetar tanto quanto se mostram prejudiciais à saúde. Isso talvez se dê devido àquilo que lhe é mais importante, mais necessário, que é sustentar sua família. De acordo com sua história de vida sua saúde nunca foi muito privilegiada, e provavelmente não se preocuparia com ela agora.

Um outro perigo para a saúde dos catadores e que, neste caso, Elisabeth, conta como sendo algo positivo, é a questão da comida que ela encontra no lixo e leva para sua casa com muita felicidade, principalmente, quando fala da pizza, que é uma forma de satisfazer o desejo de seus filhos, mas não analisa que a satisfação desse desejo pode provocar neles graves doenças e nem relata a ocorrência desta doença.

TRABALHO NA RUA

O trabalho na rua é diferente do trabalho no lixão. Na rua o catador geralmente cata com um carrinho ou corda no caso de José. O carrinho pode ser de carcaça de geladeira, madeira, ferro. Os próprios catadores montam o seu carrinho com o material coletado, ou coletam o material e trocam com o ferro-velho pela peça que precisam, ou senão compram as peças com o dinheiro do material vendido ao ferro-velho. Aqueles que ainda não conseguiram montar seus carrinhos, pegam o carrinho emprestado do ferro-velho, e em troca o catador tem que vender todo material que coleta para o ferro-velho que lhe emprestou o carrinho, muitas vezes eles acabam vendendo o material mais barato, e no fim pagam pelo empréstimo do carrinho, como se pagassem um aluguel.

Os catadores de rua contam ter sentido muitas necessidades, e sofreram muito como catador.

Quando eu entrei nesta vida, faltava arroz, faltava feijão, olha, foi uma vida de miséria mesmo. Então essa vida de catador é uma vida de miséria, por isso que eu concordo com o pessoal, é melhor você tomar um litro de álcool, aí você ameniza a fome, não tem outra solução.

A falta de comida é extremamente prejudicial à saúde, a substituição dela pelo álcool

acontece com muitos catadores, que sofrem por se tornarem alcoolistas. O álcool dá a impressão de compor com o nosso corpo e mente, momentaneamente, diminui o sofrimento da fome e da humilhação, quando na realidade, decompõe promovendo paixões tristes. No livro Quarto de despejo (1960), que é o diário de Carolina, uma favelada, ela mostra que a substituição do álcool pela comida, e do sofrimento por uma alegria ilusória é uma realidade na casa de muitos favelados.

Depois de algumas semanas puxando carrinho, Caio conta que:

O trabalho tava muito cansativo, a gente carregava o dia todinho com os carrinhos, chegava em casa os braços não agüentavam, as pernas não agüentavam, tava tudo quebrado. A gente não tinha preparação de puxar carrinho, então aquilo quebrou a gente totalmente.

Além da discriminação, o trabalho do catador que puxa carrinho é desgastante e problemático para a saúde do catador. O carrinho tanto vazio como lotado é muito pesado, deveria ser puxado por tração animal, mas quando não se tem o animal, o catador o substitui e faz a função do cavalo, do burro, da vaca, do boi.

Muitos catadores vivem nesta situação animalesca, e sofrem com as conseqüências físicas de puxar o carrinho. As dores nas costas e nas pernas são as mais freqüentes, “*tem dia que nem conseguia me mexer de tanta dor nas costas, as pernas travavam, os braços então...*” (Caio). Para facilitar o trabalho, deixá-lo menos desgastante e menos prejudicial à saúde, Caio conseguiu comprar um carro fiado, pois era conhecido como líder de bairro, e construiu socialmente seu crédito pessoal. Os catadores, geralmente, não têm opção, a não ser continuar catando com o carrinho, e alguns nem carrinho têm.

Vamos comprar um carro? Não tinha dinheiro. Mas tinha o incentivo. Então vamos comprar um carro, com o carro fica mais fácil pra gente trabalhar, a gente ia se matar menos, mas ia ter um pouco de gasto, né? Aí a gente não tinha dinheiro, aí a gente procuramos vários lugares pra comprar um carro abaixo de 500 reais, um carro velho, nem que andasse, né? Pra carregar material. Aí, conversando com o que hoje é o atual presidente da associação, aí ele se dispôs, ele falou: “Não, Caio pra você eu te vendo o carro, né? Eu te vendo esse carro por mil real, e você vê a forma como você pode pagar, se você pode pagar em mil, em cem vezes, vê quando você pode pagar e paga o carro pra mim, porque eu confio em você”. Aí eu falei: “tudo bem”.

Caio comprou o carro, mas estava sem motor, então precisava arrumar as outras peças para

fazê-lo andar. Ele conseguiu arrumá-lo e fazer uma gaiola, que engatou atrás do carro para poderem colocar o material coletado, já que dentro do carro não dava.

Com o carro, o trabalho ficou menos desgastante e menos prejudicial à saúde. Os catadores o estacionavam em um local e saíam para catar. Eles eram em três, quatro catadores. Faziam o que chamam de “arrastão” – iam na frente do caminhão de lixo, abrindo todos os sacos, pois como eram pretos não tinham como identificar qual teria material reciclável ou não, então abriam todos e iam separando aquilo que poderiam utilizar e colocavam num grande saco transparente. Quando os coletores de lixo passavam, já sabiam que aquele saco transparente era dos catadores, e não os recolhia. Os sacos transparentes eram deixados nas esquinas para facilitar o trabalho, porque depois de feito o arrastão nas ruas eles pegavam o carro e passavam nas esquinas para recolher o material separado. Em seguida a este trabalho, levavam para um terreno que conseguiram, para trabalhar na triagem deste material e por fim vendê-lo.

Um caminhão e um terreno com galpão são o mínimo que um grupo de catadores deve ter para trabalharem. Este grupo ainda estava trabalhando em condições desfavoráveis à saúde, pois o terreno era aberto, acidentado, sem segurança para armazenar o material coletado. O carro que improvisaram estava ajudando bastante, mas o gasto com o combustível estava sendo muito alto. Fizeram o possível para melhorar as condições de trabalho, mas ainda faltavam grandes investimentos.

José trabalhava sozinho na rua, e suas condições de trabalho também não eram muito adequadas à saúde. Começou catando o material com corda, depois com carrinho emprestado do dono do ferro-velho. O primeiro bico de José em Guarulhos foi quando seu irmão pediu para ele desmontar um carro e vender as peças. Esse foi seu primeiro contato com o ferro-velho: *“Eu cortei um carro pro meu irmão, vendi pro sucateiro o carro. E era um processo de estar entrando no negócio da reciclagem”*.

O dinheiro que conseguiu vendendo esse carro ajudou-o, mas não era o suficiente para conseguir correr atrás de seu desejo, então, percebendo que catar materiais recicláveis dava dinheiro, começou a catar latinha na rua. Essa atividade era concomitante à sua busca por gravar um CD, e também por emprego. Ele fazia ficha em agências de gravadora e de emprego.

A gente costuma dizer lá na Bahia. “Quem não tem tu é tu mesmo. Quem não tem cão caça com gato”. Quando você não tem o que fazer. É o caso de quem vira catador nos grandes centros. Você só vira catador quando você não acha mais o que fazer. Você bate em mil e quinhentas portas e todas se fecham, aí sim a alternativa do material jogado fora. Aparece lá o ferro-velho aberto como única

alternativa. Por isso que tem muitos e muitos lá. Já não acredita em si, e nem em ninguém. Não dá pra acredita nem em si, nem em ninguém.

Ainda não era um catador definitivo, mas já era alguma coisa. Eu saía na rua já pegava a latinha, amassava e ia juntando. Aí eu fazia aquilo. Gastava tudo com passagem, vinha aqui pra Guarulhos fazer ficha na agência de emprego também. Depois de dois meses que eu estava neste processo, e nada dava nada. Esperava chamada, também não vinha, fazia ficha, ficava a ficha, “depois a gente te chama”. Nem telefone tocava; largava telefone de recado pra ver se chamava, não chamava. Dois meses nesse processo. Aí eu peguei uma corda de verdade, comecei a amarrar papel, e fazia os fardinho de papel e vendia. Catando papel na rua, amarrando papel e fazendo fardos, aí eu produzia quinze, vinte, trinta quilo. Amarrando, empilhando, depois pegava os fardinhos nas costa, ia e vendia.

P: *Quanto você tirava por dia?*

J: *Era pouquinho. Tava o papel na época dez centavos, dava três real, três e cinqüenta. Aí, quando eu peguei o carrinho, começou a subir.*

P: *O carrinho você comprou?*

J: *Não, esse primeiro carrinho era do dono. Quando ele viu que eu estava constantemente vendendo papel ele ofereceu o carrinho dele. Ele tinha um carrinho lá, mas ele não dava, ele me emprestou, aí logo surgiu a questão do paternalismo.*

José começou catando latinha, depois papel, papelão, mas, como não tinha carrinho, catava da maneira que dava, amarrava os papelões, colocava nas costas e ia catando, até que o dono do ferro-velho, percebendo que José estava constantemente lhe vendendo material, ofereceu um carrinho emprestado. Ele aceitou, pois com o carrinho poderia catar mais e ganhar mais. Mas o problema do empréstimo era que o catador ficava atrelado a quem lhe emprestava, ou seja, todo o material que coletava só poderia ser vendido para o ferro-velho que lhe emprestara o carrinho, por isso José falou do paternalismo.

Romualdo e Dona Érica, assim como Caio, também tiveram experiência em trabalho grupal de catação na rua.

O vizinho, Tom, chamou Romualdo e Dona Érica para trabalhar com ele na reciclagem, ou seja, catar materiais recicláveis, triar e vendê-los. Logo no começo do trabalho, Tom conseguiu comprar um caminhão fiado. E eles saíam para catar. O motorista era o Romualdo.

Nós passava aqui no centro. Nós catava como o caminhão de lixo cata. Nós catava

em geral, lá o nosso caminhão tem uma gaiola alta. A gente de dia carregava o caminhão, a noite nós descarregava o caminhão, de manhã todo mundo saía, separava, plástico, vidro. Aí nós levava o alimento pra comê também, levava queijo, mortadela, presunto. Era doce, o que importava, entendeu? Desde quando estivesse fechado, vencida, o povo jogava fora. Vencia a validade, o povo jogava no lixo. Povo, povo entra na validade, né? Como no mercado, essas ofertas no mercado é tudo coisa que tá pra valer. Pra vencer. Por isso eles põem em promoção, que é pra saí fora. Essa coisa que tá vencida o povo rico joga fora, joga fora, joga no lixo. Aí a gente acha no lixo, achava no lixo aqueles pacotes de lingüiça Aurora, tinha passado a validade também, tinha saco fechado dele de cinco quilo. Era só lavá que ficava limpo, aí nós jogava na geladeira e pronto. Esse pacote de Yakult, Danome, nós achava caixa fechada. Cerveja, essas cerveja sem álcool também. Tudo, tudo você acha no lixo.

Romualdo aponta para os benefícios que o trabalho do lixo lhe trouxe, fala especialmente sobre os alimentos vencidos encontrados no lixo, e ainda tira um sarro daqueles que jogam os alimentos que já venceram como se fossem um capricho joga-los. Assim como Elisabeth fica feliz por levar comida pra casa, Romualdo também, e nenhum dos dois relata os prejuízos a saúde que esses alimentos provocam.

Nas falas acerca do trabalho de rua e do lixão, eles apontam diversos aspectos negativos que prejudicam, principalmente a saúde do catador como o perigo do lixão explodir, da máquina do lixão machucar alguém, dos problemas de coluna e nas pernas por ter que puxar carrinho, e outro como a ingestão de alimentos encontrados no lixo, que nós julgamos negativo, mas que eles apontam como positivos.

E quando perguntei para eles sobre a saúde deles. Eles falaram, de um modo geral, que os catadores são pessoas com muita saúde, pois para conseguir puxar o carrinho eles precisam ter saúde, ser forte, senão não conseguem.

Num segundo momento, continuei investigando sobre a saúde de cada um mais especificamente, e foi neste momento que a Elisabeth falou sobre sua queimadura no lixão, sobre alguns arranhões nas mãos e braços; Caio falou das dores nas pernas e costas; Romualdo falou também de arranhões; Dona Érica falou da falta de higiene; e José falou de problemas respiratórios, de gripes forte, pois trabalhava exposto a todas as variações climáticas.

Todos esses problemas também foram apontados por uma pesquisa desenvolvida com os catadores da Coopamare. Foi feita na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, orientada pelo Carneiro Jr. (2000), e teve como objetivo caracterizar e correlacionar os possíveis

agressores e problemas de saúde decorrentes do trabalho de um grupo de cooperados da Coopamare (Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis). Observou-se nesta pesquisa, realizada com onze catadores: oito deles já se machucaram com material perfuro-cortante; quatro se referiram ao problema do trânsito e um deles já foi atropelado; três se referiram ao problema de materiais biológicos; um se queixou da ergonomia do trabalho; um se queixou das variações climáticas. Os participantes desta pesquisa passaram por um exame médico, e levantaram-se algumas hipóteses diagnósticas com nexos ao trabalho: sete dos catadores estavam com problemas osteo-musculares; três com problemas cardiovasculares; e um com problema respiratório. Os catadores participantes da pesquisa têm acesso a equipamento de segurança, mas apenas três deles disseram usar o equipamento; quatro deles disseram nunca usar e três disseram que usam às vezes. Em suma, dos onze catadores seis já sofreram algum acidente de trabalho e cinco não.

Mas o interessante é que eles colocam esses problemas de saúde como se não fossem problemas, não acham isso importante. Além disso, nenhum deles falou que comer comida do lixão poderia ser prejudicial à saúde. Todos enfatizaram positivamente a comida encontrada. Mas sabemos que isso é extremamente prejudicial à saúde, como o exemplo apontado na introdução de crianças, que trabalhavam no lixão de Aguazinha, em Olinda – PE e foram hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido lixo.

A não preocupação com o risco à saúde, do corpo talvez seja consequência de uma história de vida de exclusão. A maioria dos catadores contou uma história de descuido, de discriminação, de maus-tratos por parte da família. Os corpos dos catadores ficaram marcados pela falta de cuidados, pela falta de paixões alegres, pela grande presença de situações de exclusão, discriminação e preconceitos, com isso, não são a gripe forte, as dores nas pernas e nos braços e a sujeira que importam, pois para eles isso tem cura, o que não tem cura é a fome, a falta de trabalho. Essa não preocupação também, deve-se ao fato, de que os prejuízos causados pela ingestão desses alimentos talvez seja menor do que a falta de alimentos.

O que pulsa mais é o significado que o trabalho no lixo adquiriu para eles. O trabalho no lixo marcou-os de paixões alegres, de ganhos financeiros e afetivos, sofreram bastante, mas foi um sofrimento pequeno perto do já vivido e perto da dignidade adquirida. O que pulsa mais diz respeito ao que Vygotsky (2001) chama de base afetivo-volitiva, ou seja, as relações, a consciência e as ações não são apenas cognitivas ou sociais, elas são também carregadas de afetividade simbólica.

Além disso, o que fica também é a lembrança de não conseguirem fazer nada, que é a

lembrança antes do trabalho de catação. Eles não querem voltar a ser o que eram, a sofrer o que sofreram. Não importa as conseqüências, estar trabalhando permite a eles esse sentimento de dignidade de potência, parece que essa é a grande necessidade, e isso acaba justificando qualquer problema. São hierarquias de necessidades, e a grande necessidade construída socialmente é o trabalho.

O que afetou os catadores de maneira significativa, diminuindo em alguns momentos a potência de ação do corpo e da mente foram os maus encontros com indivíduos que discriminavam, excluíam, eram preconceituosos e agressivos com eles. Esses momentos os deixaram muito tristes. Os catadores também foram afetados pelos problemas físicos que o lixo pode causar a saúde, mas parece que somente a primeira afecção foi que marcou o corpo e a alma com idéias tristes e padecedoras.

Para Espinosa (1973a), saúde é potência de ação no intuito de preservar o próprio ser. Doença é potência de padecer, é a imobilização para qualquer ação. Nesta perspectiva, pode-se falar que a atividade de catação aumenta, favorece à saúde.

Saúde, para Sawaia “deixa de ser não doença ou estado de pleno bem-estar para tornar-se possibilidade objetiva e subjetiva de estar sempre buscando este estado, e o direito à saúde se revela como o direito de ter essa possibilidade” (1994, p. 110). E para os catadores podemos perceber que o bem-estar se encontra no trabalho, mesmo que este possa lhe trazer graves prejuízos à saúde física.

Para compreender tal paradoxo, é preciso, como afirma Sawaia, “compreender os motivos e emoções que medeiam tais conhecimentos e práticas desvelando a base afetiva-volitiva do agir e pensar” (1994, p. 109). Ou, então, compreender no decorrer da história de vida contada pelos catadores o que pulsa mais, o que grita mais para eles, que neste caso é o trabalho, o que retrata bem a inclusão perversa a que estão submetidos.

SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO: PRECONCEITO, VERGONHA E EXPLORAÇÃO

A relação do catador com o ferro-velho é uma relação de *exploração*, pois o ferro-velho compra o material por um preço e revende o material para a empresa num preço bem acima do que paga para o catador. Mas o catador acaba se submetendo ao ferro-velho, porque não conseguia juntar grandes quantidades de material e vender para a empresa, conseguia juntar todo dia pequenas quantidades, isso tudo porque o catador precisa do dinheiro imediato para poder comer e alimentar sua família, não conseguindo deixar de vender mais de um dia, se não vende

não come.

Então, o catador às vezes até tem consciência de que está sendo submetido a exploração do ferro-velho, mas não consegue sair desta relação, pois depende dela para sobreviver. No caso de José, ele tinha consciência da relação de *exploração* do ferro-velho, mas dependia dela, e sabia também que sua relação era mais submissa ainda, pois com o empréstimo do carrinho, ficou atrelado e sem opção de escolha acerca do lugar que gostaria de vender.

Além de emprestar o carrinho, o ferro-velho começou a lhe adiantar dinheiro quinzenalmente, e José ia descontando com o material que catava. Essa relação era de exploração explícita. O ferro-velho lhe adiantava 100 reais, José tinha que catar uma quantidade de material em quinze dias para cobrir os 100 reais adiantados, senão ficaria em débito ou teria que pagá-lo de alguma outra forma. O ferro-velho pressionava José a cobrir o tanto que pegou adiantado, e este trabalhava, talvez mais que seu limite para conseguir catar o material que tinha que catar para pagar o que poderíamos chamar de “dívida”.

José também conta que o trabalho lhe provocou alguns problemas de saúde como fortes gripes, dores nas pernas, costas, ele chegou até ter pneumonia. Ele trabalhava sob sol, chuva, no frio, essas alterações climáticas foram prejudiciais à sua saúde.

Depois de um ano o material baixou de preço, e a relação com o ferro-velho modificou, pois a mesma quantidade que José catava não dava para cobrir o dinheiro que pegava adiantado.

Mas mesmo com toda exploração José falou que o ano que trabalhou pegando dinheiro adiantado, catando e pagando, foi um ano muito bom, pois pegava o dinheiro e ia comprar comida. Ele comia e trabalhava e não, trabalhava e comia como a maioria dos catadores: *“Ali mais ou menos eu pegava 100 levava quinze dias pra pagar. Mas já ia no mercado com aqueles 100 pra comprar as coisas de casa, foi um ano até bom”*.

Essa forma de trabalho se acabou, mas José continuou catando.

Um sentimento que todos os catadores relataram e que para Romualdo foi por um momento imobilizador, é a *vergonha*. *Vergonha* de tornar-se catador, ou tornar-se um significado construído negativamente e compartilhado socialmente.

Segundo Heller (1985), *vergonha* é a interiorização do olhar do outro e é também da culpa. O olhar do outro sobre mim controlando meu comportamento é vergonha. Culpa é quando não precisa do olhar do outro, eu mesmo já faço o papel de censura. Espinosa traz uma importante reflexão pra se entender melhor o papel deste sentimento tão verbalizado por eles na qualidade

cidadã da vida, emancipadora das outras pessoas.

A vergonha é o medo do pudor. Ela impede a pessoa de executar a ação que imagina ser censurada. “Pudor é a tristeza acompanhada da idéia de alguma ação nossa que imaginamos que os outros censuram” (Espinosa, 1973, *Ética III*, proposição 31, p. 226). No pudor nos sentimos tristes por executar uma ação que imaginamos ser censurada pelos outros.

Essa imagem da censura é construída com base nos significados ideológicos de que catador é ladrão, é mendigo, é malandro, é vagabundo, é incapaz, e as pessoas se relacionam com ele com base nestes estereótipos.

Essa vergonha favorece a submissão. Vitale analisou em seu trabalho a vergonha por meio das relações de três gerações, ela percebeu várias características deste sentimento, e uma delas era o favorecimento da submissão. “O sentimento da vergonha coloca-nos em conformidade com nosso ambiente cultural, com nossos costumes, normas e regras, com os processos sociais em que estamos inseridos, regulando nossa ação e nosso comportamento” (1994, p. 22)

Quando Caio fala sobre a diferença no trabalho de catação na rua e na triagem, enfoca o sentimento de vergonha. Ele fala que muitos catadores não gostam de trabalhar na rua, e então ficam na triagem, estes são geralmente aqueles que sentem vergonha de sair na rua para catar.

O catador da triagem ele não tem tanto benefício. É assim, você tá passando numa casa, tem uma TV que queimou o fuzil, a pessoa te dá a TV, eu mesmo ganhei uma máquina lá que tinha um probleminha lá, que a mulher tava esperando o técnico lá, o técnico estava demorando, a moça cansou, ela ia comprar uma outra nova, ela me deu a dela, entendeu. Aí eu fui lá, mandei arrumar, o cara arrumou a máquina por 25 real, a máquina lavava, centrifugava, né? Pra mim foi ótimo. Ferro de passa, a gente conseguia bastante ferro de passar, que era um probleminha besta a gente arrumava vendi apor 5 real, mas na triagem você não consegue isso. Mas tem catador que não aceita ir na rua catar, pela discriminação ele não aceita, ele considera que vai ser discriminado então ele não vai pra rua, ele só fica na triagem, onde ninguém vê ele, só o grupo vê ele, entendeu.

Diferentemente de Caio, Elisabeth coloca seu ponto de vista sobre o trabalho na rua, e explica porque acredita ser desvantajoso este trabalho na rua e mais vantajoso o trabalho no lixão.

A diferença da rua é que você trabalha muito, entendeu? Trabalha muito você anda muito atrás do material, tipo assim, que nem no lixão que você anda, meio metro você pode achar uma latinha, 10 cm, outra no seu pé, entendeu. É cansativo é, é,

muito cansativo, mas ali na rua, é uma coisa discriminadora, acabei de falar pra você, né, que nem você bate na casa de alguém, eles acham que você vai fazer alguma coisa de mau pra eles, entende? Se você vai virar um lixo todo mundo fica te olhando, então é isso, mas o trabalho é o mesmo. Que nem eu já falei melhor pra mim é o lixão, a rua pra mim não é muito boa não. Uma porque judia também do bicho, né, uma porque eu já trabalhei na rua, mas trabalhei de cavalo eu não trabalhei de carrinho puxando, e judia da gente também, bastante. Tanto espiritualmente quanto fisicamente

P: Mais do que no lixão. Você foi discriminada?

E: Sim, porque às vezes você tem vontade de parar o que tá fazendo e meter uma bala na cabeça de alguém.

P: Conta um episódio que você passou, que você queria meter a bala na cabeça de alguém.

E: Foi assim, a gente tava indo, né? Ai eu atravessei, pulei da carroça fui pegar o saco de latinha que eu vi, né? Ai eu não tinha visto que tinha gente na casa, né? A lixeira pra lado de fora. Ai ele catou e olhou assim, ai eu olhei assim e falei: “posso pegar”. Eles falaram: “pode pegar, mas faz favor vê não bagunça o meu lixo aí tá”. E foi com ar superior, entendeu, tipo assim sua maloqueira, como se eu tivesse bagunçando, e aquilo assim ele tava encostado na grade ele foi pra trás e ele tava comendo assim e fizeram assim, entendeu (esnobaram). Estavam ouvindo e tomando cerveja, aí aquilo ali me deu vontade de dar um tiro na cabeça daquele cara. Fala filha da puta, isso que você tá fazendo aí é uma sujeira e eu to limpando a sua sujeira. Aquilo um ficou olhando pra cara do outro, deu vontade de meter uma bala na cara dele assim. Ai é isso que eu penso quando alguém me magoa assim, quando alguém olha assim, quer vê o dia que eu fiquei com muita raiva, até voltei lá pra zombar. Foi uma vez que eu peguei passei de carroça lá. A carroça lotada, cheia assim, aí eu desci para perguntar o preço, o cara não deu atenção pra mim. Fui ver um mogno numa loja. O cara não deu atenção pra mim, eu to falando com ele e ele nem tchum pra mim. Ai aquilo assim eu olhei pra cara dele e ele falou é tanto. Ai eu falei brigado. Ele catou virou as costas pra mim, nem disse nada. Eu catei a carroça e fui embora. Ai fui ver uma máquina de lavar, aí eu catei fui bem arrumadinha, nossa senhora até cafezinho eu fui servida, pela mesma pessoa, aí ele falou é tanto, “É mais ontem você disse pra mim que foi tanto. “Que horas? Você falou com quem?” “Eu falei com você mesmo, lembra de mim assim, assado que eu tava suja, que eu tinha pulado de uma carroça, sou eu”. “Ah!!!!” “É, esse é meu

serviço, é meu trampo”. “Ah, desculpa então”. “É aprende a dar valor um pouquinho mais nas pessoas, são essas pessoas que são mais trabalhadeira, não se enganem pela roupa não, o hábito não faz o monge” falei pra ele “o hábito não faz o monge”. Aí hoje eu passo lá ele brinca comigo e tudo.

Elisabeth fala da diferença do trabalho de catadora no lixão e na rua e diz preferir o trabalho no lixão por ser menos cansativo, na verdade ela prefere o lixão por não ficar tão exposta ao olhar discriminador do outro. Este olhar lhe causava muito sofrimento, muita raiva, pois não se achava inferior, mas os outros lhe olhavam como inferior, não se achava um nada, mas os outros lhe olhavam como um nada, não se achava uma mendiga, nem ladra, mas os outros sem te conhecer te chamavam de mendiga e ladra. Esse preconceito todo lhe deixava muito revoltada, contribuindo para o significado negativo do trabalho na rua. No lixão ela dizia não existir o olhar discriminador do outro.

Ela não fala explicitamente sobre a vergonha, mas parece concordar com Caio no sentido que os catadores que trabalham na triagem e no lixão não gostam de catar na rua pelo mesmo motivo, de evitar a discriminação. Mas ela superou a vergonha, pois foi trabalhar na rua.

O preconceito e a discriminação da sociedade para com os catadores são explícitos na fala de Elisabeth, mas também basta começarmos a reparar nas ruas como as pessoas reagem diante do catador, ou xingam por estarem atrapalhando o trânsito, ou atravessam a rua para não passar perto, entre outros exemplos apontados por Elisabeth e por outros catadores.

Caio falou dos benefícios do trabalho na rua, mas também concorda com os outros catadores que há muita discriminação, muito preconceito da sociedade para com o catador. E também afirma que muitos catadores sentem vergonha em catar, tanto que muitos preferem trabalhar na triagem do que na catação da rua para não serem vistos.

O trabalho de catador é discriminado, viu? Assim, porque eu tinha bastante conhecimento como líder, né? Então quando você vê o pessoal que te conhece, eles ficam surpresos assim sabe. Sai parecendo que você é pior do que um mendigo. Então tinha um pessoal que balançava a cabeça, virava a cara, então aquilo corta o coração mesmo.

P: *como você se sentiu frente a isso?*

C: *senti discriminado, senti abaixo mesmo, entendeu? Se não tiver coragem e peito pra encarar, você não vai muito longe não, porque você vê as pessoas que você*

conhece assim, as pessoas viram a cara pra você, é discriminado, né? É a maior discriminação. Eu fui líder de igreja também, na igreja da Santa Paula mesmo, eu fui, eu era assessor do padre, era o braço direito do padre, então nessa Santa Paula a maioria já me conhecia pela igreja, né? Então quando o pessoal me vê assim, fala “Olha o Caio catando!!!!” Aí o outro perguntava “Caio o que tá acontecendo que você tá catando lixo na rua?” Aí eu falava que ia montar uma cooperativa, assim, assim... “Ah tá então passa lá em casa que vou juntar pra você”. Mas tinha outros que tinham outro pensamento, que passava assim, e virava a cara, passava do outro lado da rua, parecia que nós era um mendigo. Eu senti humilhado, lá embaixo mesmo, bem rebaixado mesmo, acho que o mais rebaixado de todos. Você via que as pessoas te conhecia, e mudar de lado na rua, aquilo cortou mesmo...foi um choque pra mim.

Caio explicita que tornar-se catador é suportar o peso do olhar do outro, principalmente, do outro conhecido, da rejeição, discriminação daquele que te conhecia e que passa a fingir que não te conhece mais pelo fato de ter passado a trabalhar em algo considerado não como trabalho, mas sim como mendicância

Analisando a situação, ele fala que é preciso ter coragem, pois coragem diz respeito a superação do medo da rejeição e discriminação do outro. Caio sentiu pudor, uma tristeza pela rejeição do outro, mas essa tristeza não o impediu de agir, e a essa ação mesmo sentindo-se triste Caio chama de coragem, assim, agiu em direção àquilo que sonhava. Ele fala claramente que não sentiu vergonha sentiu-se discriminado e rejeitado, sentiu pudor e um sentimento mais forte, que ele chama de coragem, fez com que superasse o triste sentimento.

Eu não levo pelo lado da vergonha, acho que a necessidade a gente não pode ter vergonha, acho assim levo pela discriminação, né? Acho que pelo que a sociedade discrimina, né? A exclusão social, né? Eu acho que a pessoa não pode ter vergonha de conseguir seus objetivos. Vergonha é roubar. Igual minha mãe fala, “roubar e não poder carregar”.

Vergonha para Caio é infringir alguma regra social, e não acredita que a ação feita com o objetivo de sobreviver, de ir em busca de seus desejos seja uma ação que provoque vergonha. Mas ainda assim Caio fala de alguns catadores que sentem vergonha ao catar.

Mas existem sim pessoas que têm vergonha. Pessoas que vão catar de cabeça baixa, né? Vai catar aonde que ninguém conhece, porque ela tem vergonha daquelas pessoas conhecer elas, né e ficar criticando ela, de ficar tendo dó dela pensando

que é mendigo, né? Então tem pessoas que vão catar em outro bairro que ninguém fica sabendo que ele é catador, pra ele nunca ser discriminado. Tem, tem pessoas que tem vergonha de trabalhar no bairro dele, tem uns moleque que me chamaram pra trabalhar lá no Jaçanã, não o meu negócio é no Ponte Alta. E eles falando: “Vamos pra lá que lá é melhor, lá tem mais coisa, lá ninguém vai ficar sabendo”. A dona Rosa também tem vergonha de ir pra rua, ela fica na triagem. Se ela for e superar a vergonha ela vai ser discriminada, então são duas etapas pra ela. Ela tem vergonha de ver aquelas pessoas que ela conhece.

P: podemos dizer que é como se a vergonha fosse um sentimento que incapacitasse a pessoa de fazer algo?

C: muitas pessoas são, mas acabam superando. Eu não tenho vergonha não. Se tivesse vergonha, eu tinha parado mesmo, tinha voltado pro mercado de trabalho.

Caio concordou que vergonha é um sentimento que incapacita a pessoa de agir, mas que ele não teve ou tem vergonha, e pra confirmar ainda fala que se tivesse sentido vergonha não teria continuado a catar material reciclável. Uma informação importante sobre o trabalho aparece aqui demonstrando que a catação para ele foi a escolha de um caminho para conseguir realizar seu desejo de montar a cooperativa, mas não que precisasse sobreviver da catação, e mais, que ele acredita poder voltar a qualquer hora ao mercado de trabalho.

Romualdo foi um dos catadores, que viveu um período imobilizado pela vergonha, mas conseguiu supera-la.

Romualdo sempre sonhou em ser caminhoneiro, teve seu sonho realizado durante alguns anos até ser preso. Depois não conseguiu trabalhar como caminhoneiro pelas empresas que trabalhava. Sem emprego, sem documentos, sem mais ideal de vida, com a frustração de não conseguir mais continuar sendo caminhoneiro, tudo isso culminou para Romualdo beber muito.

Quando Tom o chamou para trabalhar, Romualdo não aceitou trabalhar com o lixo.

O Tom falou: “Vamos trabalhar mais eu”. Aí eu falei: “Ah não mexer com isso eu não vou não”. “Vamos é assim, assim”. Eu digo: “Não vou não”. Aí ele foi lá em casa, quando ele chegou lá colocou aquela conversa na cabeça da Dona Érica, e ela: “Não Romualdo vai que é bom”. Aí eu fui, comecei e a Érica foi também.

Romualdo não queria trabalhar com o lixo. O significado que ele havia construído acerca do catador, era o significado ideológico que a sociedade tinha atribuído ao catador. Tornar-se

catador era tornar-se um mendigo, era assumir a incapacidade de não ter conseguido ser bem sucedido na vida, era ser confundido com ladrão, era mostrar um ser humano sujo, imundo. Além de que tornar-se catador, parecia acabar de vez com o seu desejo de voltar a ser caminhoneiro. Mas Romualdo não tinha escolha, ele teria que trabalhar em alguma coisa para conseguir sobreviver, para voltar a ter condições de comer, de morar e de sustentar a família de Érica que adotou como sua.

Como ele não queria aceitar trabalhar com o lixo foi muito difícil ser motorista de um caminhão de lixo, pois sentia vergonha dos antigos colegas motoristas, conta que quando passava com o caminhão cheio de lixo, ou quando ia pegar o lixo da empresa em que seus colegas trabalhavam era muito difícil mostrar para estes que estava trabalhando com lixo.

P: *como que foi pra você trabalhar com o lixo.*

R: *eu saía eu vinha com o caminhão carregado de lixo, mesmo com o material reciclado, que já ia vender, entregar. Essas empresas de Guarulhos aqui, aí a Tupã e a transguarulhense, eu trabalhei 4 anos na Guarulhos de motorista. Aí eu ia com o caminhão carregado, colocava o boné (escondendo o rosto), descia pelo lado aí virava, passava com vergonha dos caras, com vergonha deles vê eu buscando e eles doando o lixo. O caminhão de lixo pra mim. Eu não queria que eles vissem. É porque não tinha jeito, hoje eu vinha, amanhã eu vinha de novo, encontrava um colega, um camarada me escondia dele, depois fui acabando essa cisma, aí depois eu parava o caminhão do lixo no meio deles assim, tal.*

P: *mas foi difícil, então?*

R: *foi, foi difícil, porque pra mim era vergonha, mexe com o lixo. Não queria que meus colegas soubessem que eu tava mexendo com o lixo. Até que foi e acabou. É fui mais forte. Hoje não tenho nada disso, hoje se precisava puxar carrinho eu puxo.*

P: *o que é o catador pra você? O que vem na sua mente quando falo de catador?*

R: *hoje ele é um trabalhador como outro qualquer. Hoje foi oficializada a profissão. O catador como outra profissão qualquer.*

P: *mas e antes como que era, você não achava que ele era trabalhador?*

R: *acho, acho que era. Mas por os outros não achar, era disso que eu tinha vergonha, entendeu? Por que vamos supor, oh ele tá catando lixo, é lixeiro. Ah nós não passava com o caminhão e o povo tirava barato!!!! Os outros desfazer da gente eu não queria que os outros me tirasse como fala na linguagem. Eu não queria ser tirado como catador.*

Romualdo tinha medo da discriminação, tinha vergonha, por isso não queria trabalhar na catação, e relutou em trabalhar com o lixo. Mas a necessidade fez com que ele enfrentasse a vergonha e assumisse seu trabalho. Ele tentava se esconder dos seus colegas, mas mesmo com a cabeça baixa agia, fazia, trabalhava. E com o tempo Romualdo foi construindo seu próprio significado acerca do seu novo trabalho, pois ele mesmo se recriminava em trabalhar com o lixo. E a partir do momento que foi reconstruindo o significado do lixo, foi se reconstruindo também, estava assumindo uma nova identidade. O momento que ele conta que parou o caminhão de lixo para conversar com seus colegas, é um momento em que ele realmente mostra que assumiu sua identidade de catador, deixou de se esconder para mostrar em público quem era o novo Romualdo. Não era mais o motorista das grandes empresas, mas era o motorista que estava trabalhando com o lixo. No fundo ele não deixou de ser motorista.

Dona Érica também fala sobre vergonha. No entanto vamos perceber que de acordo com a explicação de Espinosa, ela não sentiu vergonha, mas sim pudor, pois o sentimento de tristeza pela censura não a impediu de catar papel. “*Essa vergonha é horrível, é muita humilhação*”. Ela relata seus sentimentos como os sente, os nomeia diferentemente, mas estabelece equivalência entre eles. O que igualiza estes sentimentos que tem nomes diferentes é o fato de serem derivados da tristeza, sofrimento provocado pelo olhar do outro. Sentimentos da linha da censura e não do medo.

A medida que Dona Érica se dedica a essa atividade, Dona Érica vai deixando de sentir até o pudor e questionando os significados imaginados socialmente¹⁶. Embora continue a sofrer humilhação, por parte de algumas pessoas, conforme mostra o trecho abaixo. A humilhação e o pudor são destruído com um outro sentimento mais poderoso que é a alegria de sentir-se potente e mostrar-se potente.

Você tá mexendo no lixo, passa gente desconhecida você já tá com vergonha, né? Imagina uma pessoa conhecida, olha pra você assim, nem chega perto de você, vai pra longe de você, fica rindo da sua cara, quando você passa na rua um cochicha pro outro e você sabe que é de você, e é porque você tá mexendo no lixo. Mas fazem tudo isso, entendeu, passando a mesma necessidade que eu to passando, porque eu

¹⁶ Estes significados são as supertições para Espinosa.

fui pro lixo por necessidade e pegava as coisas aí com precisão mesmo, porque eu não ia morrer eu tinha que sobreviver, não é verdade, e quando eu chegava em casa, eu lavava o que tinha que lavar, o que tinha que esquentar eu esquentava, e tinha de guardar no armário eu guardava e o que tinha que guardar na geladeira eu guardava. Aquelas mesma pessoa que tirava o barato de mim, chegava em mim e falava: “Dona Érica, tem 3 dias que eu não tenho que comer dentro da minha casa”. E eu olhava pra ela assim, e sabia que ela riu de mim lá. Aí eu chegava nela e falava assim: “Olha minha geladeira, tudo eu tenho, só que é do lixo, você quer?” E a necessidade dela fazia aceitar, né? Ela não foi no lixo catar, mas ela encontrou lavadinho do lixo na minha geladeira, e eu dividi pra ela comer, e a lágrima dela caindo, pedindo perdão a mim, por causa que ela fez pra mim. Eu falei: “A única diferença é que eu enfrentei a vergonha e fui lá, e você veio escondida busca aqui na minha casa, que falta em nós é nós se juntar e fazer o mesmo, para que nós tenha dentro da nossa casa”. E foi assim que eu conquistei muitos pra trabalhar em cima do lixo, gente até melhor do que eu de vida, sabia? Só que elas preferia assim, que eu e o Romualdo fosse pra rua buscar, pra levar no terreno e ela fechadinha separava pro povo não ver e não saber o que ela fazia. Ela tinha vergonha, com certeza.

José trabalhou na rua e sofreu preconceito e discriminações muito graves. Encontros discriminatórios, preconceituosos são padecedores. A ação contra o outro geralmente é guiada por cadeias imaginárias construídas pelo discriminador para com o catador, essas cadeias são surreais, não condizem com as imagens da realidade do catador.

Então como catador é aquele caso. Você vai, catando, vai catando, é totalmente discriminado.

P: como assim, conta um pouco dessa discriminação.

J: a discriminação é a suspeita de todos, suspeitam que você é um bandido. Você vai catando. Depois que você toma um certo conhecimento, muda um pouquinho. Por exemplo, um primeiro acontecimento que aconteceu comigo foi eu ficar detido, das nove da manhã até as três da tarde na 7ª DP, por um inconveniente, problema de compreensão. Uma senhora.

P: logo que você começou a catar?

J: logo que comecei a catar, ainda com corda. Aí a mulher da escola, não sei se é

secretaria ou diretora, não dá explicar quem era falou: “Você vem cá que eu vou lhe dá uns papel que tá sobrando, você vem amanhã as 10 horas”. Eu disse: “Venho sim senhora”. Vim cheguei às 10 horas, ninguém na porta. Fiquei lá olhando o portão, e não tinha ninguém, não tinha guarda na porta, ninguém, fiquei. Aí lá vem uma senhora mãe de aluno, essa mãe cismou com a minha cara. Aí começou a coisa. “O que você tá fazendo aqui”. “Eu to esperando a senhora que ficou de me dar uns papéis”. “Não, mas não pode ficar em porta de escola aqui”. Aí começou a discussão. “Cadê seus documentos” Eu disse: “Meus documentos tá em casa”. “Se não tem documento é bandido”. Começou a discussão. Aí tinha acontecido um inconveniente na época, é bem engraçado. Um vândalo tinha pegado um garoto e tinha introduzido uma caneta via anal.

José foi discriminado por não estar bem vestido, por ter uma cor de pele morena escura, por andar com uma corda para catar papelão, por estar com uma calça arregaçada, por estar em frente a escola esperando a mulher que lhe prometeu o material? Tudo isso culminou para a discriminação que José sofreu, mas nada disso justifica a atitude padecedora da mulher, que fez José ir para a delegacia, ser detido por algumas horas por ser suspeito de pedofilia.

Na delegacia a mulher até deu queixa de José, e por isso, tiveram que chamar o menino agredido para reconhecer a vítima do crime. Depois de comprovado que José não era a agressor, foi liberado.

José nos conta outro momento preconceituoso.

Daí surgiu outras, uma conduziu a outras. Nesse período eu catava meia noite, a noite eu saía com o carrinho, porque quando os outros saíam de cena eu decidi entrar em cena depois dos outros porque eu achava mais coisas depois dos outros, saía em cena depois e achava coisas bastante. Aí no supermercado Lopes no jardim São João colocava muito papel pra fora, e colocava sempre depois do expediente.

P: e os catadores já tinham passado.

J: já tinha parado. Aí eu me arriscava ir, e aí levava um carrinho. Eu vou lá buscar esse papel, tudo papel de frango. Aí eu amassava tudo, enchia o carrinho, que aquilo lotava até a tampa.

Aí a gente foi tendo uma vivência na rua, tanto com concordância quanto sem concordância.

P: *qual a diferença?*

J: a concordância é aquela que a pessoa ajuda, pessoa apóia, a discordância é aquela que a pessoa não me reconhece e me discrimina. Um dos exemplos foi desse do Lopes, indo trabalhar a noite, fui um dia e não tive sorte. Não tinha papel nenhum lá. Aí tem a loja Macedo do lado, um monte de papel alumínio, de bicicleta, fogão, é um comércio misto, mas mais de atividade doméstica. Aí tinha um com uns papéis lá de fora, só aquele pouquinho de papel, saco de lixo já aberto e cheio de bicho, aqueles bichinho de moscas, tava em monte. Aí eu fui apanhar, quando eu fui apanhar o material, um rapaz me chutou por trás. Não reconheceu a minha pessoa e chutou por trás. E foi quando ele chutou, se não me equilibrasse eu tinha enfiado a cara dentro do saco cheio de bicho, eu botei as duas mãos no chão, soltei o papelão botei as duas mãos no chão pra não cair. Aí levantei, não achei um espírito de coragem instantâneo, marchei em direção a ele pra dizer umas coisas pra ele. Eu digo “Olha eu não sou o que você está pensando”. Eu tinha dentro de mim aquelas coisas de artista profissional, só tava ali porque eu tinha uma necessidade real. Sobrevivência. Eu marchei em direção a ele. Aí ele correu.

P: *como você se sentiu?*

J: Eu me senti uma coisa, digamos um vagabundo, na questão mais clara, você não é um vagabundo, você é trabalhador e alguém lhe reconhece como vagabundo, como quem não tem valor, como quem não vale pra nada, não presta pra nada. Eu marchei em direção pra dar uma explicação pra ele. Ele correu. Não quis aceitar, porque pensou que eu tivesse armado e fosse cobrar vingança. Aí há um paradoxo entre as duas coisas, eu queria dar uma resposta e ele achou que eu queria cobrar vingança. Aí não houve comunicação. Esse termina mais ou menos aí, que é a discriminação. Mas tem vários tipos e outros, e outros, e outros, que não são inumerados. Quando você é discriminado não tem como inumerar. No momento que você é discriminado, você é não aceito. Pode ser quebrado, é uma quebra de paradigma, mas no momento não é posto em prática. É só pra se ter uma análise real da vida fora.

No momento da discriminação tanto a mulher quanto o rapaz agiram contra a potência de ação de José, contra suas paixões alegres. E os dois confundem o catador com um agressor e um mendigo, julgando José por aquilo que ele não é. Essa é a grande preocupação dos catadores, comprovar sua identidade de cidadão honesto pela ação, pois pelo documento não conseguem comprovar.

José pode perceber pela experiência que demonstrar que não é mendigo, não é ladrão, não é incapaz, não é fácil. Ele é discriminado por acharem que ele é tudo isso, menos um trabalhador que foi excluído do mercado de trabalho não pela incapacidade, mas pela diminuição do crescimento econômico, que fez aumentar o desemprego.

Discriminação é discernir, discriminar, apartar, separar, cindir grupos por características comuns (Aurélio, 1995), mas o problema é que estas características podem ser o motivo da estigmatização, como acontece no grupo de catadores.

Humildade é a tristeza nascida do fato de o homem contemplar a sua impotência ou a sua fraqueza (Espinosa, 1973b, *Ética III*, proposição 26, p. 224). Diante desta explicação de Espinosa, entendo que humilhação é a ação ressaltando a impotência e a fraqueza de uma pessoa que se mostra numa posição humilde, como um catador puxando carrinho de lixo, mexendo com o lixo, vestindo com roupas rasgadas e sujas. Essa ação promove um sentimento de tristeza no humilhado, diminuindo sua potência de ação e aumento sua potência de padecimento.

Felizmente, estas experiências não foram suficientes para gerar padecimento em José. No momento do gesto agressivo ele ficou paralisado sem falar nada, mas sentindo muita raiva, apesar de querer dizer que ele não era aquilo que o outro imaginava.

Eu queria dar resposta pra fulano, porque eu não consegui? Porque que ele correu? Quem me agrediu? Correu? Porque que eu tenho necessidade de ajuda das pessoas, e as pessoas negam essa ajuda? Tô com fome e ninguém me oferece alimento, porque não vai com a minha cara? Me estranha? São várias coisas que convergem uma com a outra. Agora tem a outra questão. O chamado dar a volta por cima. Quando a gente tenta fazer alguma coisa nos primeiros momentos não tem resultado nenhum. O único resultado até hoje, o fato de deixar de catar o papel diretamente, inverter essa possibilidade, ser considerado formador, um outro paradigma que foi quebrado debaixo para cima.

No caso de Dona Érica, ser catadora não fazia só ela própria sofrer, mas a sua família também.

Meu menino mesmo, ele arrumava briga dentro de casa porque, 16, 17 anos ta no auge da vida, um negrinho até bonitinho.

P: o Saulo?

S: *é, e queria arrumar namorada, e de repente a namorada dele sabe que a mãe dele é lixeira e que ele é lixeiro também, entendeu. Larga dele por causa disso. E na escola, e aqueles coleguinha lá. “Ah, sua mãe catou isso do lixo?”. Imagina a cabeça daqueles dois pequeninhos (Gêmeos), né? O Saulo desistiu de estudar, a Jussara desistiu por dois anos. O povo discriminavam eles, a própria professora, a própria diretoria, o próprio aluno, discriminava eles, ninguém chegava assim e dizia assim. “Olha ta aqui pra você”. Eles tiram um barato, se afastam porque é lixo. Se acontece alguma coisa, foi ela trobadinha, ladrão.*

Os filhos de Érica sofreram por ter sua mãe trabalhando na catação. O principal local de socialização da criança, a escola, passou a ser o principal local de discriminação. Na escola eles eram julgados, sofriam preconceito, eram discriminados, e esse acaba sendo um dos motivos segundo ela, pelo qual Jussara e Saulo deixaram de estudar. Eles criaram aversão a escola. *“Aversão é a tristeza acompanhada da idéia de uma coisa que, por acidente, é causa de tristeza”.* (Espinosa, 1973b, *Ética III*, proposição 9, p. 221)

Podemos perceber o aspecto em que o trabalho de catador é padecedor. O sofrimento sentido por Dona Érica e sua família desgastam a própria relação familiar, os filhos que querem uma vida melhor, o outro filho que não consegue arrumar namorada por causa do seu trabalho, a filha que sai da escola devido a discriminação.

Até agora o trabalho apareceu mais como fonte de sofrimento, tristeza, discriminação, preconceito, prejuízo à saúde, todos os aspectos negativos foram apontados por eles.

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (Sawaia, 1995b, p. 105)

Os catadores mostraram dois grandes blocos de emoções tristes: um derivado do medo da esperança; e o outro é derivado do medo da censura, que é humilhação, vergonha, pudor, culpa, e tudo isso sedimenta e concretiza o preconceito.

Mas o medo da esperança é menor do que o medo de não trabalhar, não criar e não expandir. Além de também ser menor que a lembrança de situações muito padecedoras.

Esperança para Espinosa (1973b) é “uma alegria instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida”. (Ética *III*, proposição 12, p. 222) Espinosa ainda afirma que não há esperança sem medo. E este medo se refere àquilo que esperamos que aconteça, mas que pode vir a não acontecer. O grupo espera receber ajuda do poder público para viabilizar condições de trabalho para os catadores, Dona Érica foi em busca desta ajuda, mas a ajuda é demorada. E este tempo de espera pelo ajuda é dramático, pois o grupo não sabe se vai conseguir a estrutura de trabalho, tem esperança de receber a ajuda, mas ao mesmo tempo tem medo de não conseguirem, e é aí onde se instala o sofrimento, o medo. “Medo é uma tristeza instável nascida da idéia de uma coisa futura ou passada, do resultado da qual duvidamos numa certa medida”.

A principal esperança dos catadores é de que melhorarão de vida. Eles esperam conseguir uma renda mensal, esperam conseguir pagar suas contas, esperam alimentar e vestir seus filhos, esperam reconhecimento pessoal e profissional, são estas esperanças e estes desejos que mobilizam os catadores. Por isso o que pulsou mais, o que vibrou mais foram os benefícios advindo do trabalho, todos eles apontaram para uma mudança no sentido de uma potência de ação, estavam agindo para realizarem seus desejos. Percebemos que todos antes da catação estavam num momento de intensa potência de padecimento, e o trabalho na catação veio no sentido de superar esse padecimento e aumentar a potência de ação. Cada um mostra esta potência de um jeito.

TORNAR-SE CATADOR: POTÊNCIA DE AÇÃO

Tornar-se catador não é só potência de padecimento, mas também potência de ação.

Caio deseja ser líder de uma cooperativa de catadores, deseja se enriquecer com a cooperativa, esses desejos mobilizaram Caio a agir em busca de apoio financeiro, político para o grupo de catadores que tentou formar. Hoje como formador, se sente como o líder que desejava ser.

José tem o desejo que gravar seu CD, deseja ser ouvido, deseja participar, e por meio da catação conseguiu ser formador e participar do elo político da cidade, do bairro.

Romualdo foi mobilizado por Dona Érica, que foi mobilizada pelo amor aos filhos. Trabalhar na catação era conseguir mostrar para os filhos que as pessoas podem superar as dificuldades financeiras trabalhando e não roubando. Além de que com o trabalho as crianças deixaram de passar algumas necessidades como a fome.

Elisabeth também foi trabalhar no lixão para conseguir sustentar sua família que estava passando enormes necessidades.

Apontando para o que mais pulsa em cada um dos catadores, podemos perceber uma grande diferença de gênero. As mulheres geralmente agem pela sua família, pelos filhos. Os homens também desejam o melhor para suas famílias, mas não é mais importante que seu desejo profissional e pessoal.

Em todos o que pulsa fortemente é o trabalho. O trabalho foi para todos o grande bom encontro que potencializou suas ações.

Caio deseja formar uma cooperativa, então começa a trabalhar na catação e ao mesmo tempo tenta organizar um grupo de catadores. No decorrer desta organização, vários catadores foram aderindo ao grupo, essa adesão era a grande alegria de Caio, pois o grupo estava aumentando, estavam aderindo a suas idéias, a seus desejos e paixões. Com algumas pessoas no grupo,

(...) marcamos um dia pra gente limpar o terreno, cercamos o terreno e começamos a guardar o material lá, é já começou a entrar gente, começou a evoluir. Foi encontrar as pessoas que me deram ânimo. Essas pessoas que vieram, que acreditaram em mim e vieram junto comigo, porque eu tava sozinho, aí entrou um, entrou dois, entrou três, entrou quatro, tinha dia que nós tinha 15 pessoas lá dentro, e aquilo me deu ânimo, eu via que o pessoal tava acreditando em mim, e o pessoal tava ali junto comigo.

O encontro com o outro é que potencializa ou despotencializa o homem. Nos encontros com o outro que o discriminou, humilhou, Caio sofreu, se entristeceu, mas a ação do outro para consigo, não o impediu de continuar agindo, isso mostra o quão importante era continuar atuando para realizar seu sonho, essa paixão era bem maior do que a paixão triste sentida com a discriminação dos outros. E o que vem fortalecer mais ainda o sonho e a paixão de Caio, é o encontro com os outros catadores, que vão se unindo a ele, a sua idéia e a sua paixão e isso é extremamente potencializador. Ainda mais quando o desejo da liderança sempre esteve presente, e o manteve na luta pela religião, pelo bairro, e agora pelos catadores. Esse encontro em que cada vez mais catadores se agregam ao grupo é o que fortalece e potencializa Caio para continuar agindo.

O começo da história do grupo potencializou Caio a agir em busca de melhores condições de trabalho e da cooperativa. Mas essa história não foi de sucesso, o grupo sem estrutura física

para trabalhar, sem apoio político e financeiro não conseguiu juntar grande quantidade de material reciclável para vender às empresas.

Além disso, tinham que concorrer com o aparista e ferro-velho, que tem toda estrutura para conseguir juntar grandes quantidades de material e vender as empresas com maior facilidade.

Aparista é a empresa maior que faz a negociação com a empresa grande. Ele vai lá no ferro-velho deixa a caçamba, aí o pessoal vai pesando e jogando na caçamba, aí ele vai lá tira a caçamba, pesa, prensa, e entrega pro poderoso.

P: então é uma escala, né? O catador, que vende pro ferro-velho, o ferro-velho que vende pro aparista e este vende pra empresa.

C: Porque tem que ter aquela quantidade. Então não tem como a gente e fala que vai entrega 100 toneladas de papelão pro aparista, ninguém tem condição, pra a gente ter essa condição a gente tem que ter vários caminhões, várias caçambas.

Caio diz que se as necessidades de melhores condições de trabalho fossem atendidas, provavelmente, conseguiriam sobreviver do trabalho da catação, e futuramente a cooperativa seria formada.

A gente queria, estrutura, né? A gente queria moinho, a gente queria prensa, né? Pra desenvolver mais o trabalho. O terreno era 10 por 25, então não comportava muito material reciclável. Até que a gente ia ter problema com a vigilância sanitária também, como acumulo de água, da dengue. Então se a gente tivesse uma prensa, a gente ia tá prensando, e não juntando e vendendo.

Todos esses problemas não desanimaram Caio e os catadores, ao contrário a perspectiva de que poderiam conseguir formar a cooperativa, fez com que fossem potencializados à ir em busca de estrutura física necessária para o progresso do grupo. Mas nem Caio nem os catadores conseguiram ajuda, e com o tempo o grupo foi se desgastando e se desfazendo.

Vimos no exemplo de Caio que o homem não busca trabalho só para sobreviver, ele também quer satisfazer seus desejos de expansão. Embora Caio acabe por não considerar a catação como um trabalho, pelo fato de não ter conseguido receber com este trabalho, não podemos limitar o significado de trabalho como sendo aquilo que fazemos e recebemos em dinheiro por fazê-lo. Trabalho é muito mais que isso, de acordo com Marx (1857/2000) o trabalho humaniza o homem. Com o trabalho o homem transforma a natureza e se cria com ela, o homem

expande seus desejos, idéias e capacidades. Caio mostra isso muito bem, o dinheiro ganho pelo trabalho indesejado não satisfaz a necessidade humana, é preciso trabalhar em algo desejado, precisamos viver e não apenas sobreviver.

Elisabeth também aponta na sua história a importância de fazermos o que gostamos de fazer e sabemos fazer, quando ela recusa um trabalho que ganharia bem mais, mas sabendo que não se satisfaria nele, escolhe por ficar no trabalho que gosta mesmo ganhando menos.

O desejo de José era gravar um CD, ou ser reconhecido, ouvido pelas pessoas e poder participar de ações políticas. Ele ainda não conseguiu gravar o CD, mas parte do seu desejo foi realizada. Tudo começou com José o catador.

Um dia ele achou no lixo uma revista com uma reportagem da ASMARE, associação de catadores de Belo Horizonte. José quando viu a reportagem ficou entusiasmado, pois mostrava a organização do trabalho do catador e os benefícios desta forma de trabalho. José que em toda sua história sempre tentou criar em seu trabalho, ficou apaixonado pelo que tinha visto sobre a ASMARE. Sua paixão estava em perceber como poderia expandir no trabalho da catação. Depois deste dia o desejo da gravação do CD ficou suspensa e o desejo agora, era buscar construir uma ASMARE em Guarulhos.

Eu achei uma revista com uma reportagem da ASMARE de Belo Horizonte. Aí eu dei uma lida tal. Sabe que essa idéia pra Guarulhos funciona, mas não tinha muitas informações tava muito suja não dava pra ler direito. Aí olha o que eu inventei. Isso foi praticamente inventado, eu não sabia do outro grupo, eu dei uma de querer montar cooperativa, mas não avançou em nada.

A cooperativa proposta por José não deu certo, mas o importante foi sua potência de ação, agiu para que desse certo, fez panfleto informativos, entregou para os catadores, tentou mobilizá-los, organizá-los, porém parece que não conseguiu constituir um grupo. Mas foi essa potência de ação que fez José ser reconhecido até que tornou-se formador.

Seu desejo então foi realizado devido aos benefícios do trabalho na catação, pois ele conseguiu ser formador porque foi catador. Este trabalho foi a porta para uma mudança de vida, de trabalho, de desejo, de sonho. Ele queria criar sobre o trabalho do catador, e como catador conseguiu mostrar suas idéias da cooperativa para o secretário do trabalho, para outros políticos, também conseguiu participar de discussões políticas sobre o assunto reciclagem, até que o secretário o chamou para trabalhar para a prefeitura no projeto que visa a inclusão dos catadores, neste momento José deixa de ser catador para ser formador na área da reciclagem, e fala que isso

lhe foi muito importante, pois começava a ser ouvido nas participações políticas, passava a ser reconhecido publicamente, sua identidade pública concomitantemente se construía.

José sente contentamento por ser hoje um formador. “Contentamento é a alegria nascida do fato de o homem se contemplar a si mesmo e à sua capacidade de agir”. (Espinosa, 1973b: *Ética III*, proposição 25, p. 224)

Na Bahia José quase se candidatou para vereador se não fosse sua vinda para São Paulo, lá ele tinha participação em partidos políticos. Desde a Bahia tinha a necessidade de ser ouvido, de ter direito de participar, de falar publicamente suas idéias, e com isso, também podemos entender seu desejo de ser artista, José tem a necessidade de ser visto pelo público, e reconhecido por ele, como se fosse uma forma dele se reconhecer enquanto tal, pois no âmbito privado não conseguiu ser reconhecido. “Um território pode ser excludente e, ao mesmo tempo, lugar de identificação entre pares, onde se gestam novas formas de sociabilidade alimentadores da potência de ação”. (Sawaia, 1995b, p. 23) Espinosa fala sobre a potência de ação e Heller do calor do lugar, “o que produz o calor do lugar é uma forte dose do sentimento de sentir-se gente entre pares” (p. 23) O conceito de participação aqui é visto enquanto questão de legitimidade subjetiva, que é o que José realmente tenta mostrar em sua ação. (Sawaia, 1997)

A alegria de ser formador também pode ser entendida como uma forma de exposição, pois sendo funcionário da secretaria do trabalho, acaba participando de discussões políticas, acaba sendo conhecido por políticos, ou seja, é uma porta para a participação. Para José é importante poder participar, tanto que quando o governo local não era PT, as portas da participação para a comunidade eram mais restritas, e essa barreira fez José pensar em voltar para Bahia, onde tinha mais poder de voz e participação.

Fiz os planos. Eu digo, tem o PT candidato, eu voto no PT, se o João ganhar eu fico em Guarulhos, se não ganhar, eu volto pra minha cidade nem que seja de pé. Já estava decidido. Se não for o João que ganhar eu volto. Já tava tudo planejado. Ai lá vai, pega o primeiro turno, foi pro segundo turno. Eu mantive a palavra, vou votar de novo pra ver o resultado. Se der Joaquim eu volto, já tava tudo preparado. Ai saiu o resultado. O João ganhou. Eu fiquei. Ai continuei participando no Florestan Fernandes de algumas reuniões.

O trabalho na catação para Elisabeth, no âmbito privado, fez com que mudasse suas relações afetivas tanto com o Mário quanto com sua mãe. Neste sentido o trabalho é a potência de ação que fez ela quebrar com a cadeia de submissão a que estava envolvida.

No âmbito público ela acha que o trabalho de catador no lixão é muito discriminado, os

catadores sofrem muito preconceito, são muito humilhados, e tudo isso, acaba afetando e despotencializando os catadores. O trabalho de catador tanto no lixão quanto na rua, são desumanos, ninguém deveria trabalhar como catador sem condições para a saúde física e mental, pois a maioria dos catadores no seu primeiro contato com o lixo se questiona acerca de sua capacidade, de sua existência como homem.

Aprendi pra caramba, trabalhando no lixão. Aprendi a valorizar a vida, aprendi a valorizar as pessoas, aprendi que qualquer serviço é digno, entendeu. Aprendi muito. Até sabedoria. Hoje todo mundo pensa que catador, é um mendigo, um maloqueiro que não quer saber de nada da vida só quer as coisas fácil.

P: *o que é mendigo pra você?*

E: *eram eles. Eram eles, eu tinha medo deles, como hoje a sociedade tem medo da gente, entende? Que sei lá, é estranho assim, você ter passado por uma coisa, eu acho que deveria ter passado mesmo, pra poder valorizar essas coisas, pequenas coisas. Coisas que esse pessoal joga fora, sendo que a gente pode tá utilizando, entendeu. A gente demora anos pra poder trocar de alguma coisa, eles não, trocam assim. Eu quantas coisas não tenho deles lá. Tinha jogo de copa muito lindo lá. E essa mulher só usou uma vez. Tem coisas lá no lixo que nossa é muito bom. Hoje eu tenho uma visão diferente, hoje eu vejo eles assim com mais dignidade. Hoje eu acho que cada um tem seu potencial. Se eles estão ali dentro hoje, é porque alguma coisa da vida levou eles ali dentro, não que eles não foram capaz de correr atrás de alguma coisa digna, mas sim por causa da necessidade da vida levou eles àquilo ali, entendeu? E hoje eles estão lutando com mais dignidade do que qualquer um de nós, que tão aqui fora, que tem um serviço, que tem uma capacidade boa, que eles são muito mais capaz que a gente, o que a gente como capaz de fazer, muitos não são. Então hoje eu vejo eles assim, como uns guerreiros, bem guerreiros, né, pode-se colocar assim, e não como eu via antes uns fracos, porque eu vi que as pessoas que estão lá dentro não são fracas são fortes. Então nós vivemos, é só a gente passando pra gente saber. Quando eu falo assim gente, não basta a gente só olhar um catador, tem que ser como eles, porque você vai chegar onde eles quer que vocês chega. Porque não é fácil uma pessoa cata e sai de manhã pra trabalhar de catar na rua, deixou os filho com fome tantas vezes lá meu filho doente, eu sem gás, sem comida, sem nada pra dá pros meus filhos. É duro, é triste, Mário sai de manhã e a gente só comer uma vez por dia, não é bom. O Mário deixava de comer pra dar pros meus filhos não passarem fome, entendeu. E a gente ir pra aquele lixo pra*

trabalha, pra batalha pra cada um deles ter um, pra eles manhã, mais tarde eles saber dar valor da vida. Como a gente aprendeu a dar, eu e o Mário, né?

Elisabeth aponta para o significado que tem acerca do catador depois de trabalhar como uma catadora, pois antes tinha um significado ideológico que é construído pela sociedade, de modo geral, o significado ideológico social de que catador é mendigo, é ladrão, não é capaz de nada, pois se fosse tinha conseguido um trabalho melhor, entre outros significados. Estes significados foram por um tempo os significados assumidos por Elisabeth que só foi reconstruí-los depois de se tornar catadora, e neste momento sentiu que o catador é um ser humano capaz, mas não teve oportunidades, sentiu que o catador é honesto, digno, e que por mais que as portas se fecharam para ele, continuou procurando alguma forma de poder sustentar sua família e ao invés de pedir como um mendigo ou de roubar como um ladrão foi trabalhar no lixão ou na rua catando material reciclável.

O trabalho no lixão tanto para Elisabeth quanto para o Mário parece ter sido algo inesquecível, foi uma experiência que marcou muitas mudanças na relação dos dois como: Elisabeth não apanhava mais de seu marido, pois este passou a respeitá-la; antes o arrimo da casa era Mário, agora é Elisabeth e com isso as relações e funções familiares mudaram. Esta mudança foi muito saudável para a potencialização do casal.

Dona Érica sofreu muito com o trabalho, mas também teve grandes ganhos, até mesmo com o próprio sofrimento. Ela fala do seu sofrimento como experiência de aprendizagem. *“Sofrimento pra mim, hoje ele é um, a meu Deus como que eu posso dizer, a gente sofre, foi com ele que eu aprendi com ele que eu aprendi”*. Esse é o sofrimento ético-político, que Sawaia (1999b) afirma ser provocado por condições sociais e pode ser gerador de transformações sociais, principalmente quando gera ações coletivas. Dona Érica mostra isso, quando age contra as relações de submissão, exploração a que se encontrava, por exemplo, com o marido, no trabalho do hospital, e no trabalho da catação com o Tom e sua família.

O sofrimento não deprime, não deprime sua potência de ação no decorrer de sua história de exclusão, há composição e decomposição, com predomínio da intensificação da força pra viver dignamente, segundo os valores sociais, por meio do trabalho.

Fui eu, eu querer, eu.... um pouco de cada coisa, né? Um foi eu ter fé, eu acreditar que eu podia sair daquela, eu tinha, não sabia como mas eu poderia sair daquela situação a qual eu passava, e a outra por amor, né? Amor a meus filhos, porque eu queria mostrar pra eles que eu tinha garra, entendeu. Porque se eu caíssem, eles caíam juntos, entendeu. Eu tinha que mostrar pra eles que eu tinha garra, que eu

era firme e que em cima do trabalho que a gente consegue tudo, entendeu. Porque eu tive filhos que roubou, Paula. Ele queria sair da vida através, ele queria sair desse sofrimento através de roubo e hoje ele olha pra mim ele chora que nem um menino. Diz assim: “Mãe eu cuido de você, porque você nunca roubou, você sempre trabalhou, você sempre mostrou isso pra mim”. Ele fala pra mim sabe. Ele roubou e ele fala pra mim “Mãe me perdoa” “Ah filho, você ta perdoado eu sei que você não é tão forte como eu fui, mas hoje você vendo a minha fortaleza eu tenho certeza que você vai ser”. “Olha mãe, nunca mais eu pego nada dos outros nem pra comer, eu vou ser igual a senhora que pra mim foi uma lição de vida”.

O sofrimento e a servidão não a impediram que ela buscasse a potência na honestidade. Ela é mobilizada pelo sofrimento em busca de condições melhores de vida, e essa busca é guiada pelo seu desejo de proporcionar uma vida melhor a seus filhos, além de querer mostrar-lhes o caminho pela qual podem se fortalecer e não padecer, e este caminho para Érica é o trabalho. “Civildade ou modéstia é o desejo de fazer o que agrada os homens e de não fazer o que lhes desagrade”. (Espinosa, 1973b, *Ética III*, proposição 43, p. 228)

Dona Érica faz questão de mostrar para os seus filhos, que é possível sobreviver e melhorar de vida sem entrar para o crime. E faz isso também na necessidade de ser reconhecida como tal tanto pelos filhos como pelos outros a sua volta.

O trabalho honesto não tem um valor moral para ela. Honestidade não é imperativo moral. É por exercer seu trabalho que consegue marcar o mundo, é a única forma de ser reconhecida como alguém que também põe marcas no mundo, e também consegue produzir, criar, expandir.

Não são apenas os valores morais que faz Érica agir honestamente, mas as relações, pois essas compõem as pessoas e elas têm o conhecimento de agir e colocar marcas nos outros e no mundo. Não é uma dignidade que vem de uma idéia, não é uma dignidade porque falam que ela é honesta, mas sim porque ela é alguém que está fazendo alguma coisa, compondo, transformando, atuando nesta realidade. Seu desejo não é ser vista como honesta, mas deixar as marcas, agindo como uma pessoa honesta.

O desejo de Dona Érica para com seus filhos é de que eles tenham

Uma vida melhor, uma vida honesta, mesmo sofrida pra ele não ter medo do sofrimento, sofrimento não é um bicho de sete cabeças, entendeu? Ele tem que ter medo é de sei lá eu tenho medo de matar, de roubar, e além de fazer isso a gente ta tomando de alguém que sofreu, de qual eu sofri ou até teve, mas sofreu pra ter aquilo, né? De chegar lá e ta, mais fácil, né? Pra não fazer isso que é feio, isso é

feito, bonito é trabalhar, nem que seja assim que nem eu dentro do lixo, mas honesto conscientizado mesmo que ta fazendo certo, que ta trabalhando. É sujo o trabalho é, tem bichinho, tem tapuru, eu chamava de buiuzinho, eu chutei pro lado pro outro e vamos pegar o que a gente quer pra gente sobreviver, mas com honestidade.

Neste trecho, vemos exatamente o que o trabalho de catador significou e significa para Dona Érica. Ela foi discriminada, sofreu preconceito, mas mesmo assim, se sente contente com sua ação, pois mostrou aos seus filhos que os outros podem até achar o trabalho de catador sujo, mas ainda assim é um trabalho honesto, que trouxe benefícios para si e sua família, sem prejudicar os outros, ao contrário, ela ajudou muitos catadores. Espinosa diria que Dona Érica sentiu contentamento “é a alegria nascida do fato de o homem se contemplar a si mesmo e à sua capacidade de agir”. (Espinosa, 1973b, *Ética III*, proposição 25, p. 224)

Ao trabalhar com lixo Dona Érica significa-o.

*O lixo significa pra mim o meu meio de vida. Eu achava que o lixo era uma humilhação, né? Hoje não eu acho que tem que passar ele por um processo. Porque eu era um lixo, hoje eu não sou mais, eu to **reciclada**, eu era um lixo, eu sou reciclada, então eu sou igual ele assim, no passado eu me sentia igual ele e hoje eu me torno a sentir igual ele depois dele reciclado, entendeu? Ele não serve pra alguma coisa? Eu também sirvo.*

A metáfora de Dona Érica é magnífica demonstra a consciência de seu processo de potência de ação e padecimento, depressão do conatus e passividade.

Reciclar é tirar um objeto que não tem mais uso, nem significado, que foi jogado fora, e transformá-lo em um objeto com significado, com utilidade. É tirar algo da negatividade e trazer para positividade. Nesta expressão podemos perceber o sentido de tornar-se catador. Se reciclar é sair da depressão, da despotencialização e tornar-se potência de ação. O catador sai da negatividade, para entrar na positividade social tendo e criando sua função, que atualmente está sendo valorizada. Reciclar é mudar a função de algo sem perder sua essência.

O trabalho para Dona Érica é o trabalho ontológico, o trabalho que hominiza o homem. O trabalho como necessidade do ser humano se expandir, criar, transformar e desejar. No mundo capitalista é preciso trabalhar para ganhar dinheiro e então pagar as contas, comprar comida para a família, ou seja, sanar as necessidades básicas, neste sentido trabalho é auto-conservação. Mas concomitante ao trabalho de auto-conservação, o trabalho é também expansão da criatividade, do desejo do ser humano. O trabalho ontológico é tanto trabalho como auto-conservação quanto

trabalho como expansão.

Dona Érica acaba a entrevista apontando para a importância da união e da organização dos catadores, pois estes bons encontros os potencializam a agir em busca de benefícios para eles próprios, seja ele financeiro, político, social, afetivo: *“Eu diria pros catadores que uma andorinha só não faz verão, que eles têm mais é que se unir, né? Pra vencer junto, vencer, porque daqui pra frente o mundo precisa muito de união, e sem união a humanidade não vai chegar a lugar nenhum”*.

CONCLUSÃO

O trabalho de catador, tal como está inserido na estrutura do emprego capitalista do começo do século XXI no Brasil, não está – do ponto de vista sociológico, da desigualdade social, da dialética exclusão–inclusão – transformando a estrutura da divisão das riquezas. Ele traz transformações pequenas, cotidianas, que se refletem em um círculo de pessoas mais próximas, na relação com o marido, com a mulher, os filhos, dentre outras pessoas e outros vínculos afetivos. Insere-se no trabalho carregando a péssima condição de trabalho, ou seja, desqualificação social, violência moral.

Este trabalho não mudou a estrutura econômica, mudou foi a vida dos catadores. Não mudou a sociedade capitalista. É um trabalho marginal. E agora que a sociedade está aprendendo a valorizar esta atividade – e vê nela uma fonte de lucro –, os catadores enfrentam o risco de novamente serem expulsos. O grande problema é este, o da inclusão perversa. Os catadores estão sendo expulsos explicitamente.

Uma empresa multinacional publicou uma pesquisa dizendo que o faturamento das indústrias de produtos de reciclagem saltou de R\$ 3 bilhões para R\$ 4 bilhões, entre 2001 e 2002 (Cempre, 2001, 20 de julho de 2003, *Folha de S. Paulo*, p. B6). Mas não se comenta que este material foi coletado pelos catadores, e que o aumento do faturamento se deu pelo aumento do desemprego e, conseqüentemente, pelo aumento de catadores nas ruas.

É claro que, aumentando o desemprego, aumentando o número de catadores, há aumento na coleta de materiais recicláveis, na reciclagem. A coleta seletiva beneficia toda a população e o meio ambiente. Então, por que não investir em melhores condições de trabalho e de vida para estes trabalhadores, que fazem um trabalho de importância, sim? Por que não ajudar na construção de infra-estrutura para cooperativas de reciclagem, dentro das quais os catadores podem trabalhar mais humanamente? Por que não fazer um trabalho de incentivo à coleta seletiva, sendo todo material coletado direcionado para os centros de triagem dos catadores? Por que não incluir os catadores de maneira justa e não de modo perverso?

Observamos que uma real inclusão social não acontece, em muitos casos, devido aos interesses econômicos dos grandes capitalistas. No caso da reciclagem, depois de perceberem quanto dinheiro se ganha com isso, os empresários fazem de tudo para conseguir controlá-la. Em São Paulo, a maioria dos centros de triagem está em vias de passar para o controle de empresas privadas – e diziam que todos os centros teriam como responsáveis os próprios catadores. Além disso, a coleta do lixo está sendo terceirizada, dificultando ainda mais o acesso ao material

reciclável aos catadores.

Em Guarulhos, a coleta do lixo já é terceirizada, e a empresa ganha por quilo de lixo coletado. Como não há coleta seletiva, ela ganha pelo peso do lixo total, orgânico e reciclável. Com a instalação de centros de triagem e de coleta seletiva, ela irá perder. Será que não são as relações políticas estabelecidas entre esta empresa e o poder público que dificultam qualquer ação de real inclusão social dos catadores?

Nesta pesquisa, pudemos acompanhar catadores (ver Anexo V) que se uniram para lutar por melhores condições de trabalho e vida. Até hoje, conseguiram um local para trabalhar, um galpão, benefícios alimentares, a institucionalização da cooperativa. Mas ainda falta muita coisa. O próprio local de trabalho conquistado precisa ser mais bem estruturado fisicamente, de modo que permita um desempenho organizado e eficiente da atividade, e sem prejuízos para a saúde. O importante é que os catadores se uniram e conseguiram alguns ganhos com esta união. Mas não podemos afirmar se houve ou não inclusão de qualidade, pois uma nova fase está começando.

Algumas das dificuldades que irão enfrentar nesta nova referem-se, talvez, à atuação da própria empresa de coleta do município. Mas não fizemos esta análise aqui, apenas apontamos o fato. Constata-se que o grande capital continua a querer competir com os pequenos, e assim continuamos dentro da estrutura de exploração, de dominação capitalista. Neste nosso caso, no âmbito do trabalho dos catadores e da reciclagem, ocorre hoje esta competição. Os catadores conseguiram entrar no mercado numa época que a reciclagem estava sendo valorizada apenas por questões ecológicas, ambientais, mas à medida que isto se mostra lucrativo vão sendo expulsos.

Os catadores pertencem à camada da população que vive em geral nas piores condições de existência, em condições sub-humanas: não têm habitação digna; não têm acesso à educação e ao aprimoramento técnico; comem restos e usam remédios encontrados no lixo; podem ficar doentes no contato direto com os dejetos, além de sofrerem outros problemas de saúde, ao terem que puxar um carrinho que muitas vezes excede o peso que um homem consegue suportar.

Mesmo com todos esses problemas, é o lixo que lhes proporciona uma condição de vida mais “digna” do que a que viviam; é do lixo que conseguem sobreviver, comendo dele, através dele, pagando suas despesas com o dinheiro que obtêm com ele. O lixo aqui tem nome próprio, é “vangloriado”, é reconhecido como oportunidade de vida. Já não se trata do lixo renegado, mas do lixo “adorado”, do lixo que traz alegria, satisfação, alívio por ter as contas pagas e comida na mesa, felicidade de poder satisfazer as necessidades humanas mais básicas.

O lixo satisfaz algumas necessidades básicas, sim, e proporcionou mais: a construção de

novos vínculos afetivos, novos bons encontros potencializadores. Isso tudo faz com que o sentido negativo do lixo realmente mude.

A reflexão acerca da construção do sentido remete à reflexão sobre as condições em que estas pessoas se encontram. Sendo assim, o lixo não deve ter um só significado ou sentido – ou é dotado de características ruins ou de características boas. Ele é constituído destas características opostas, mas que se relacionam constantemente. Com isso, a relação das pessoas com o mundo – neste caso, com o lixo – é ambígua, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença. O lixo é aquilo que é sujo, o que é desprezado, mas para a pessoa que sobrevive dele já não é bem assim; ela passa a senti-lo de outra forma, a ver seu outro lado: o lixo passa a significar principalmente a satisfação de suas necessidades.

Sabemos que essas pessoas não têm muitas opções de trabalho – na verdade, não têm opção alguma. Talvez seja por isso que muitos catadores só consigam ver o lado positivo do lixo – o lixo que alimenta a família, que paga as contas da casa – e não conseguem ver seu outro lado – o lixo que provoca doenças, que intoxica. E o lixo de fato intoxica, pois os catadores trabalham em geral sem luva, sem botas, sem equipamentos de segurança e proteção. Claro que muitos não poderiam comprá-los, mas isso não é tudo. Há também a questão do hábito: mesmo aqueles que ganham luvas e botas escolhem muitas vezes não usá-las, alegando que perdem a sensibilidade de contato. É o que ilustra este depoimento: *“Eu não uso luva, mesmo que tiver, pois eu conheço o material no contato. O Romualdo conhece pelo cheiro, ele queima o plástico e cheira, aí ele conhece o tipo do plástico”* (Dona Érica).

A satisfação e a dignidade que o lixo traz é mais importante do que os riscos às doenças, que, segundo eles, são curadas com remédios. Os catadores não estão preocupados com os prejuízos provocados à saúde pelo trabalho. Querem mais é trabalhar, sentirem-se dignificados e alegres por conseguirem sustentar suas famílias (sobretudo as mulheres), e por conseguirem ser reconhecidos profissional e pessoalmente (sobretudo os homens). A saúde para eles é potência de ação, é conatus, e então, expansão e perseverança do ser. As dores nas pernas, a intoxicação pelo lixo, os cortes, os arranhões, tudo isso pode ser curado, o que é mais dolorido do que tudo isso é a fome.

Os catadores contam suas experiências na tentativa de serem incluídos. Ainda hoje estão vivendo o processo de exclusão–inclusão social intensamente. Ainda não podemos concluir se foram incluídos ou excluídos, se é que podemos concluir isso em algum momento, visto que é processo. O que podemos afirmar é que tiveram grandes ganhos e muitos sofrimentos. E os ganhos falaram mais alto, vibraram mais. Por esta razão este trabalho com o lixo se mostrou como

potencialização, saúde. Mesmo com todos os aspectos negativos que ele provoca, os benefícios parecem mais importantes, sendo o trabalho ressignificado, valorizado e dignificado.

Não estamos defendendo que a catação é um ótimo trabalho, já que ele não elimina a desigualdade, não altera a estrutura de desigualdade; só está tirando essas pessoas da miséria absoluta e lhes dando uma possibilidade de se inserirem socialmente de um modo que eles mesmos pensam ser mais digno (diferente do ladrão, do vagabundo...). É preferível ter este trabalho do que ser morador de rua, do que passar fome.

Apesar de ser um trabalho que mantém na miséria, na discriminação e não inclui, é um passo, no sentido da potência individual e coletiva, transforma a vida de poucos, e potencializa seus desejos de expansão do direito à cidadania.

A ação da prefeitura foi lenta e alimentou a esperança dos catadores, que fizeram críticas e pressão a ela o que resultou em ganhos no decorrer desta história que está apenas começando. Eles conseguiram uma estrutura física para trabalharem em condições mais favoráveis à saúde, e o que é mais importante sentiram a força da cooperação, o início de um reconhecimento, a mudança de vida afetiva e financeira, de maior emancipação, de potência.

Houve mudanças reais, no plano material, na forma da família viver, na forma como os filhos estão sendo criados, na forma da vida pulsar, nas relações.

Pode-se também perceber o que está acontecendo com os catadores e com os outros a sua volta, em termos de subjetividade, todas as suas emoções se transformam. Daí que entra o medo, a esperança, a vergonha, a tristeza, a alegria, as paixões.

O trabalho para eles é o encontro que promove mudanças, que compõe ou decompõe, é sempre um grande encontro.

Esse trabalho não é somente fonte de dinheiro, ou um valor somente ideológico, ou ainda de sobrevivência física. Esse trabalho está respondendo a uma necessidade de expansão do ser, que segundo Espinosa é imanente, Marx fala dela ao se referir as necessidades humanas de transformação da natureza, e Vygotsky ao associar a capacidade de sinalização humana, à capacidade de criação e esta à liberdade.

Os participantes da presente pesquisa, ao relatarem o seu processo de tornarem-se catador demonstraram que não se pode simplificar o significado do trabalho ao modelo monolítico ou é excludente ou includente. O trabalho possibilita momentos e encontros diferenciados, que ora pode ser de potência ora de padecimento, ora de ruptura ora de cooperação.

E eles catadores sentem aquilo que Espinosa fala:

Se duas pessoas concordam entre si e unem as suas forças, terão mais poder conjuntamente e, conseqüentemente, um direito superior sobre a natureza que cada uma delas não possui sozinha, quanto mais numerosos forem os homens que tenham posto as suas forças em comum, mais direito terão eles todos. (Espinosa, 1973c, Tratado Político, p. 318)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, Margarida M. S. *Uma jornada de humilhações*. São Paulo, 2000. (Dissertação em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.
- Bodei, Remo. *Geometria de las pasiones miedo, esperanza, felicidad: filosofía y uso político*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1995.
- Carneiro, Nivaldo. *Saúde e trabalho nos catadores de materiais recicláveis*. São Paulo, 2000, 39p. (Monografia) Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.
- Castell, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Chauí, Marilena *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- Chauí, Marilena *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.
- Deleuze, Gilles. *Espinoza e os signos*. Portugal: Rés Editora, 1999.
- Dias, Alan Rodrigues. *Condições de vida, trajetórias e modos de “estar” e “ser” catador: Estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba (PR)*. São Paulo, 2002. (Dissertação em Psicologia Social) Universidade de São Paulo, 2002.
- Espinosa, Baruch de. *Ética II: da natureza e da origem da alma*. In: Os pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril, 1973a. p. 141-179.
- Espinosa, Baruch de. *Ética III: da origem e da natureza das afecções*. In: Os pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril, 1973b. p. 181-229.
- Espinosa, Baruch de. *Tratado político*. In: Os pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril, 1973c. p. 309-372.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*, 1995.

Folha de São Paulo. O trabalho do catador como alternativa de sobrevivência. 20 de julho de 2003: B6.

Heller, Agnes. *The power of shame*. England, Routledge & Kegan Paul, 1985.

Heller, Agnes. *Teoria de los sentimientos*. Barcelona: Fontamara, 1979.

Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 5ª ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Jodelet, Denise Os processos Psicossociais da Exclusão. In: Sawaia, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 53-66.

Juncá, D. C.; Azeredo, V. G. Terra de margaridas: vidas no compasso do lixo. *Cadernos do CEAS*, n. 157, p. 67-79, 1995.

Lafargue, Paul. *O direito à preguiça*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Hucitec, 2000.

Lane, Silvia Os fundamentos teóricos. In: Lane, S.; Araújo, Y. (org.) *Arqueologia das emoções*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2000.

Marx, Karl *Para a crítica da economia política*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1857/2000. p. 25-48.

Moura, Milton; Gonçalves, Roberto. Os badameiros: o lixo das profissões ou a profissão do lixo. *Cadernos do CEAS*, n. 124, p. 12-21, 1989.

Negri, Antonio *Exílio seguido de valor afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001a.

Negri, Antonio; Hardt, M. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001b.

Nicolau, Stella Maris. *Trabalho e processos de exclusão/inclusão social: um estudo com assistidos-trabalhadores de um centro de triagem de materiais recicláveis*. São Paulo, 2003. (Dissertação em Psicologia Social) Universidade de São Paulo, 2003.

Paugam, Sergio O enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In Sawaia, B.B. (org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999. pp. 67-86.

Sawaia, Bader. Análise psicossocial do processo saúde-doença. *Rev. Esc. Enf. Usp*, v. 28, n. 1, p. 105-110, 1994.

Sawaia, Bader. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: Lane, S. T. M.; Sawaia, B. B. *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995a.

Sawaia, Bader. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. *Revista da Fundação SEADE*, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995b.

Sawaia, Bader. A legitimidade subjetiva no processo de participação social na era da globalização. In: Louilier, I. et al (org.) *Movimentos sociais e participação política*, Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

Sawaia, Bader. Introdução: exclusão ou Inclusão perversa? In: Sawaia, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999a. pp.7-13.

Sawaia, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: Sawaia, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999b. pp. 97-118.

Sawaia, Bader. *A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa* In: III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural, Campinas, 2000. pp.1-25.

Vitale, Maria Amalia Faller. *Vergonha: um estudo em três gerações*. São Paulo, 1994. (Tese em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Vygotski, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Vygotski, Lev S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Vygotski, Lev S. *Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Weber, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

ANEXO I

ÁREAS ATIVIDADES

A COLETAR MATERIAL RECICLÁVEL E REAPROVEITÁVEL	Puxar carroça, carrinho	Conduzir carroça de tração animal	Conduzir veículo (perua, caminhão)	Estabelecer roteiro de coleta	Pedir material nas residências	Procurar material nas caçambas de rua
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Verificar pontos de coleta	Coletar material nas residências	Coletar material junto às comunidades	Coletar material nos pontos de coleta	Coletar material nos estabelecimentos comerciais	Coletar material nos condomínios
	7 CM	8 CM	9 CM	10 CM	11 CM	12 CM
	Coletar material em empresas (indústrias)	Carregar carrinho, carroça, caminhão, perua	Percorrer os pontos de coleta	Procurar novos pontos de coleta		
	13 CM	14 CM	15 CM	16 CM		
B DAR ENTRADA NO MATERIAL	Conferir a balança	Descarregar caminhão, perua, carrinho, carroça	Conferir material	Pesar material reciclável separado	Contar vasilhames retornáveis	Colocar material na caçamba
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Pesar caminhão	Pesar o lixo não reciclável				
	7 CM	8 CM				
C SEPARAR MATERIAL COLETADO	Triar material reciclável e não reciclável	Triar material reciclável por tipo (papel, vidro, ferroso, não-ferroso, plástico)	Triar material por qualidade (papel branco, papel arquivo, plástico mole, material fino não ferroso)	Colocar material não reciclável em contêineres, latões, sacos etc	Anotar material separado	Separar doações
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Encaminhar o lixo para o transbordo					
	7 CM					
D PREPARAR O MATERIAL PARA EXPEDIÇÃO	Pressar o alumínio	Pressar o plástico	Amarrar os fardos	Tirar grampos de papel	Tirar espiral de caderno	Tirar rótulos das embalagens plásticas
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Ensacar material (alumínio, plásticos)					
	7 CM					

REALIZAR MANUTENÇÃO DO AMBIENTE E EQUIPAMENTOS DE TRABALHO	Fabricar carrinhos, carroça	Pintar carrinho, carroça	Fazer manutenção do carrinho, carroça	Varrer o chão das instalações da cooperativa	Lavar banheiros das instalações da cooperativa	Lavar quintal da cooperativa
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Trocar pneu de carrinho	Limpar o carrinho, carroça	Arrumar material nas caçambas	Recolher material do chão	Limpar pátio da cooperativa (galpão)	Limpar a prensa
	7 CM	8 CM	9 CM	10 CM	11 CM	12 CM
	Limpar a balança	Retirar água de recipientes	Tratar animais	Realizar manutenção de veículos		
	13 CM	14 CM	15 CM	16 CM		
F DIVULGAR O TRABALHO DE RECICLAGEM	Conversar com a população de porta em porta	Prestar informações sobre coleta seletiva e materiais recicláveis	Divulgar o trabalho da cooperativa	Entregar folhetos	Divulgar eventos	Orientar sobre preservação do meio ambiente
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
G ADMINISTRAR O TRABALHO	Vender material	Comprar material	Negociar preços	Coordenar o trabalho dos cooperados	Controlar gastos	Prestar contas
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Definir escalas	Fazer lista de material	Participar de reuniões administrativas	Participar de reuniões para tomada de decisões (assembléias geral, ordinária e extraordinárias)	Participar de comissões, comitês	Organizar assembléias gerais com cooperados
	7 CM	8 CM	9 CM	10 CM	11 CM	12 CM
	Organizar cursos de capacitação para cooperados e familiares	Promover ajuda aos cooperados mais necessitados	Organizar eventos sociais da cooperativa	Estabelecer parcerias com empresas, órgãos governamentais, Ong	Organizar campanhas de esclarecimento	Contratar serviços de calibração de balanças
	13 CM	14 CM	15 CM	16 CM	17 CM	18 CM
H TRABALHAR COM SEGURANÇA	Vestir equipamento de proteção individual	Vacinar-se	Realizar exames de saúde periódicos	Desinfetar ferimentos	Vestir faixa de sinalização cintilante (Colete)	Vestir proteção contra chuva, sol (Capas, bonés, sapatos, etc)
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Vestir uniforme da cooperativa					
7 CM						

Z DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS	Demonstrar prudência	Demonstrar paciência	Organizar-se (associações, cooperativas)	Valorizar-se como profissional	Demonstrar espírito de prosperidade	Demonstrar educação
	1 CM	2 CM	3 CM	4 CM	5 CM	6 CM
	Demonstrar eficiência	Demonstrar agilidade (esperteza)	Demonstrar sinceridade	Demonstrar honestidade	Auto-organizar-se	Demonstrar criatividade
	7 CM	8 CM	9 CM	10 CM	11 CM	12 CM
Demonstrar perseverança	Demonstrar jogo de cintura	Demonstrar capacidade de atenção constante	Demonstrar habilidade de puxar carroça	Proteger-se contra a violência na rua		
13 CM	14 CM	15 CM	16 CM	17 CM		

ANEXO II

Decreto de 11 de setembro de 2003

Cria o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

Decreta:

Art. 1º Fica criado o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo, com a finalidade de:

I – implementar o Projeto Interministerial Lixo e Cidadania: Combate à Fome Associado à Inclusão de Catadores e à Erradicação de Lixões, visando garantir condições dignas de vida e trabalho à população catadora de lixo e apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos Municípios;

II – articular as políticas setoriais e acompanhar a implementação dos programas voltados à população catadora de lixo;

III – definir mecanismos de monitoramento e avaliação da implantação das ações articuladas que deverão atuar de forma integrada nas localidades.

Art. 2º O Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo será composto por um representante, titular e suplente, de cada órgão e entidade a seguir indicados:

I – Casa Civil da Presidência da República;

II – Ministério da Educação;

III – Ministério da Saúde;

IV – Ministério do Trabalho e Emprego;

V – Ministério da Ciência e Tecnologia;

VI – Ministério do Meio Ambiente;

VII – Ministério da Assistência Social;

VIII – Ministério das Cidades;

IX – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior;

X – Gabinete do Ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome;

XI – Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República;

XII – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; e

XIII – Caixa Econômica Federal.

§ 1º O Comitê poderá convidar representantes de órgãos da administração federal, estadual e municipal e de entidades privadas, inclusive organizações não governamentais, para o acompanhamento dos trabalhos.

§ 2º A coordenação do Comitê será exercida em conjunto pelos representantes do Ministério das Cidades e do Gabinete do Ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome.

§ 3º Os membros do Comitê serão indicados pelos titulares dos órgãos e entidades representados e designados pelo Ministro de Estado das Cidades.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de setembro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

Luiz Inácio Lula da Silva

José Graziano da Silva

Olívio de Oliveira Dutra

ANEXO III

Esta história é um roteiro de teatro escrito por Caio.

A Vida de Dona Érica

A vida da família da Dona Érica não é nada fácil.

O senhor Romualdo, esposo de Dona Érica, trabalhava de motorista, mas atualmente, está desempregado há mais de dois meses.

Dona Érica tem dois filhos e trabalha como dona do lar.

Um dia ela esperava por seu marido. Ele tinha saído para procurar serviço. Na casa deles não tinha mais comida e os dois filhos reclamavam que estavam com fome.

Ela não podia mais pedir comida emprestado para as vizinhas, pois elas já estavam cansadas de emprestar e não receber de volta.

Então a única solução era de esperar o seu marido retornar da rua, na esperança dele ter conseguido arrumar algum bico e trazer comida para casa.

Mas o seu Romualdo chegou da rua, sem a comida e sem o dinheiro.

A Dona Érica (S) perguntou?

S.: Romualdo (R), você conseguiu alguma coisa?

Romualdo respondeu furioso e grosseiramente.

R.: não Dona Érica, não consegui nada.

Dona Érica então retruca.

S.: Romualdo os meninos estão com fome e não temos nada para comer.

Romualdo então responde.

R.: eu vou no bar do senhor Antonio para ver se ele me vende 1 Kg de arroz, a fiado. Vou dizer a ele que pago em serviço, pois ele está precisando fazer a rede de esgoto na casa dele. Então vou lá falar com ele.

Chegando no bar do senhor Antonio, o senhor Romualdo encontra um morador da mesma rua, o senhor José, mais conhecido como José, e que trabalha como catador, catando lixo, papel, vidro, papelão nas ruas vende para os ferros-velhos e ganha algum dinheiro. Então o senhor Romualdo, cumprimentou o senhor Antonio, que é o proprietário do comércio.

R.: bom dia senhor Antonio.

O senhor Antonio (A) responde.

A.: bom dia, senhor Romualdo.

Logo em seguida, cumprimenta o senhor José.

A.: bom dia, senhor José.

O senhor José (J.) responde.

J.: bom dia, senhor Romualdo.

Em seguida o senhor José pergunta.

J.: ta tudo bem senhor Romualdo?

O senhor Romualdo responde.

R.: José, não está nada bem, eu acordei hoje cinco horas da manhã, andei pra caramba a pé a procura de emprego e não consegui nada, nem bico para fazer. Aí eu

cheguei em casa e a Dona Érica falou que não tinha nada para comer. Meus filhos estão com fome e eu não sei mais o que fazer.

O senhor José tinha acabado de chegar do ferro-velho e já tinha feito a segundo viagem catando materiais nas ruas. Ele tinha ganho R\$ 10,00. então o senhor José se comoveu com a história do senhor Romualdo e ofereceu para ele os R\$ 10,00.

J.: senhor Romualdo eu te empresto estes R\$ 10,00 que eu acabei de ganhar.

O senhor Romualdo todo contente perguntou:

R.: *senhor José como que eu posso te pagar?*

O senhor José responde:

J.: senhor Romualdo é simples.

R.: simples? Como assim?

J.: *eu convido o sinhô para ir comigo catar papelão nas ruas.*

R.: mas eu nunca catei materiais na rua.

J.: *é fácil, o senhor vai comigo e o que nós vendê nós dividimos, assim o senhor me paga os R\$ 10,00.*

R.: José eu estou muito agradecido. Que Deus lhe pague.

J.: *amanhã cedinho, então, eu te espero para nós trabalha.*

Aproveitando a oportunidade o senhor José convida o senhor Romualdo para tomar uma pinga. O senhor José todos os dias toma uma pinga para almoçar. O senhor Romualdo não é de beber, mas acompanhou o José na dose. Então o José pediu:

J.: *senhor Antonio coloca uma para mim e outra para o senhor Romualdo.*

O senhor José é daqueles que joga meio copo para o santo. Depois que o senhor Romualdo acabou de beber tudo agradeceu o senhor José, e pediu para o senhor Antonio:

R.: senhor Antonio me dê 1Kg de arroz, de feijão, uma lata de óleo e uma dúzia de ovos.

O senhor Antonio então atendeu ao pedido do senhor Romualdo somou no caderno e respondeu:

A.: *senhor Romualdo. Deu R\$ 8,50.*

Senhor Romualdo paga com os R\$ 10,00 e sobra R\$ 1,50 de troco. Aí o senhor Romualdo pega a mercadoria o troco, agradece e vai embora. Chegando em casa encontra a Dona Érica e os meninos com fome. Os meninos (M.) quando viram o pai com comida ficaram contentes e saíram correndo em direção do pai..

M.: *pai trouxe comida mamãe!!!!!!!*

Neste momento a Dona Érica que tinha acabado de fazer uma oração para Deus dar uma luz. O senhor Romualdo entra em casa e fala:

R.: aqui Dona Érica a comida.

S.: como você conseguiu?

R.: eu encontrei o senhor José, que cata papelão lá no bar, e ele me emprestou R\$10,00.

S.: mas como você vai pagar este dinheiro para o senhor José?

R.: a partir de amanhã eu vou trabalhar com ele catando papelão nas ruas e no final do dia nós divide o lucro e assim eu pago os R\$10,00 para ele.

Dona Érica ficou surpresa com a resposta do Romualdo.

S.: mas Romualdo você vai catar papelão nas ruas?

R.: vou sim Dona Érica, não temos outra opção a não ser catar papelão.

Neste momento a Dona Érica ficou quieta, pegou os alimentos e foi para a cozinha prepara-los.

No dia seguinte o senhor Romualdo encontrou o José e foram trabalhar catando nas ruas dos bairros.

Enquanto estava catando o senhor Romualdo encontrou sua comadre, a senhora Bete.

A senhora Bete (B.) ficou surpresa com o emprego do senhor Romualdo e falou.

B.: mas compadre o senhor catando lixo nas ruas?

R.: sim comadre, estou catando lixo, não consigo arrumar emprego.

B.: e a comadre Dona Érica e os meninos como estão?

R.: estão bem, graças a Deus, e o nosso amigo aqui o senhor José.

Logo despediram-se e os dois continuaram a trabalhar.

No final da tarde foram vender no ferro-velho e ganharam R\$20,00 para dividir para os dois, então ficaria R\$ 10,00 para cada um. Mas como o senhor Romualdo ficou devendo R\$10,00 para o senhor José, este ficou com todo o dinheiro e o senhor Romualdo pagou sua dívida.

No outro dia o senhor José não foi trabalhar porque ele tinha consulta médica marcada na UBS, então ele emprestou o carrinho para o senhor Romualdo trabalhar.

Diante disso, o senhor Romualdo chamou a Dona Érica para ir com ele catar na rua. A Dona Érica nunca tinha trabalhado, mas ela é mulher de garra. Ela aceitou ir trabalhar.

Então no dia seguinte eles foram trabalhar com o carrinho do José.

Na rua, eles encontraram com a Elisabeth (L.), sobrinha de Dona Érica. Mas quando ela viu a tia, virou a cara e fingiu que não conhecia. A Dona Érica, ainda chamou várias vezes pelo nome da Elisabeth, mas ela não respondeu.

A Dona Érica começou a chorar, por este acontecido. A Dona Érica se sentiu humilhada. Então senhor Romualdo falou.

R.: calma Dona Érica, ela fez isso porque nós estamos catando lixo, não fica assim não. Deus sabe o que fazer.

E continuaram a trabalhar.

No final do dia eles foram vender e receberam R\$ 45,00. ganharam algumas peças de carro em uma oficina mecânica. Os dois ficaram muito contente, e conversando, combinaram de fazer um carrinho com aquele dinheiro e no mesmo dia eles foram comprar os materiais para fazer o carrinho, e ainda sobrou dinheiro, então eles compraram arroz, feijão e carne. Os meninos ficaram muito alegre, pois fazia muito tempo que eles não comiam carne.

No outro dia senhor Romualdo devolveu o carrinho para o José. E comunicou ao José que não ia mais trabalhar com ele, pois ele já tinha as peças para fazer seu próprio carrinho.

Depois de fazer o carrinho começou a trabalhar junto com Dona Érica. Passando alguns dias ele começou a se desanimar e começou a chegar bêbado em casa e xingando. Tinha dias que ele não ia trabalhar porque estava bêbado. Então Dona Érica começou a pegar o carrinho sozinha e catar sozinha nas ruas.

Um dia ela foi convidada para participar de uma reunião na escola que o seu filho estudava. A reunião era sobre cooperativas. O pessoal que falou com ela era funcionários da prefeitura, da USP e da comunidade, que são os catadores. Ela aceitou ir a reunião. Estas pessoas perguntaram se ela conhecia mais pessoas que trabalhavam catando, aí ela respondeu:

S.: sim, o meu marido e o colega dele, o senhor José.

Então eles pediram para convidá-los. Dona Érica ficou alegre com o convite, chegando em casa, cansada, o senhor Romualdo estava bravo porque não tinha comida. Então a Dona Érica saiu para comprar a comida, foi fazer e depois comeram. Aí ela começou a conversar com o senhor Romualdo.

S.: Romualdo, hoje eu fui convidada para participar de uma reunião sobre cooperativa de catadores na escola dos meninos. O pessoal da prefeitura que convidou. Eles falaram que é bom para nós, nós vamos ganhar muito dinheiro.

O senhor Romualdo irritado, respondeu:

R.: mas Dona Érica você acredita nisso, isto é tudo política, você não tá vendo que é política, estes pessoal só quer saber de fazer alguma coisa no tempo da eleição, e depois que isto acabar?

Como ele não aceitou ir na reunião a Dona Érica não insistiu e foi convidar o senhor José. Este deu a maior força para os dois. Ela contou para que o senhor Romualdo não queria ir. Então foram os dois sem o Romualdo na reunião. Senhor José foi só por ir, já a Dona Érica foi com muita esperança de mudar sua vida.

Mas no momento da reunião chega o senhor Romualdo bêbado e começou atrapalhar a reunião. Daí a Dona Érica falou para o José:

S.: seria melhor que ele tivesse ficado em casa, pois só abre a boca para falar bobagem, e o pessoal já está ficando cansado dele.

Na reunião seguinte o senhor Romualdo já não foi mais, e no senhor José começou achar que não ia dar certo. Já a Dona Érica continuava indo fazer o curso de cooperativismo e logo depois começou a trabalhar na cooperativa que se chamava Cooper-verde. No primeiro mês ela recebeu R\$150,00, ficou muito triste, porque o carrinho já não estava dando dinheiro, pois tinha muitos catadores nas ruas. E o que ganhava não dava para comprar comida para casa. No segundo mês ela recebeu R\$ 250,00, comprou roupas para os meninos, para ela e o Romualdo.

O pessoal começou a saber disso e começou a investigar a vida da Dona Érica, até o senhor Romualdo mudou seus pensamentos e começou a participar das reuniões.

Hoje ele é um cooperado e tira R\$600,00 por mês.

Aquela sobrinha da Dona Érica, que virou a cara para ela, trabalha, atualmente, na casa da Dona Érica de empregada doméstica. Ela lava, passa, cozinha e cuida das crianças.

A Dona Érica trabalha das 6:00 às 18:00 horas todos os dias, sábado e alguns domingos. Ela participa de exposição de móveis reciclados em shopping e representa a cooperativas em feiras de artesanatos em várias cidades. Ela chegou a viajar para outros estados, também representando a cooperativa. Já foi até em Brasília em um congresso.

Hoje a cooperativa tem 130 cooperados. No começo tinham apenas 9 pessoas.

O senhor José também é um cooperado e trabalha de motorista dos caminhões. Ele está muito contente, já conseguiu construir sua casa de alvenaria, e comprou um fusca.

O senhor Romualdo parou de beber, voltou a estudar. Fez curso de computação, já está estudando direito com o dinheiro que ele ganha paga a faculdade. Ser advogado sempre foi o sonho do senhor Romualdo, para ser advogado dos pobres.

A Dona Érica hoje se sente uma mulher realizada com seu serviço. Tem uma vida digna, tem orgulho da família que tem. E ela sempre agradece a Deus.

ANEXO IV



Fotos 7 e 8: Catadores e seus filhos trabalhando em lixão clandestino

ANEXO V



Fotos 9 e 10: Catadores do grupo de Bonsucesso triando material coletado.



Fotos 11 e 12: Catadoras triam material no quintal de Dona Érica.



Fotos 13 e 14: Romualdo mostra o material triado. Ele queima o plástico para identificar através do cheiro seu tipo.



Fotos 15 e 16: Romualdo mostra em seu quintal os pacotes do material triado.